



**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE-UNIPLAC
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE OLIVEIRA

**CARTOGRAFIA AMBIENTAL: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES E
MORADORES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO
ESCOLAR**

**LAGES (SC)
2018**



CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE OLIVEIRA

**CARTOGRAFIA AMBIENTAL: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES E
MORADORES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO
ESCOLAR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu- Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa II: Educação, Processos Socioculturais e Sustentabilidade.

Orientadora: Dr^a. Lucia Ceccato de Lima

**LAGES (SC)
2018**



Ficha Catalográfica

Oliveira, Cristian Roberto Antunes de.

O48c Cartografia ambiental: percepções dos professores e moradores sobre a transformação da paisagem no entorno escolar/Cristian Roberto Antunes de. – Lages, SC, 2018.

191 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense.
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense.

Orientadora: Dra. Lucia Ceccato de Lima

(Elaborada pelo Bibliotecário Sylvania de F. R. Dalla Costa - CRB-14/748).



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)
MESTRADO ACADÊMICO

Cristian Roberto Antunes de Oliveira

**CARTOGRAFIA AMBIENTAL: PERCEPÇÕES
DOS PROFESSORES E MORADORES SOBRE
A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO
ENTORNO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação, na L – 2 Educação,
Processos Socioculturais e Sustentabilidade

Aprovada em 17 de dezembro de 2018.

Prof. Dra. Lucia Ceccato de Lima
(Orientadora e Presidente da Banca Examinadora)

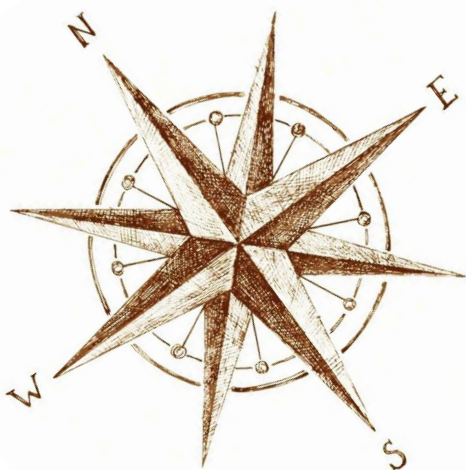
Prof. Dr. Leonel Piovezana
(Examinador Titular Externo - PPGE/UNOCHAPECÓ)

Prof. Dra. Marina Patrício de Arruda
(Examinadora Titular Interna - PPGE/UNIPLAC)

Prof. Dra. Maria Selma Grosch
(Examinadora Suplente Interna - PPGE/UNIPLAC)

Mareli Eliane Graupe
Coordenadora PPGE
Portaria nº 004/2017

Lurdes Caron
Coordenadora Adjunta PPGE
Portaria nº 004/2017



Dedico este trabalho à minha mãe Deiane Moreira Antunes, que com sua força, incentivo, exemplo e amor, me guiou até aqui, o que me deu forças para procurar ser sempre melhor, mesmo diante das tantas adversidades. Mulher que é meu exemplo de persistência, humildade e determinação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo, ao imensurável, ao inominável, aquilo que o espírito não traduz pela mente, mas sabe-se pela parte.

Agradeço à minha mãe, que sonhou comigo este mestrado, que me incentivou durante toda minha trajetória pessoal e profissional. Que foi, e sempre será minha inspiração. Mulher que sempre admirei pela garra com que enfrentou a vida.

Ao meu pai, Emerson Roberto, que sempre acreditou e me incentivou na minha formação, homem de muitos princípios, ao qual admiro muito.

A minha companheira profissional e pessoal, Gislane Matos que compartilhou, sonhou, e viveu cada etapa deste Mestrado comigo. Obrigado pelo apoio incondicional, pelo carinho, pelo amor, pela paciência e pela ajuda gratuita, pelos diálogos e problematizações, por ouvir minhas queixas, angústias, enfim, por estar ao meu lado durante a construção deste trabalho.

Aos meus irmãos, Eduardo e Gustavo, que fazem parte da minha essência como ser humano, e que me tornaram muito melhor, pelo laço de amorosidade que criamos e vivemos juntos durante toda a nossa infância.

Agradeço à professora, orientadora e amiga, Dr^a Lucia Ceccato de Lima, pela dedicação e atenção, pelas oportunidades de aprendizagem, pelo conhecimento construído e por me guiar no desenvolvimento desta pesquisa, mostrando que sempre é possível avançar, aprofundar e evoluir com muita humildade.

Agradeço aos meus avós, Sebastião, Maria Marcolina e Joceli, exemplos de vida, que muito me ensinaram, levarei para sempre seus exemplos.

Agradeço ao colegiado do PPGE do Mestrado em Educação Uniplac, pelos ensinamentos compartilhados ao longo de todo percurso.

A todos os colegas de mestrado pelo companheirismo, ensinamentos, as angústias e as boas risadas compartilhadas. Em especial a minha amiga Cláudia Puerari.

Agradeço a minha amiga Ana Paola Chiaradia, que tanto me incentivou para que eu ingressasse no Mestrado.

Agradeço a todos os colegas da Secretaria Municipal de Educação, em especial ao Núcleo de Excelência em Educação Permanente.

Agradeço as minhas amigas Luciane Perdoná, Maria Cristina e Anália Andrade, que tanto me incentivaram durante esta jornada.

Agradeço as minhas amigas, mães que o coração escolheu, Elisabete, Malu e Inez que vibraram comigo a cada conquista deste sonho. Gratidão eterna por tudo que representam na minha vida.

Faço aqui uma homenagem ao senhor Altamiro Madruga, que foi um dos sujeitos da nossa pesquisa. Um dos moradores mais antigos do bairro Santa Clara, que nos deixou enquanto caminhávamos para finalização do estudo. Ficará aqui, registrada e eternizada, suas memórias.

A todos que de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho. Muito obrigado!

À UNIEDU, pelo apoio e incentivo financeiro, garantindo a permanência no curso, bem como a participação em eventos, promovendo o desenvolvimento contínuo de pesquisas e conhecimento no Estado de Santa Catarina.



“Nosso primeiro professor é o nosso próprio coração”

Pajé Cheyenne

[...] fazemos nossa história e nossa geografia, mas não a nosso bel-prazer; não as fazemos em circunstâncias escolhidas por nós mesmos, mas em circunstâncias diretamente encontradas, dadas e transmitidas a partir das geografias históricas produzidas no passado.

Edward Soja



RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a percepção ambiental de professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre a transformação da paisagem no entorno escolar. Na organização de sua estrutura, escolhemos a ciência cartográfica como metáfora da pesquisa. Destaca-se que neste contexto está localizada uma escola da rede municipal de Lages (SC), e no seu entorno estão os sujeitos da pesquisa. A referida unidade de ensino é a principal referência na formação do bairro e compreender este processo foi imprescindível no movimento da transformação da paisagem. Diante dos objetivos que temos traçados, aproximemos-vos do referencial teórico que embasou a dissertação, amparando-se em: Santos (1994); (1996); (2002); Cavalcanti (2004); Bardin (2010); Lima (2007); Leff (2001); Dias (1992); Guimarães (2001); Morin (2003); (2005); (2007) Merleau Pontty (1999); Tuan (2012). Além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental (2012). Os objetivos específicos que permearam o referido estudo foram: identificar a educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar; realizar o levantamento documental junto aos moradores do bairro, da escola e a Prefeitura de Lages e outras fontes que registraram as transformações da paisagem do entorno escolar; identificar a percepção ambiental dos professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre o entorno escolar; e analisar se a escola EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro como um espaço de referência do bairro Santa Clara. Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados: pesquisa documental, questionários, e entrevistas narrativas. Do ponto de vista metodológico, define-se pela abordagem qualitativa. Na coleta de dados, foram aplicados questionários semiestruturados com professores e moradores do bairro, as perguntas foram abertas e fechadas, estabelecendo uma relação com as categorias de estudo, posteriormente este os sujeitos foram selecionados conforme o interesse da pesquisa para as entrevistas narrativas. Após esse processo, foi realizada a triangulação dos dados coletados. Os dados obtidos na pesquisa de campo foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo, seguindo-se os pressupostos de Bardin (2010). Os resultados que ficaram evidentes no estudo referem-se à percepção da transformação da paisagem no entorno escolar, por parte dos professores e moradores que vivem no entorno escolar. Também, quanto ao espaço escolar da EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro, ser referência para a formação histórica, política, geográfica e social do bairro Santa Clara - Lages (SC), onde diferentes evidências sobre a falta de consciência ambiental contribuíram para os movimentos de uso e ocupação deste espaço geográfico.

Palavras-Chave: Cartografia Ambiental. Transformação da Paisagem. Entorno Escolar. Percepção Ambiental.

ABSTRACT

This research objective was to analyze the environmental perception of teachers and residents of the Santa Clara - Lages neighborhood (SC) over the landscape transformation in the school surroundings. While organizing the structure, we chose the cartographic science as a metaphor for the research. It stands out that a school of Lages (SC) municipal network is located in this context, and the research subjects are in its surroundings. The unit of education cited is the main reference in the neighborhood formation and to comprehend this process was essential in the movement of the landscape transformation. In view of the objectives set out, let us approach the theoretical framework that underlies the dissertation, based on: Santos (1994); (1996); (2002); Cavalcanti (2004); Bardin (2010); Lima (2007); Leff (2001); Dias (1992); Guimarães (2001); Morin (2003); (2005); (2007) Merleau Pontty (1999); Tuan (2012). In addition to the National Curricular Parameters (1997); National Curricular Guidelines for Environmental Education (2012). The specific objectives that permeated the research were to discuss formal environmental education as a strategy to strengthen the community regarding the environmental transformations and the school surroundings; to complete the documentary survey with the neighborhood residents, the school and the Lages prefecture and other sources that recorded the landscape transformations of the school surroundings; to identify the environmental perception of teachers and residents of the Santa Clara - Lages neighborhood (SC) about the school surroundings; and recognize the Cel. Manoel Thiago de Castro Middle School as a reference space for the Santa Clara neighborhood. Documentary research, questionnaires and narrative interviews were implemented for the research development. From the methodological point of view, it's defined by the qualitative approach. During the data collection, semi-structured questionnaires were applied for teachers and residents of the neighborhood, the questions were open and closed, establishing a relationship with the categories of study, after this moment the subjects were selected according to the research interest for the narrative interviews. After this process, the data collected were triangulated. The data obtained in the field research were analyzed according to the content analysis method, following the assumptions of Bardin (2010). The results that were evident in the study refer to the perception of the landscape transformation in the school environment, by the teachers and residents living in the school surroundings. Also, regarding the school space of the Cel. Manoel Thiago de Castro Middle School, to be a reference for the historical, political, geographic and social formation of the Santa Clara - Lages (SC) neighborhood, where different evidences about the lack of environmental awareness contributed to the movements of use and occupation of this geographic space.

Keywords: Environmental Cartography. Landscape Transformation. School Surroundings. Environmental Perception.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Método para coleta de dados	26
Figura 2 – Concepção de Estudo	27
Figura 3 – Mapa Político do Estado de Santa Catarina	29
Figura 4 – Roteiro das Tropas Séc. XVIII e XIX.....	31
Figura 5 – Mapa Político da Localização de Lages no Território do Estado de Santa Catarina...	32
Figura 6 – Mapa da Localização de Lages e os seus municípios limítrofes.....	32
Figura 7 – Imagem frontal da Unidade de Ensino Cel. Manoel Thiago de Castro	34
Figura 8 – Relação da escola com a comunidade	35
Figura 9 – Rosa dos Ventos que compõe a coleta de dados	36
Figura 10 – Método de análise de conteúdo	42
Figura 11– Organização da análise.....	42
Figura 12 – Triangulação dos dados por meio do método	46
Figura 13 – Articulação dos dados por meio da Triangulação do Método.....	47
Figura 14 – A Conferência Rio – 92	67
Figura 15 – Dificuldades no Âmbito Escolar da EA Formal	72
Figura 16 – Imagem de Satélite do Bairro Santa Clara	85
Figura 17 – Ação Antrópica	87
Figura 18 – O espaço e suas categorias	91
Figura 19 – Fachada da EMEB. Cel Manoel Thiago de Castro	96
Figura 20 – Fachada do Centro de Educação Infantil	98
Figura 21 – EMEB Cel. Manoel Thiago de Castro	99
Figura 22 – Campinho de Futebol/ Construção da quadra de esportes	101

Figura 23 – Sanemaento básico década de 90	104
Figura 24 – Cartografando as imagens de satélites da ocupação do bairro	106
Figura 25 – Crescimento do bairro Santa Clara	107
Figura 26 – Casas instaladas na zona do meretrício	110
Figura 27 – Zona do meretrício instalada na década de 70	112
Figura 28 – Casas de luxo de prostituição no bairro Santa Clara.....	113
Figura 29 – Santa Clara é um bairro pobre.....	114
Figura 30 – Primeira casa do bairro Santa Clara	115
Figura 31 – Infraestrutura do bairro Santa Clara	116
Figura 32 – Economia voltada a agropecuária	117
Figura 33 – Igreja evangélica do bairro Santa Clara	118
Figura 34 – Paisagem do bairro Santa Clara	119
Figura 35 – A relação do tempo com o espaço geográfico	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados Geográficos do Estado de Santa Catarina	30
Quadro 2 – Dados Geográficos de Lages (SC)	31
Quadro 3 - Ponto cardeal da Rosa dos Ventos - Documentos a serem analisados.....	38
Quadro 4 – Ponto colateral da Rosa dos Ventos: estrutura dos questionários	39
Quadro 5 – Fases Principais das Entrevistas Narrativas	41
Quadro 6 - Critérios de qualidade para Categorização Bardin (2010)	45
Quadro 7 – Revisão metodológica da pesquisa	48
Quadro 8 – Mapeamento nos Bancos de Dados	50
Quadro 9 – Banco de dados <i>SCIELO</i> - Artigos	53
Quadro 10 – Banco de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD	58
Quadro 11 – Banco de dados da Capes - Dissertações e Teses	60
Quadro 12 – Banco de dados UNIPLAC- Dissertações	61
Quadro 13 – Transversalização da Educação Ambiental	75
Quadro 14 – Síntese dos pressupostos metodológicos	78
Quadro 15 – Conceitos de paisagem	80
Quadro 16 – Dinâmica da Pesquisa documental	94
Quadro 17 – Número de moradores no bairro Santa Clara	107
Quadro 18 – Perfil dos professores	121
Quadro 19 – Perfil dos moradores.....	122
Quadro 20 – Perfil dos sujeitos moradores.....	144
Quadro 21 – Perfil dos sujeitos professores	145
Quadro 22 –Processo de categorização	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População do Bairro Santa Clara	33
Gráfico 2 – Quantificando a seleção de trabalhos nos Bancos de Dados.....	62
Gráfico 3 – Percepção da transformação da paisagem	123
Gráfico 4 – Percepção dos professores/ Sentimento de pertencimento.....	124
Gráfico 5 – Conhecimento do histórico da escola.....	125
Gráfico 6 – Participação em projetos de Educação Ambiental	126
Gráfico 7 – Percepção do crescimento do bairro Santa Clara	129
Gráfico 8 – Quantificando a seleção de trabalhos nos Bancos de Dados.....	130
Gráfico 9 – Relação professor x comunidade.....	132
Gráfico 10 – Percepção do uso e ocupação do solo no entorno escolar.....	133
Gráfico 11 – Reconhecimento da importância da escola para comunidade	134
Gráfico 12 – Percepção do Crescimento do bairro pelos moradores	135
Gráfico 13 – Sentimento de pertencimento	137
Gráfico 14 – Percepção da transformação da paisagem no entorno.....	139
Gráfico 15 – Conhecimento sobre o espaço da escola	142

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
DCNA	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SC	Santa Catarina
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
PPP	Projeto Político Pedagógico
EA	Educação Ambiental
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
UNIPLAC	Universidade do Planalto Catarinense
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal
<i>SCIELO</i>	<i>Scientific Electronic Online</i>
BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações
UNIPLAC	Universidade do Planalto Catarinense
JEPP	Jovens Empreendedores Primeiros Passos
CEIM	Centro de Educação Infantil Municipal
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	CARTOGRAFIA INTRODUTÓRIA DA PESQUISA.....	18
2	A BÚSSOLA TEÓRICA METODOLÓGICA QUE ORIENTA A PESQUISA ...	24
2.1	DELINEAMENTO DO OBJETO DE PESQUISA	28
2.2	MAPEANDO O LUGAR DA PESQUISA	28
2.2.1	Estado De Santa Catarina.....	28
2.2.2	Município De Lages	30
2.2.3	Bairro Santa Clara/Lages (SC)	33
2.2.4	Emeb. Cel. Manoel Thiago de Castro	34
2.3	A ROSA DOS VENTOS QUE COMPÕE A COLETA DE DADOS	36
2.3.1	Procedimentos para coleta dos dados	36
2.3.2	Pesquisa documental: ponto cardeal	37
2.3.3	Questionário: ponto colateral	39
2.3.4	Entrevistas narrativas: ponto subcolateral	40
2.4	CARTOGRAFANDO A ANÁLISE DE CONTEÚDO	42
2.4.1	A organização da análise.....	42
2.4.2	Codificação do Material Coletado	44
2.4.3	Categorização.....	44
2.4.4	Interpretação dos resultados	45
2.5	TRIANGULAÇÃO DO MÉTODO.....	45
2.6	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	48
2.7	QUADRO SÍNTESE TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	48
3.	A ESCALA NUMÉRICA DO ESTADO DA ARTE: PROJEÇÃO DE NOVOS CAMINHOS.....	50
3.1	BANCO DE DADOS DA <i>SCIELO</i>	51
3.2	BANCO DE DADOS BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES- BDTD.....	53
3.3	BANCO DE DADOS DA CAPES/CATÁLOGOS DE TESES E DISSERTAÇÕES.....	59
3.4	BANCO DE DADOS DA UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE.....	60
4	EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: CONSTRUINDO CONCEITOS, RECRIANDO VALORES E OPORTUNIZANDO NOVOS COMPORTAMENTOS	64

4.1 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO NACIONAL E GLOBAL.....	64
4.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS	69
4.3 TRANSVERSALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	74
4.4 CARTOGRAFIA AMBIENTAL E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA.....	76
5 TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES ANTRÓPICAS.....	80
5.1 CONCEITUANDO PAISAGEM	80
5.2 OCUPAÇÃO E USO DO SOLO NO ENTORNO ESCOLAR DO BAIRRO SANTA CLARA/LAGES (SC).....	83
5.3 AS RELAÇÕES ANTRÓPICAS NA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM	86
6 O ENTORNO ESCOLAR E A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO OCUPADO	89
6.1 O CONCEITO DE LUGAR.....	89
6.2 O ESPAÇO GEOGRÁFICO E SUA COMPLEXIDADE	90
6.3 PERCEPÇÃO AMBIENTAL E COMPLEXIDADE DO ESPAÇO	92
7 A FEITURA DO MAPA: RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	94
7.1 PONTO CARDEAL: PESQUISA DOCUMENTAL.....	94
7.1.1 O contexto histórico e a transformação da paisagem no entorno escola...Imagens que traduzem a força do tempo	95
7.1.2 Cartografando as imagens de satélites: ocupação e uso do solo no entorno escolar	105
7.1.3 A vulnerabilidade social e a ocupação/transformação da paisagem no bairro Santa Clara.....	110
7.1.4 Revisitando o passado para entender o presente: o contexto histórico, político, social e geográfico na formação do bairro Santa Clara	115
7.2 PONTO COLATERAL: QUESTIONÁRIOS	120
7.2.1 O perfil dos sujeitos da pesquisa	120
7.2.2 Revisitando vivências e experiências, o tempo como elemento transformador	122
7.2.3 Revirando memórias...Um olhar para o passado	134
7.3 PONTO SUBCOLATERAL: ENTREVISTAS NARRATIVAS	144
7.3.1 De onde ecoam as vozes? O perfil dos sujeitos.....	144
7.3.2 Mapeando as categorias <i>a posteriori</i> ... Uma viagem com Bardin.....	145
7.3.3 Uma prosa acompanhada de um bom chimarrão: as vozes dos moradores	146
7.3.4 Um café e dois dedos de prosa: as vozes dos professores	154

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
REFERÊNCIAS	164
APÊNDICES	174
APÊNDICE 01 –TCLE	174
APÊNDICE 02 – Termo de cessão de imagem- Gestora	177
APÊNDICE 03 – Termo de cessão de imagem- Moradores	178
APÊNDICE 04 – Questionário para os moradores	179
APÊNDICE 05 – Questionário para os professores	182
APÊNDICE 06 – Roteiro para as entrevistas narrativas moradores	186
APÊNDICE 07 – Roteiro para as entrevistas narrativas professores	187
ANEXOS	188
ANEXOS 01- Parecer do comitê de ética e pesquisa.....	188
ANEXOS 02- Declaração de Ciência e Concordância	191

1. CARTOGRAFIA INTRODUTÓRIA DA PESQUISA

Os primeiros traços que constituem a cartografia da pesquisa...

"Saber um mapa é ver, pelos símbolos, o espaço que ele representa."

Rubem Alves

A cartografia¹ tem como objetivo mapear os caminhos que constituem este trabalho, indexando a sua relevância com a trajetória profissional do autor, bem como alinhavar-se com a temática escolhida.

A ciência cartográfica estuda a representação do espaço, que por meio dos mapas, é capaz de traduzir em imagens as vivências e experiências de sujeitos alocados em diferentes contextos espaciais, contemplados pela perspectiva do local/global.

Neste sentido, escolheu-se como elemento norteador dos caminhos da pesquisa a ciência cartográfica, para elucidar a relevância, e caracteriza/tematizar o arcabouço teórico do estudo. Por meio dessa ciência, surgem os traços que constituem a metáfora da pesquisa.

O processo de formação de um espaço geográfico se constitui de diferentes formas, sendo permeado por forças internas e externas que influenciam na transformação do lugar. Sendo assim, alguns elementos geográficos são imprescindíveis para se conhecer a história de um bairro, entre eles a dinâmica que envolve a transformação da paisagem, que perpassa por elementos da natureza e a intervenção humana nesse processo. Conhecer o espaço, é reconhecer a memória do lugar em que estamos inseridos, é fomentar o protagonismo das vivências e experiências do nosso *"pedaço de chão"*.

A fim de compreendermos fatores que fomentaram para transformação da paisagem no entorno escolar do bairro Santa Clara, se fez necessário buscar as percepções de professores e moradores, sujeitos envolvidos na transformação da paisagem do lugar.

Esse estudo partiu do princípio de que é necessário construir uma consciência da importância da escola na formação social, histórica e geográfica do bairro. Sendo assim, se tinha como pressuposto que professores e moradores percebiam as transformações ambientais e da paisagem do bairro Santa Clara, Lages (SC), porém não existiu influência de políticas

¹ [...] cartografia é a arte e a ciência de elaborar mapas; é arte perfeita para satisfazer as exigências de um conjunto de preceitos, conceitos, é como: saber escolher e aproveitar os dados literários geográficos, possuir um senso instruído e construído, é uma habilidade experimentada, é um desenho minucioso do lugar, é arranjo dos símbolos (SOUKUP, 1966, p. 10).

públicas voltadas à educação ambiental formal no processo de ocupação do espaço geográfico no entorno escolar.

No estudo da transformação da paisagem com o processo de urbanização, destaca-se que se teve como concepção refletir, compreender, observar, interpretar e saber pensar o espaço geográfico, que é um produto histórico, e que revela as práticas sociais das pessoas que nele convivem. Esse espaço geográfico pode ser lido e entendido de diferentes formas.

Cabe então ressaltar que o processo de urbanização teve forte relação com os processos migratórios, a construção inadequada em áreas urbanas, com a falta de planejamento, bem como a inadequada ocupação e uso do solo, e esses movimentos foram indissociáveis da transformação da paisagem.

Partindo deste princípio o estudo teve como intenção trabalhar as seguintes categorias: **Cartografia Ambiental; Transformação da Paisagem; Entorno Escolar e Percepção Ambiental.**

Diante do exposto acima a problemática desta pesquisa emergiu questionando: como os professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) perceberam as transformações ambientais e da paisagem no entorno escolar?

A cartografia que me constitui...

[...] cartografia... uma pesquisa que não desenha um mapa fixo ou histórico, mas estuda as relações, os encontros com o mundo, as forças em movimento desprendidas nesses encontros, enquanto eles acontecem. (SANTOS, 1994, P.19)

Diante da minha formação na área de licenciatura em História e Geografia, o desejo por compreender essa temática foi ganhando ênfase na minha trajetória pessoal e profissional.

Sendo assim, em 2016 realizei um projeto com os meus estudantes do 6º ano do ensino fundamental, a fim de uma investigação de fatores que contribuíram para transformação da paisagem no bairro Santa Clara, escola, onde iniciei minha atuação profissional.

Naquele momento o trabalho se deu por meio de um processo de intervenção pedagógica, no sentido, de discutir conceitos e percepções, bem como refletir sobre a compreensão da paisagem, a partir da influência do processo de urbanização e ocupação e uso do solo.

Essa discussão apontou diferentes alternativas para preservar a paisagem natural, bem como os prós e contras da urbanização que no processo acaba alterando ou interferindo de forma considerável a paisagem do lugar. Além das questões geográficas, verificaram-se, elementos

históricos da influência da Escola Municipal de Educação Básica Cel. Manoel Thiago de Castro, como protagonista dessa modificação na formação/transformação do bairro Santa Clara.

Surgiu então, o anseio de procurar identificar quais as contribuições da escola, para o processo de transformação da paisagem no bairro Santa Clara, e quais foram suas implicações sociais para este lugar.

Em 2016, realizei minha especialização em docência no ensino superior, e com ela fomentou-se o anseio pela pesquisa. Ao término da especialização, decidi fazer o processo de seleção da prova do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Educação Uniplac, dediquei-me para isso, e optei pela linha de pesquisa II – Educação, Processos Socioculturais e Sustentabilidade, que tem como intenção investigar os processos educativos, com ênfase na educação popular, movimentos sociais, educação ambiental, cultura e políticas públicas. Com especial interesse nos estudos sobre diferença, etnicidade, gênero, território e sustentabilidade. Obtive êxito no processo. Em 2017 ingressei no programa de Mestrado em Educação.

Além da formação acadêmica que perpassa pelas temáticas do estudo, surge o desejo de uma pesquisa científica que revele elementos que denotem a importância da escola para comunidade do bairro Santa Clara, sendo essa, a minha atuação profissional que se dá há seis anos nessa comunidade escolar, e o sentimento de pertencimento a ela é intrínseco, pois iniciei minha carreira docente nesse bairro, ao qual fui bem acolhido e me constitui professor.

Outro fator que impulsiona para pesquisa é que, em 2019, essa unidade de ensino estará completando cinquenta anos, no mês de abril, sendo importante enaltecer suas contribuições por meio de uma pesquisa que apresente seu papel social diante do espaço ao qual está inserida.

O sentimento de pertencimento ao lugar revela-se como fator motivador para uma pesquisa que buscou resgatar a memória desse recorte geográfico da Região Sul da Cidade de Lages - (SC), de modo que os sujeitos que fazem parte dessa transformação se sintam parte do todo.

Dos traços que constituem a temática de estudo às questões que compõem o mapa teórico da pesquisa:

Compreender o papel da escola no processo de formação do bairro Santa Clara é reconhecer a importância desse educandário ao longo de sua história, é perceber como professores e moradores de forma indissociável construíram a história deste lugar, e por meio da percepção das vivências/experiências desses sujeitos no processo de transformações ambientais e da paisagem que se pretende descrever a importância do entorno.

A fim de que a pesquisa tenha sua relevância amparada nos pressupostos de seu delineamento, emergiu o **objetivo geral: analisar a percepção ambiental de professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre a transformação da paisagem no entorno escolar.**

Na conjuntura do pensar reflexivo, surgiu à necessidade de partir do objetivo macro, para que outros traços pudessem contemplar a cartografia da pesquisa, sendo eles: **a)** identificar a educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar. **b)** realizar levantamento documental junto aos moradores do bairro, na escola e na Prefeitura de Lages e outras fontes que registrem as transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar. **c)** identificar a percepção ambiental dos professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre o entorno escolar. **d)** analisar se a escola Cel. Manoel Thiago de Castro é um espaço de referência para formação do bairro Santa Clara – Lages (SC).

Diante dos objetivos que foram traçados, aproximemos-vos do referencial teórico amparado em: Santos (1994); (1996); (2002); Cavalcanti (2004); Bardin (2010); Lima (2007); Leff (2001); Dias (1992); Guimarães (2001); Morin (2003); (2005); (2007); Merleau Ponty (1999); Tuan (2012). Além dos Parâmetros Curriculares Nacionais; legislação brasileira que fundamenta as Políticas Públicas nacionais, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental (2012).

Para o desenvolvimento da pesquisa foi escolhido à pesquisa de campo. Do ponto de vista metodológico, ficou definida pela abordagem qualitativa. E para coleta de dados foi utilizada a Pesquisa documental. Após este momento, foram aplicados questionários semiestruturados com professores e moradores do bairro, onde as perguntas foram abertas e fechadas, estabelecendo uma relação com as categorias *a priori*. Os sujeitos foram selecionados conforme o interesse da pesquisa para as entrevistas narrativas. Os dados obtidos na pesquisa de campo foram analisados de acordo com o Método de Análise de Conteúdo, seguindo-se os pressupostos de Bardin (2010).

Construir uma reflexão sobre o entorno escolar, exigiu amparar a cartografia que constitui esta pesquisa em seis capítulos, além dos resultados e análise dos dados coletados, que foi indexada com os objetivos do trabalho. Aqui se descreve o mapeamento realizado para fundamentação da dissertação.

O **primeiro capítulo** define-se como a bússola que orienta a dissertação, tendo como objetivo descrever todos os passos teóricos metodológicos do trabalho, bem como a epistemologia do estudo.

O **segundo capítulo** tem como objetivo o Mapeamento do Estado da Arte, a fim de projetar novos caminhos para a pesquisa, bem como, ampliar o olhar do pesquisador sobre o objeto de estudo. Sendo assim, por meio da pesquisa em quatro bancos de dados *on-lines*, buscaram-se diferentes trabalhos que contribuíssem para novas reflexões.

O **terceiro capítulo** é intitulado: Educação Ambiental e a Ciência Geográfica: construindo conceitos, recriando valores e oportunizando novos comportamentos. Que tem como objetivo discutir a educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar, fazendo uma análise a partir do olhar geográfico.

Na continuação pela constituição do mapa teórico que articula a pesquisa, o **quarto capítulo** ficou: Transformação da Paisagem no Entorno Escolar e suas Relações Antrópicas. Que tem como objetivo fazer uma análise dos conceitos sobre paisagem, bem como situar características do entorno escolar por meio da categoria lugar, referenciando o *locus* do estudo. Ainda assim, as relações antrópicas foram discutidas para se entender as transformações que ocorrem por meio da relação do homem com a natureza.

O **quinto capítulo** é intitulado: O Entorno Escolar e a Complexidade do Espaço Ocupado: A Percepção Ambiental, que tem como objetivo de refletir sobre o espaço que é múltiplo e complexo, a partir da base teórica amparada no geógrafo Milton Santos, relacionando a complexidade para se entender o entorno escolar, bem como correlacionar estes conceitos com a base epistemológica da pesquisa, além disso, discutir a percepção ambiental sobre o entorno, bem como, propor uma reflexão sobre o sentimento de pertencimento por meio de vivências e experiências com o espaço geográfico.

Os traços que constituem o desenho de um mapa, não se limitam, eles transcendem o espaço territorial, por suas múltiplas manifestações e significados, se articulam por meio das percepções dos sujeitos.

O protagonismo escolar é elemento instigante para o pesquisador, o que torna o **sexto capítulo**, um desafio, justamente pela ligação profissional/pessoal do autor. Porém, destaca-se, que o sentimento de pertencimento, com o *locus* da pesquisa, não eximi o autor do rigor que a pesquisa exige, pelo contrário, o levou ao exercício contínuo de se constituir como pesquisador, sabendo pensar este espaço, como referência da pesquisa, levando em consideração todas as informações coletadas de forma imparcial.

Sendo assim, neste capítulo, foi apresentada a feitura do mapa: os resultados e a análise dos dados coletados, e estes foram organizados conforme expomos abaixo:

- **Ponto Cardeal: pesquisa documental**

- ✓ O contexto histórico e a transformação da paisagem no entorno escola...Imagens que traduzem a força do tempo
- ✓ Cartografando as imagens de satélites: ocupação e uso do solo no entorno escolar
- ✓ A vulnerabilidade social e a ocupação/transformação da paisagem no bairro Santa Clara
- ✓ Revisitando o passado para entender o presente: o contexto histórico, político, social e geográfico na formação do bairro Santa Clara

- **Ponto Colateral: questionários**

- ✓ O perfil dos sujeitos da pesquisa
- ✓ Revisitando vivências e experiências, o tempo como elemento transformador
- ✓ Revirando memórias... Um olhar para o passado

- **Ponto Subcolateral: entrevistas narrativas**

- ✓ De onde ecoam as vozes? O perfil dos sujeitos
- ✓ Mapeando as categorias a posteriori... Uma viagem com Bardin
- ✓ Uma prosa acompanhada de um bom chimarrão: as vozes dos moradores
- ✓ Um café e dois dedos de prosa: as vozes dos professores.

Por fim, tecemos as considerações finais. É importante ressaltar que esta pesquisa adotou como base epistemológica a complexidade, pois é um trabalho complexo pela multiplicidade de agentes sociais envolvidos para se pensar em suas respostas. A complexidade aqui considerada baseou-se nos estudos de Morin (2003); (2005); (2007).

2. A BÚSSOLA² TEÓRICA METODOLÓGICA QUE ORIENTA A PESQUISA

“Fixar sua meta é como identificar a estrela Polar - aponte sua bússola sobre ela e a utilize como um meio de retomar o rumo quando for se desviar.”

Marshall Edward Dimock

A pesquisa foi realizada no entorno escolar do bairro Santa Clara- Lages (SC), para o seu desenvolvimento foi utilizada a pesquisa de campo. Neto (2005, p. 54) nos aproxima dos elementos e sujeitos que contêm a matéria em análise.

O estudo de campo se interessa pelo levantamento de uma determinada comunidade, sociedade instituição, grupo social. A pesquisa de campo pode ser desenvolvida considerando o método do estudo de caso, as técnicas de amostragem, observações controladas, entrevistas, aplicação de formulários, questionários testes e escalas, seguidos de análises estatísticas. Desse modo, o estudo proporcionará uma imagem mais completa e real dos fatos que tendem a caracterizar o problema que está sendo pesquisado.

Do ponto de vista metodológico, define-se com uma abordagem qualitativa. Considera-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (MINAYO, 1994) a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa, enfatizando a condição do pesquisador como sujeito e destacando a importância do diálogo com o campo empírico, no processo de produção de conhecimento.

No que tange a pesquisa qualitativa Lakatos Marconi explicita:

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (MARCONI, 2001, p. 44)

Para Demo (2005, p.32) a pesquisa é parte integrante do processo de formação da consciência crítica que sempre começa pela capacidade de questionar, da mesma forma que educar não é um processo que se faz aos pedaços ou em momentos e em condições cômodas.

² A invenção da bússola revolucionou a história da humanidade e deu ao homem a possibilidade de explorar um mundo novo. A bússola tem a referência da rosa dos ventos, que contém os pontos cardeais, colaterais e subcolaterais da Terra. Antes da invenção oficial da bússola, no entanto, o homem antigo já contava com um dispositivo semelhante, que teria sido inventado em 2000 a.C., pelos chineses. (GILBERT, 2001, p.8)

A fim de mapear os sujeitos da pesquisa, os critérios de inclusão utilizados foram os seguintes: professores efetivos, com no mínimo cinco anos de atuação docente na escola, podendo esses serem inativos, bem como moradores do entorno da escola, que residam na comunidade no mínimo há dez anos.

Sendo assim, ficaram excluídos os professores temporários na referida unidade de ensino, devido o contrato ser por um ano, e moradores que não vivenciaram o processo de transformação da paisagem no entorno escolar por um período mínimo de dez anos.

A pesquisa teve em seu primeiro momento como fonte de coleta de dados a pesquisa documental: “[...] a pesquisa documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

Como fontes para as análises documentais foram utilizados: fotos de portfólios da biblioteca da escola, álbuns de fotográficas de moradores, e arquivos de jornais impressos e digitais.

Em consonância com esta etapa, foram utilizados questionários semiestruturados com professores e moradores do bairro Santa Clara, as perguntas foram abertas e fechadas, estabelecendo uma relação com as categorias de análise.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128): “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”.

Dez questionários foram aplicados, sendo cinco para moradores e cinco com professores (a). Após aplicação, foram selecionados dois moradores e dois professores (a) para as entrevistas narrativas, conforme o perfil mapeado a partir dos objetivos.

As entrevistas narrativas foram gravadas em áudio, e posteriormente transcritas, para então serem analisadas, indexadas com a pesquisa documental, para que não se tornassem frágeis.

Os dados obtidos na pesquisa de campo foram analisados de acordo com o Método de Análise de Conteúdo, seguindo-se os pressupostos de Bardin (2010) que são denominados: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Após a coleta de dados foi realizada a triangulação.

Figura 1³- Método para Coleta de dados

Este é um trabalho complexo pela multiplicidade de agentes sociais envolvidos para se pensar em suas respostas. A complexidade aqui considerada baseia-se nos estudos de Morin (2005, p. 334),

[...] para quem a complexidade não produz nem gera a inteligibilidade, ela pode incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada. A complexidade não está no objeto, mas no olhar do pesquisador, na forma que ele estuda seu objeto e na maneira como ele aborda os fenômenos.

A pesquisa precisa também tornar-se atividade cotidiana, na qual se vê com olhos abertos, vendo o mundo criticamente, não apenas quando é interessante, mas sempre, e em todo lugar. Morin (2003) entende que o pensamento complexo é um tipo de pensamento que não se separa, mas une e busca as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida.

Por sua vez, Edgar Morin apud (SUERTEGARAY, 2004), identifica na Geografia a presença de um conhecimento multidimensional e formador de uma epistemologia da complexidade por princípio, haja vista abranger desde a física terrestre, a biosfera e as implantações humanas.

A Geografia, no seu campo de conhecimento, sempre procurou compreender o espaço geográfico, o espaço ao qual o homem ocupa e emerge as relações antrópicas. Entende-se que o espaço geográfico é complexo e contraditório, pois perpassa pelas relações na natureza e as práticas humanas. Sendo assim, este espaço, organiza-se socialmente e culturalmente por meio dessa relação.

³ Fractal é um conceito da Matemática que é expresso com a ideia de “[...] uma forma composta de partes que de algum modo são semelhantes ao todo.” (ALVES, 2007, p. XXXIII).

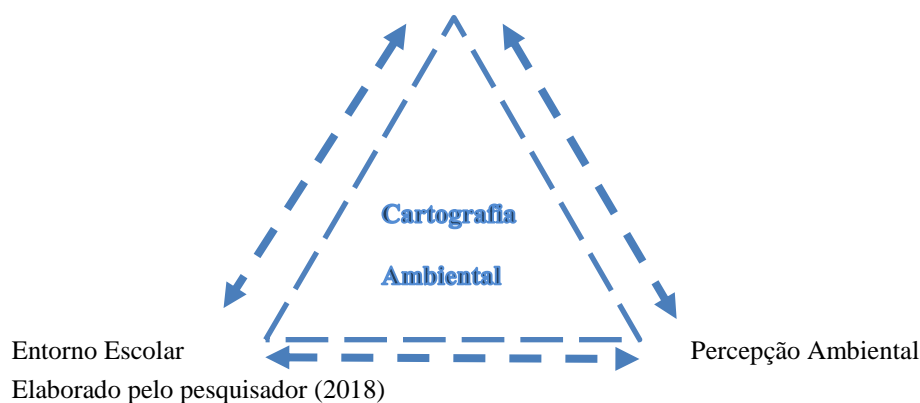
O espaço geográfico é amplo, e é lido a partir de diferentes categorias, sendo expresso pela relação com o ambiente que vivemos. Dessa forma aponta-se nesse estudo a Teoria Sistêmica, cujo responsável por sua divulgação foi o biólogo alemão Bertalanffy nos anos trinta do século vinte e difundida nos anos cinquenta do mesmo século, a qual permitiu a Geografia entender os fenômenos por meio de uma maior integração entre os elementos que os compõem. Porém, dificuldades metodológicas de aplicação dessa teoria na Geografia geraram a necessidade de se incluir outras formas de pensar e, nesse contexto, inclui-se a Teoria da Complexidade.

Amador (2009) entende que na Geografia o conceito de complexidade aparece mais substancialmente a partir da década de 1960, através de trabalhos que abordam a necessidade de compreensão da organização espacial. Nesse sentido, não existe mais uma maneira de se tratar o homem sem considerar um espaço geográfico, nem mesmo se referir a um ambiente físico sem relacioná-lo a uma intervenção antrópica, por menor que seja, é consenso que as diferentes escalas e esferas sejam interligadas.

A Geografia, então, para poder compreender a organização do espaço, tem na abordagem sistêmica e na teoria da complexidade um arcabouço teórico e metodológico para a otimização dos seus estudos, pois a partir delas busca explicar os processos naturais e humanos que dinamizam a sistemática da complexidade do entendimento do espaço. Diante disso, este trabalho tem como concepção de estudo as categorias *a priori*: **transformação da paisagem; entorno escolar; percepção ambiental e educação ambiental.**

Figura 2- Concepção de Estudo⁴

Transformação da Paisagem



⁴ Segundo Dias, [...] Fractal serve para expressar estruturas auto semelhantes que se repetem em diferentes escalas (extensões infinitas dentro de espaços finitos), impossíveis de o serem por meio de medidas euclidianas. DIAS (2000, p. 18).

A concepção de estudo tem como elemento norteador a Cartografia Ambiental, sendo assim, optou-se por não fechar o fractal a fim de elucidar as inter-relações que acontecem nesse movimento.

2.1 DELINEAMENTO DO OBJETO DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como premissa analisar a percepção ambiental de professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre a transformação da paisagem no entorno escolar.

Por meio dela, buscou-se identificar a educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar; realizar um levantamento documental junto aos moradores do bairro, na escola e na Prefeitura de Lages e outras fontes que registrem as transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar; identificar a percepção ambiental dos professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre o entorno escolar e analisar se a escola Cel. Manoel Thiago de Castro é um espaço de referência para formação do bairro Santa Clara – Lages (SC).

2.2 MAPEANDO O LUGAR DA PESQUISA

Mapear o lugar de onde emerge a pesquisa é um processo de suma importância, ainda mais relevante, diante da trajetória acadêmica do pesquisador, que é amparada na licenciatura em Geografia, sendo esta a ciência que se preocupa em compreender as relações do espaço pelo olhar da categoria lugar. Sendo assim, para que possamos mapear o *locus* da pesquisa, tomamos como ponto de referência em nossa bússola à localização a partir do Estado de Santa Catarina, de Lages, do bairro Santa Clara e por fim, da EMEB. Cel Manoel Thiago de Castro, sendo exposto um mapeamento do macro (Estado) para o micro (Escola) promovendo o sentido inverso da localização espacial.

2.2.1 Estado de Santa Catarina

Santa Catarina é o menor estado da região sul do Brasil, com apenas 95,4 mil km². A capital do estado é Florianópolis, cidade que está localizada na Ilha de Santa Catarina, que tem aproximadamente 523 km².

O litoral catarinense era ocupado por índios carijós aqui encontrados pelo navegador português Juan Dias Solis em 1515. Ele deu o nome de “Baía dos Perdidos” às águas entre a Ilha de Santa Catarina e o continente por conta do naufrágio de uma embarcação no local.

“Há controvérsias em relação ao nome do estado, ora atribuem a Sebastião Caboto por ter dado o nome em homenagem à sua esposa, Catarina Medrano e outros acreditam que o nome faça referência à Santa Catarina de Alexandria, santa da Igreja Católica” (SANTA CATARINA, 2007, p.18). Os primeiros imigrantes lá aportaram em 1829, instalando diversas colônias. Eram alemães e italianos.

Os Rios mais importantes do Estado são o Rio Iguaçú, Itajaí, Pelotas, Chapecó, Canoas, sendo os últimos três, afluentes do Rio Uruguai. Santa Catarina possui uma subdivisão denominada (mesorregiões) a qual o estado é dividido em seis, sendo elas: Grande Florianópolis; Norte Catarinense; Oeste Catarinense; Sul Catarinense; Vale do Itajaí; e Serrana, sendo essa, a que se encontra o município de Lages (SC).

O Planalto Serrano/Serra Catarinense tem como características o frio e o turismo rural, que são os grandes atrativos desta região, que tem como atividades econômicas a pecuária e a indústria florestal. Por conta das paisagens bucólicas e da neve que se precipita em algumas cidades, todos os anos o Planalto recebe milhares de visitantes no inverno. “A estrada da serra do Rio do Rastro, que desce em curvas sinuosas de uma altitude de 1.467 metros até o nível do mar, é uma atração à parte. Os principais municípios são Lages, Curitibanos, São Joaquim, Urubici e Bom Jardim da Serra” (OLIVEIRA, 2016, p.16). Os limites do Estado são os seguintes: Paraná (ao norte), Rio Grande do Sul (ao sul), Oceano Atlântico (leste) e Argentina (oeste), conforme figura do mapa abaixo:

Figura 3- Mapa Político do Estado de Santa Catarina



Fonte: IBGE (2010)

Quadro 1- Dados Geográficos do Estado de Santa Catarina/IBGE 2017

Capital: Florianópolis
Região: Sul
Sigla: SC
Gentílico: catarinense
População: 7.001.161 (estimativa 2017)- IBGE
Área (em km ²): 95.733,978
Densidade Demográfica (habitantes por km ²): 72,15 (estimativa 2016)
Quantidade de municípios: 295

Elaborado pelo pesquisador (2018)

2.2.2 Município de Lages (SC)

Fundada em 1766 pelo bandeirante paulista Antônio Correia Pinto de Macedo, Lajes⁵ servia inicialmente como estalagem para a ⁶rota comercial entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, principalmente na passagem do gado dos campos gaúchos para abastecer os trabalhadores da extração de ouro em Minas Gerais.

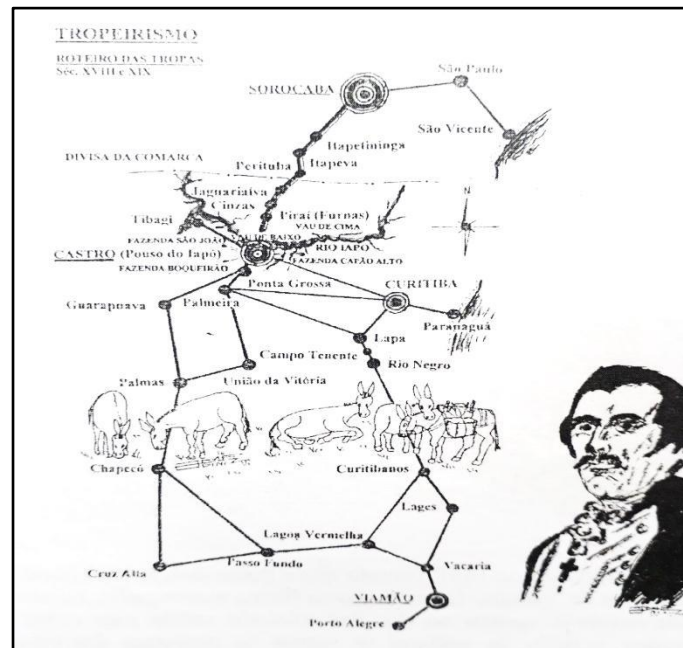
Durante mais de um século, as trocas mercantis realizadas entre o planalto serrano e o litoral catarinense eram transportadas por tropeiros. O principal produto do planalto era o gado, e do litoral vinham os derivados da cana-de-açúcar, da mandioca e o sal. Parte desse caminho ainda existe – às margens da BR 282 – conhecida como a Rota dos Tropeiros que ainda sobrevivem ao tempo (SANTA CATARINA, 2007, p.33).

Correia Pinto batizou-a assim devido à abundância da pedra laje na região, o nome original era Nossa Senhora dos Prazeres dos Campos das Lajens. Instituída vila pelo governador de São Paulo Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Lages teve seu território transferido da capitania de São Paulo para a capitania de Santa Catarina, por D. João VI, em 9 de setembro de 1820. Décadas após o fim da Revolução Farroupilha, teve seu primeiro paço municipal edificado entre 1898 e 1902.

É considerada polo da Região Serrana, tendo aproximadamente 160 mil habitantes (IBGE, 2017).

⁵ Em 25 de maio de 1860 é elevada a categoria de cidade chamada de Campos de Lajens devida à abundância de Pedra Laje (arenito) em certos pontos da região. Em 1960, pôr decreto assinado pelo Sr. Prefeito Vidal Ramos Júnior ficou estabelecido o topônimo de Lages com “G”. Lages foi colonizada por Paulistas e Espanhóis (SANTA CATARINA, 2007, p.30).

Figura 4- Roteiro das Tropas Séc. XVIII e XIX.



Fonte: Livro crônico do IAPÔ. Volume 1. Castro/PR

Lages está localizada na mesorregião serrana de Santa Catarina, sendo o principal município da região, e o que tem maior área em extensão territorial do Estado, com 2.632km². Seu relevo é planáltico, contendo a vegetação da ⁷Mata de Araucárias.

A economia lageana é basicamente sustentada pela pecuária, agricultura, indústria madeireira (com destaque na produção de papel e celulose) e turismo rural.

“O principal curso de água urbano é o rio Carahá. Possui a maior Região Hidrográfica de SC, com 22.787 km², integrando as bacias dos rios Canoas e Pelotas” (SANTA CATARINA, 2007, p.23).

O município é constituído de três distritos: Lages, Índio e Santa Terezinha do Salto. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2003

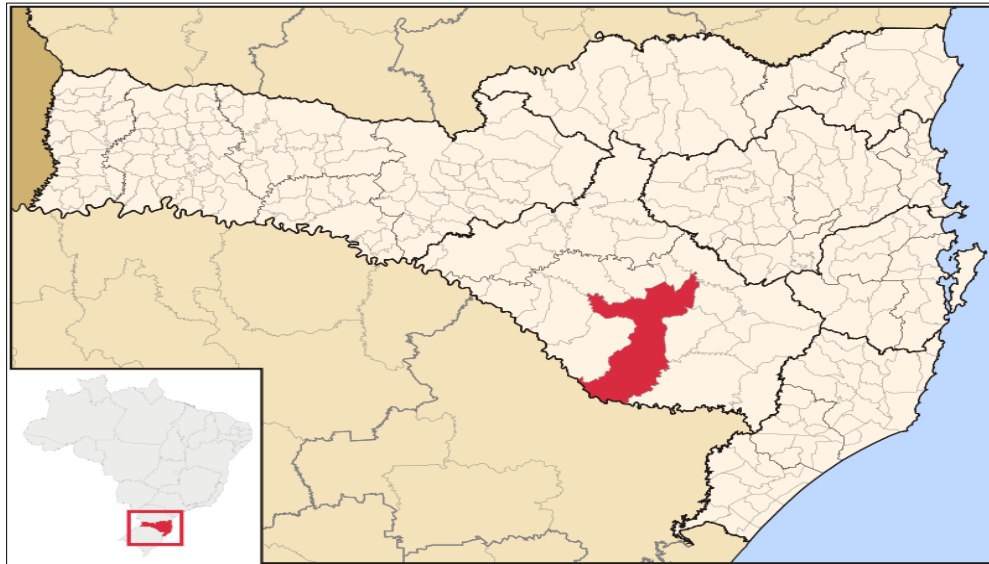
Quadro 2- Dados Geográficos de Lages (SC) - IBGE 2017

Localizada na região Sul de Santa Catarina
Mesorregião Serrana de Santa Catarina
Gentílico: lageano
População: 158.508 (estimativa 2017)- IBGE
Área (em km ²): 2.631,504 km ²

Elaborado pelo pesquisador (2018)

⁷ A Floresta da Araucária, dominante em todo Planalto Catarinense, foi praticamente arrasada [...] para o sustento da economia regional e estadual. Esta mata forneceu também lenha, erva-mate, carvão vegetal e nó-de-pinho, mas a principal atividade do extrativismo vegetal foi a extração de toras direcionadas às serrarias para a transformação em tábuas [...] (THOMÉ, 1994, p. 207).

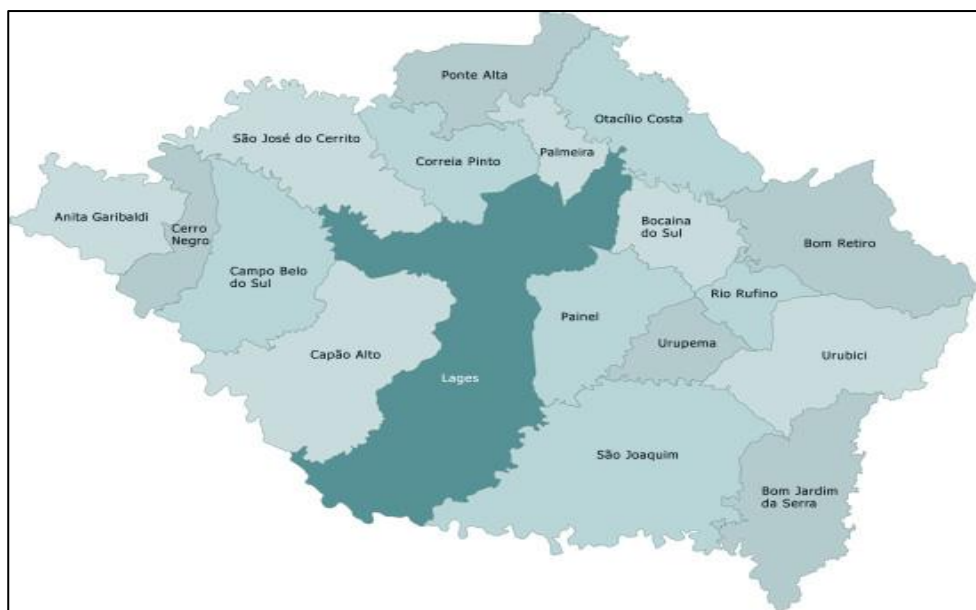
Figura 5- Mapa Político da Localização de Lages no Território do Estado de Santa Catarina



Fonte: <<http://desastresaereosnews.blogspot.com>. > Acesso em 30 jan. 2018.

São municípios limítrofes a Lages (SC): Bocaina do Sul, Bom Jesus (RS), Capão Alto, Campo Belo do Sul, Correia Pinto, Otacílio Costa, Painel, Palmeira, São Joaquim, São José do Cerrito.

Figura 6- Mapa da Localização de Lages e os seus municípios limítrofes⁸



Fonte: <http://www.perfilages.com/entrega/>. Acesso em 31. mai. 2018.

⁸ São os municípios vizinhos, ou seja, aqueles que fazem fronteira geográfica com o município onde você está. IBGE (2010)

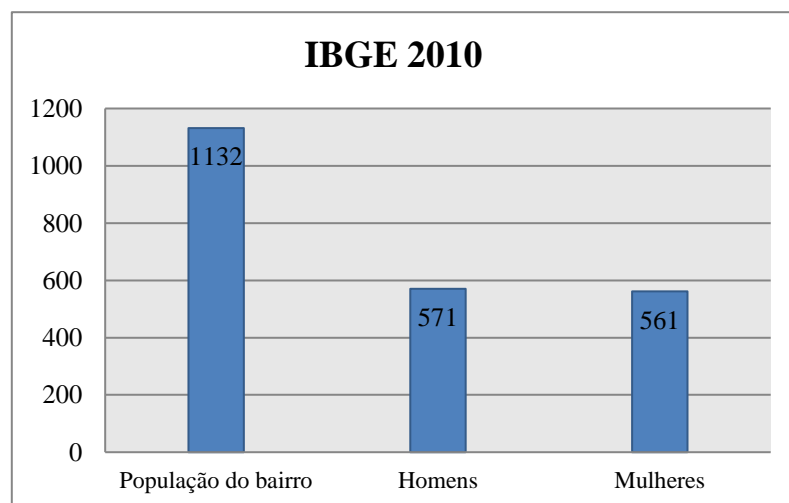
2.2.3 Bairro Santa Clara/Lages (SC)

O bairro teve origem no loteamento Santa Clara, implantado no final dos anos 60, pelos empresários Ary Heizen, Aldo Fronza e Norberto da Silveira. Os lotes inicialmente foram comercializados sem que o loteamento tivesse infraestrutura urbana. Naquela época os moradores contavam apenas com a escola isolada, que tem como data de fundação 1969.

O bairro hoje ainda é considerado um dos bairros mais vulneráveis da Cidade de Lages, no que se refere às condições econômicas da comunidade. Sua paisagem no início da formação do bairro era quase que inalterável, seu relevo apresenta diferentes rochas, e muitos lugares considerados impróprios para moradia. Outra característica que ainda prevalece é quanto o bairro possuir semelhanças com a vivência da zona rural, pois muitas famílias preservam como fonte de renda a cultura da pecuária.

Com o passar dos anos o bairro foi crescendo no que concerne a sua população, e hoje possui cerca de 1.200 moradores aproximadamente (IBGE, 2010) a infraestrutura das ruas e ambientes públicos são bastante precários.

Gráfico 1- População do Bairro Santa Clara



Fonte IBGE (2010)
Elaborado pelo pesquisador (2018)

A paisagem do bairro foi bastante alterada em decorrência do fluxo populacional migratório, pois muitos moradores que ali se estabelecem vêm de cidades vizinhas como Campo Belo do Sul, Capão Alto, Cerro Negro e esses invadem terrenos que são destinados a áreas de preservação e alteraram significativamente ao longo dos anos a paisagem natural do bairro, além de ocuparem áreas inadequadas para moradia.

2.2.4 EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro

A EMEB Cel. Manoel Thiago de castro possui 49 anos de existência, tendo sido fundada em 15 de abril de 1969.

No dia 22 de maio de 1985, no mandato do senhor Prefeito Dr. Paulo Alberto Duarte, a unidade escolar passou a grupo escolar.

Em 10 de Março de 1988, por decreto nº 2107, tornou-se Escola Básica Municipal “Coronel Manoel Thiago de Castro”. Atendendo a necessidade de uma escola para alunos de 5ª série.

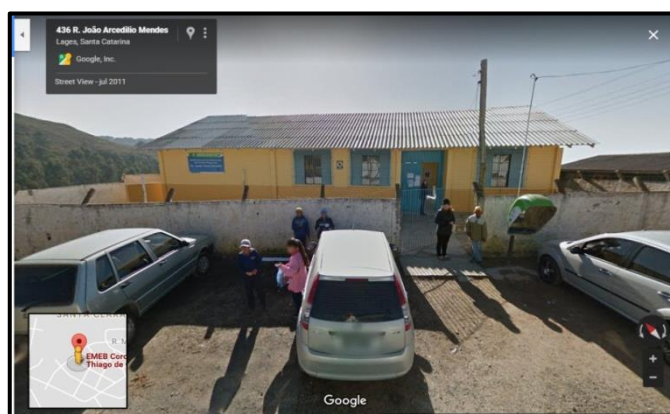
Considerando o parecer nº 092/02 da Comissão de Legislação e Normas do Conselho Municipal de Educação e o decreto nº 6668 de 04 de junho de 2002, resolveu-se no artigo 1º que os estabelecimentos de Ensino Municipal de Educação, passariam a denominar-se como Escola Municipal de Educação Básica. Desta forma a instituição passou a registra-se como Escola Municipal de Educação Básica Coronel Manoel Thiago de Castro (PPP, 2012, p.07).

A escola ganhou seu ginásio de esportes no ano de 2012, sendo uma obra aguardada por mais de quinze anos. Atualmente a escola possui aproximadamente duzentos estudantes, trinta professores e cinco funcionários. Também possui uma quadra de esportes e desenvolve Programas e Projetos voltados para a educação emancipatória de seus estudantes.

A clientela é de diferentes bairros, entre eles, Santa Clara, Santa Catarina, Araucária, Cruz de Malta e Novo Milênio.

A escola está situada no bairro Santa Clara, na Rua João Arcedilio Mendes. Este bairro foi construído ao longo do tempo por sua formação histórica, política e social. O agrupamento de famílias que adquiriram lotes onde antes era um loteamento contribuiu para formação da comunidade.

Figura 7 - Imagem frontal da Unidade de Ensino Cel. Manoel Thiago de Castro



Fonte: Google Earth. Acesso em 31 mai. de 2018

O Santa Clara está localizado as margens da BR 116. Já na área periférica da cidade de Lages, o que torna difícil o acesso da comunidade até o centro urbano, que é feito por meio do transporte público ou por condução própria.

A realidade da população que convive diariamente no bairro Santa Clara é de trabalhadores, que saem de suas casas pela manhã e retornam ao entardecer. “Mães que precisam deixar seus filhos durante o dia no Centro de Educação Infantil para saírem trabalhar” (PPP, 2012, p.07). A escola está inserida em um contexto histórico peculiar e de formação econômica e cultural complexo. Sendo os de maior relevância a falta de emprego, problemas de ordem econômica e a infraestrutura precária do bairro.

“Tendo a escola como ponto de referência, e para muitos dos alunos o único, as atividades que se desenvolvem neste local são voltadas para formação humana e integral seguindo a perspectiva histórico-cultural” (PPP, 2012, p.25).

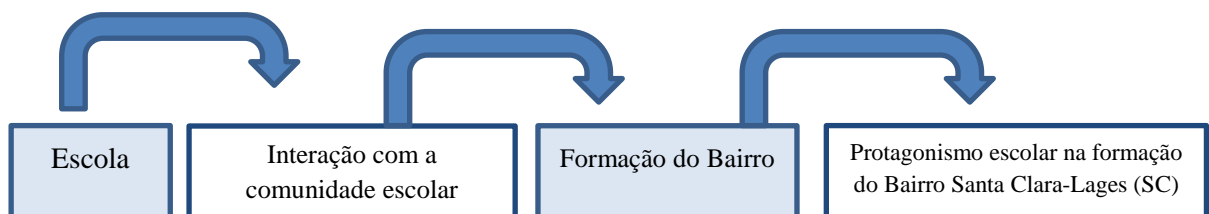
A unidade de ensino prevê a oferta de ensino desde a etapa da Educação Infantil (pré-escola) até o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano).

Ressalta-se que possui em sua proposta pedagógica a dimensão social de ensino, sendo essa:

Conhecer a origem sócio econômica dos alunos, tentar estabelecer o ensino aprendizagem por meio do desenvolvimento de atividades que envolvam as crianças promovendo a afetividade e a compreensão do meio em que vivem, tentando levá-los a conhecer uma nova realidade de vida (PPP, 2012, p.58).

“Propõe ainda que a comunidade escolar esteja envolvida no processo de valorização individual e coletiva de todos que compartilham deste espaço escolar” (PPP, 2012, p.58).

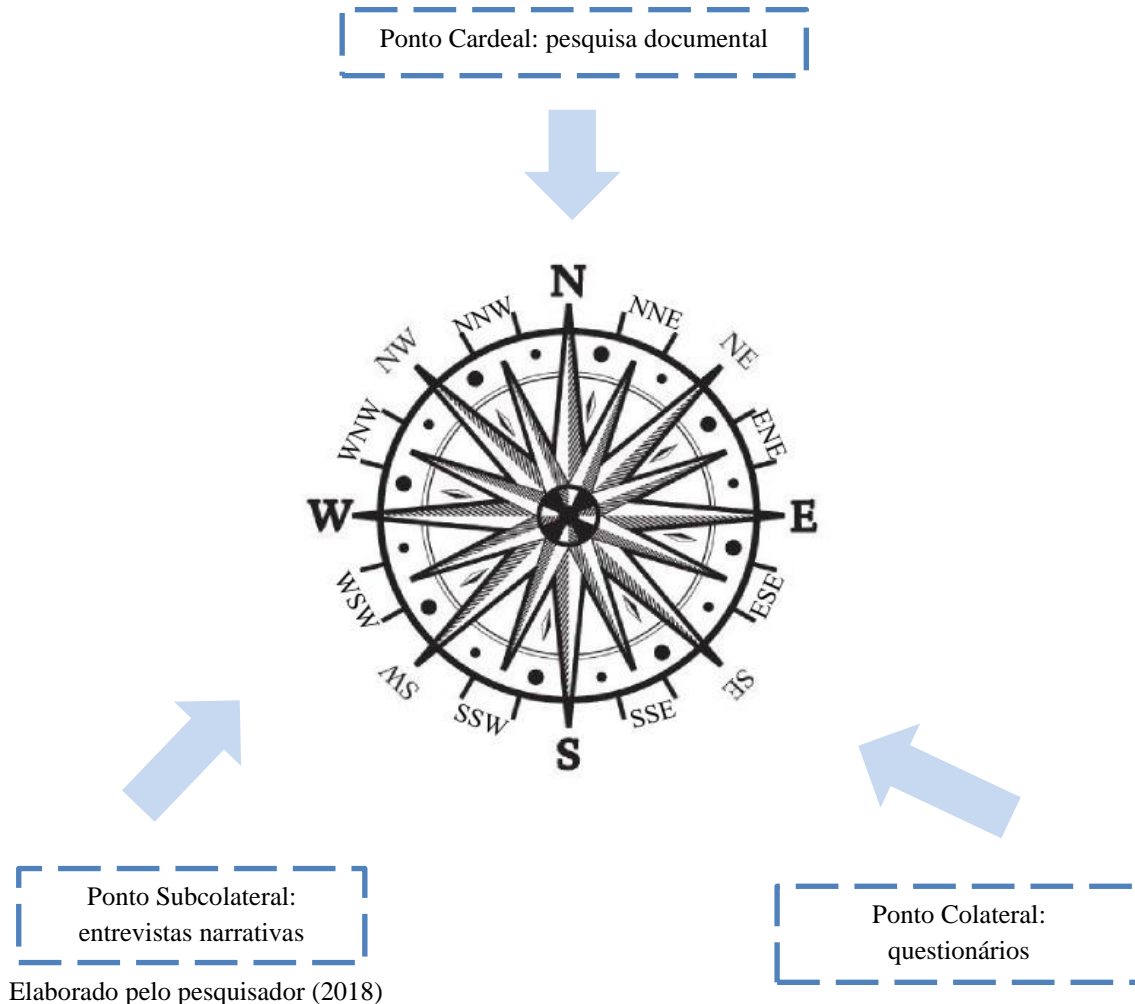
Figura 8- Relação da escola com a comunidade



Elaborado pelo pesquisador (2018)

2.3 A ROSA DOS VENTOS⁹ QUE COMPÕE A COLETA DE DADOS

Figura 9 - Rosa dos ventos que compõe a coleta de dados



2.3.1 Procedimentos para coleta dos dados

Conforme já exposto neste escrito, esta pesquisa mapeou como procedimento em sua coleta de dados, a pesquisa documental como primeira etapa, por meio da análise das fotos do acervo da biblioteca da unidade de ensino, os álbuns de fotografias de professores e moradores, bem como jornais impressos e digitais do município de Lages (SC).

⁹ Rosa dos ventos é um desenho que serve de instrumento para a navegação geográfica, utilizada para auxiliar a localização de determinado corpo ou objeto em relação a outro. É formada pelos pontos cardeais e seus intermediários. O termo “rosa dos ventos” foi criado devido à semelhança da rosa com o desenho dos pontos cardeais presentes nas bússolas, que lembram as pétalas desta flor. A rosa dos ventos foi criada no século XIV para ilustrar mapas cartográficos, tendo como base a direção dos principais ventos sentidos no Mar Mediterrâneo. A rosa dos ventos é constituída pelos quatro rumos principais, conhecidos como pontos cardeais, e pelos seus intermediários, os pontos colaterais e os pontos subcolaterais. Fonte: <https://www.significados.com.br/rosa-dos-ventos/>. Acesso em 01 de jun. de 2018.

Como segundo método da coleta de dados, utilizamos a aplicação de cinco questionários com professores e cinco com moradores, sendo que o questionário com professores foi composto por nove perguntas, adotando a característica de questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas. Já o questionário para os moradores, compõe-se do mesmo formato, porém, com cinco perguntas, sendo estas distintas do primeiro.

Após aplicação dos questionários, dois professores, e dois moradores, foram selecionados para última etapa da coleta, sendo essa as entrevistas narrativas. Essa seleção aconteceu por meio das respostas dos sujeitos que mais se aproximaram dos objetivos que permeiam o estudo. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas pelo pesquisador, a fim de manter a postura ética que se exige.

Destaca-se, que foi realizada a mediação com os entrevistados, para que as mesmas ocorressem no espaço escolar, que previamente foi agendado com os sujeitos da pesquisa e com a Diretora da unidade escolar Cel. Manoel Thiago de Castro. Essa atitude foi em busca que o meio de inserção para esse procedimento aguçasse a memória dos participantes da pesquisa, para que pudéssemos obter o melhor resultado possível diante das entrevistas narrativas.

2.3.2 Pesquisa documental: ponto cardeal¹⁰

A pesquisa documental é descrita por Severino (2007) como:

[...] fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise (SEVERINO, 2007, p. 122).

Os documentos que foram analisados foi o acervo de fotos da biblioteca escolar, pois através destes registros se buscou resgatar registros da história da escola, bem como da transformação da paisagem no entorno escolar. Na continuação do mapeamento documental e posteriormente da sua análise, os álbuns de fotografias de professores e moradores foram meios

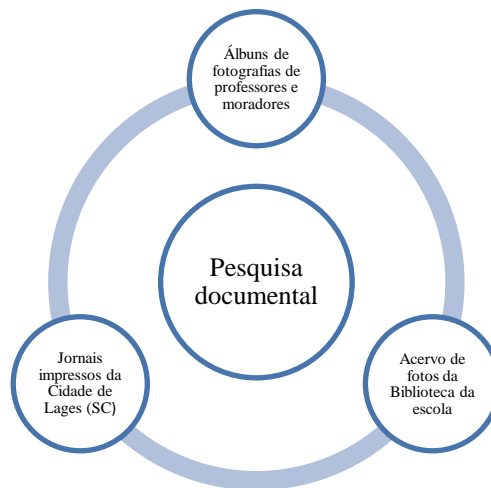
¹⁰ Os pontos cardeais são os quatro rumos principais para indicar direção, relacionados com a posição do sol: norte, leste, sul e oeste. São chamados de cardeais por serem as principais indicações de direção. A palavra em português cardeal vem do latim *cardinalis* que significa principal ou essencial. Os pontos cardeais servem para a orientação geográfica e estão separados entre si por ângulos de 90 graus. Com um mapa em mãos, é preciso localizar os pontos para cumprir o deslocamento na direção correta. Os pontos cardeais são ilustrados pela rosa dos ventos, que também inclui os pontos colaterais e subcolaterais. Fonte: <https://www.significados.com.br/pontos-cardeais/>. Acesso em 01 de jun. de 2018.

utilizados a fim de investigar a ocupação e uso do solo no entorno escolar, e as práticas de Educação Ambiental Formal no espaço escola.

Por fim, os jornais impressos e digitais, foram o meio ao qual analisamos para conhecer se a EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro é um espaço de referência para formação do bairro Santa Clara – Lages (SC) e quais as transformações ambientais ocorreram por meio das relações antrópicas nesse espaço geográfico. A análise documental se caracteriza pela pesquisa “[...] de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL,2008, p. 45).

A pesquisa documental propriamente dita é o meio ao qual obtivemos diferentes subsídios para o estudo, pois promovemos um diálogo com os objetivos que foram indexados com o estudo.

Quadro 3- Ponto cardeal da Rosa dos Ventos- Documentos a serem analisados



Elaborado pelo pesquisador (2018)

“A pesquisa documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (Ludke e André, 1986). Ainda sobre a pesquisa documental, Richardson (1999, p. 230) “diz que, ela consiste em uma série de operações que visam estudar documentos no intuito de compreender circunstâncias sociais e econômicas”.

Tomou-se este instrumento, como o ponto cardeal da pesquisa, a fim de elucidar a metáfora escolhida para metodologia do trabalho, sendo ela a bússola. Pois, diante de sua relevância, denominou-se como ponto forte na rosa dos ventos que compõem a coleta de dados.

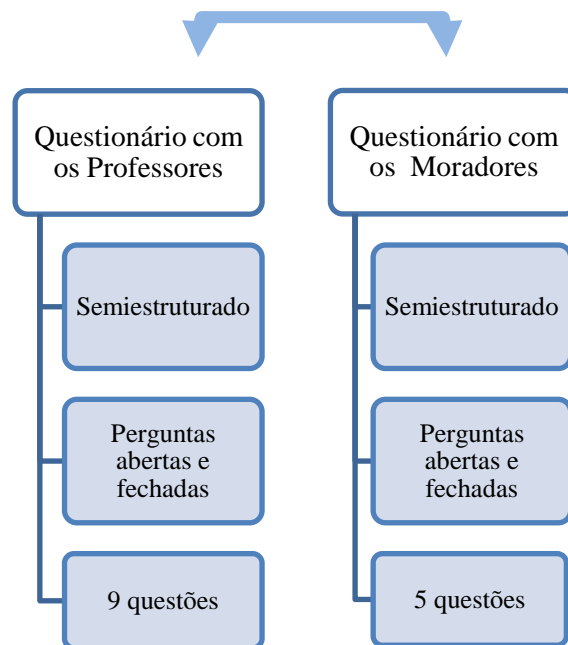
2.3.3 Questionário: ponto colateral¹¹

Para Gil (2008), o questionário pode ser definido como "[...] a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, [...] etc.". (Gil, 2008, p. 121)

Sendo assim, dois modelos de questionários foram aplicados na coleta de dados, conforme (APÊNDICE 4) para moradores e (APÊNDICE 5) para professores. Estes questionários semiestruturados, com perguntas abertas e fechadas.

O objetivo da aplicação dos questionários foi identificar a percepção ambiental dos professores e moradores do bairro Santa Clara e identificar a Educação Ambiental Formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar; ainda sim, buscou-se por meio da aplicação deles, mapear o perfil dos sujeitos das entrevistas narrativas.

Quadro 4- Ponto colateral da Rosa dos Ventos: estrutura dos questionários



Elaborado pelo pesquisador (2018)

¹¹ Os pontos colaterais são maneiras de orientação no espaço que complementam os pontos cardeais e são ainda mais precisos. A posição dos pontos colaterais é encontrada entre os pontos cardeais. Fonte <https://www.colegioweb.com.br/geografia>. Acesso em 01 de jun. 2018.

Adotou-se como elemento colateral em nossa rosa dos ventos, os questionários, a fim de fortalecer o processo de coleta de dados. Este instrumento foi de suma importância para o processo de triangulação.

2.3.4 Entrevistas Narrativas: ponto subcolateral¹²

As entrevistas narrativas foram adotadas neste estudo, como o instrumento que deu voz aos sujeitos da pesquisa. Por meio dela, ouvimos dois professores, e dois moradores “nada melhor do que ouvir as pessoas, escutar suas lembranças, comparar suas falas, percebendo diferenças e semelhanças entre elas” (ALMEIDA, 2001, p. 147).

Para conduzir as entrevistas narrativas, tomamos como procedimento, a elaboração de um roteiro, com nove perguntas, conforme (APÊNDICE 6) dos moradores e (APÊNDICE 7) para os professores, as entrevistas foram gravadas em áudio.

As entrevistas narrativas são definidas por Jovchelovitch e Bauer (2002, p, 91) “[...] como sendo uma entrevista com perguntas abertas e uma forma de encorajar os entrevistados. As perguntas abertas possibilitam ao entrevistado relatar seus pensamentos e opiniões [...]”.

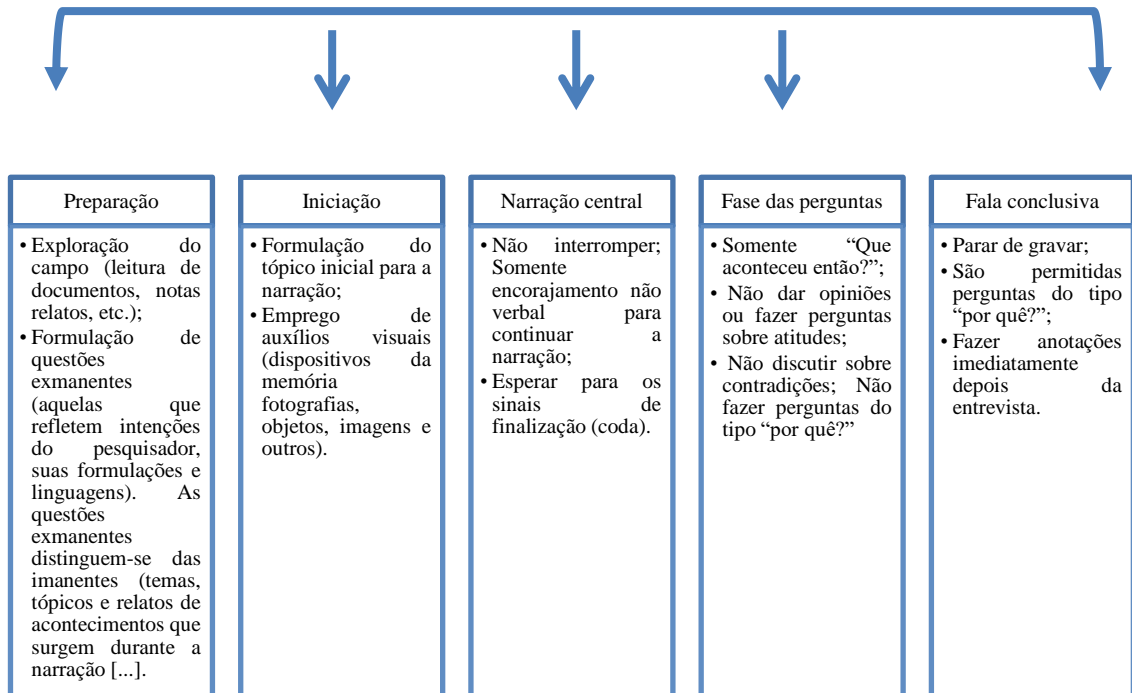
Nesse sentido, indexamos a pesquisa documental e os questionários com as entrevistas narrativas a fim de fortalecermos o método. Para realização das entrevistas narrativas com os professores e moradores, realizamo-las no ambiente escolar, a fim de aguçar as lembranças/memórias dos sujeitos com o *locus* da pesquisa. Para isso, agendamos previamente o espaço com a Diretora da unidade de ensino e com os entrevistados, a fim de garantir os princípios éticos desse procedimento.

No tocante à memória, Galzerani (1999), seguindo Benjamin, afirma que é, sobretudo, experiência vivida a rememoração permite que dimensões pessoais esquecidas possam ser recuperadas e situadas no tempo. A autora também compara a memória a um cenário no qual se entrecruzam as lembranças, o passado, o presente e também o futuro.

Sendo assim, com esse procedimento, várias lembranças foram despertadas, a fim de enriquecer as narrativas (DELORY, 2012, p. 82) “assim a narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo”.

¹² Além dos pontos cardeais e dos pontos colaterais existem mais alguns pontos de localização que são ainda menos conhecidos. Ainda mais precisos do que os colaterais, os pontos subcolaterais são uma combinação entre os pontos cardeais e os colaterais. <https://www.colegioweb.com.br/geografia>. Acesso 01. Jun. 2018.

Quadro 5- Fases Principais das Entrevistas Narrativas



Fonte: Fases principais da Entrevista Narrativa (Jovchelovitch; Bauer, 2010, p. 97).
Elaborado pelo pesquisador (2018)

Além da simples lembrança, a memória constitui uma viagem no tempo, e narrar é, dentre outras, rememorar experiências diversas. Tais percepções evidenciam que a unidade narrativa é constituída de vivências e experiências, adquiridas e construídas no decorrer da história de vida do ser humano que cristalizam e se constituem em imagens que são retomadas em situações cotidianas. Após aplicação das entrevistas, as mesmas foram transcritas fielmente pelo pesquisador, e posteriormente analisadas, e então trianguladas.

Paiva (2004, p. 136) considera importante para a transcrição transpor o discurso falado de uma forma fiel, mostrando que “a fidelidade aos dados orais deve ser o objetivo de toda transcrição, queremos registrar o que foi dito por um falante da forma como foi dito, uma transcrição não é, e não pode ser uma edição da fala do entrevistado”.

Jovchelovitch e Bauer (2010) defendem que existe uma estrutura na narrativa, que eles chamam de paradoxo da narração, a qual se consubstancia nas exigências das regras implícitas que permitem o contar histórias. Portanto, faz-se necessário estabelecer como técnica de entrevistas, com regras claras, por exemplo: como ativar o esquema da história; como incitar as narrações dos entrevistados; e depois de iniciada a narrativa, conservar a narração, seguindo a mobilização do esquema autogerador. Conforme exposto no quadro acima.

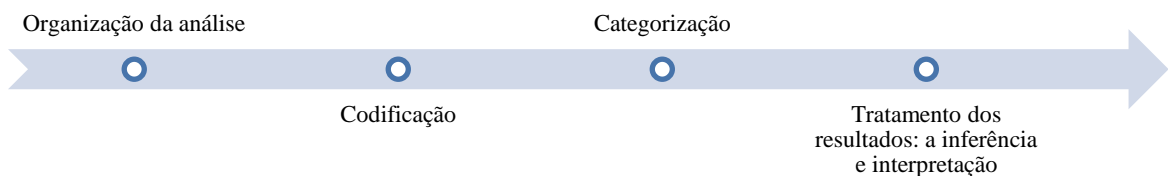
2.4 CARTOGRAFANDO A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para que possamos situar a análise de conteúdo utilizada no estudo, tomamos como ponto de referência a obra de Bardin (2009) que traz uma exposição histórica.

[...] descrever a história da “análise de conteúdo” é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar *a posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma pratica que funciona há mais de meio século (BARDIN, 2009, p.15).

Nesse sentido, a pesquisa, foi realizada por meio da perspectiva de Bardin (2010, p. 280) que tem as seguintes fases para a sua condução: “a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos resultados, inferência e a interpretação dos resultados”.

Figura 10 - Método de análise de conteúdo

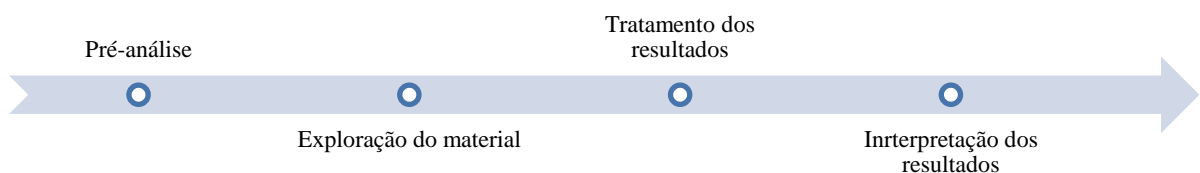


Fonte: Bardin (2010)
Elaborado pelo pesquisador (2018)

2.4.1 A organização da análise

A fase de organização da análise subdivide-se em pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação desses resultados.

Figura 11 - Organização da análise



Fonte: Bardin (2010)

Elaborado pelo pesquisador (2018)

Sendo a pré-análise a primeira etapa da organização é por meio dela que o pesquisador começa a organizar o material para que se torne útil à pesquisa. Nesta fase, o analista sistematiza as ideias iniciais em cinco etapas. (BARDIN, 2010)

Na primeira etapa é realizada a leitura de todo material para que se possa conhecê-lo, a segunda etapa é realizada a escolha dos documentos, que fizeram parte da análise. No entanto Bardin (2010) alerta que para a escolha dos documentos o analista precisa cumprir as seguintes regras: regra da exaustividade que exige que nenhum documento deve ser deixado de fora; regra da homogeneidade que exige que a seleção dos documentos deva ter o mesmo tema para que permita a comparação; e a última regra, é a da pertinência que orienta que os documentos devam guardar correlação com os objetivos da análise.

Na pré-análise é que se formulam os objetivos, e o quadro teórico em que os resultados serão tratados. Biagini (2013, p. 91) “coloca que se os objetivos forem realizados, eles tornam-se alicerces para as leituras dos documentos”.

A última tarefa que fizemos na pré-análise foi providenciar a preparação do material, que objetivou transformar o material por padronização e por equivalência. Para levar adiante essa etapa, foi realizada a edição do material, extração de muitas cópias para possibilitar os recortes das mensagens e também a numeração dos elementos do corpus¹³ (BARDIN, 2010).

A pré-análise foi o momento de delinear nossa prática para o início da análise de conteúdo “isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p.51).

Realizada a pré-análise, partimos para exploração do material, nesta fase “ocorre descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido ao estudo aprofundado, orientado pelas pressupostos e referenciais teóricos” (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 735). Depois da exploração do material, definimos as categorias de estudo, a fim de posteriormente fazermos a inferência.

Nesta fase, foi feita a exploração do material para então fazer sua categorização. Na última etapa, identificaremos as unidades de contexto nos documentos, para que lhe permita compreender as unidades de registro a fim de facilitar o processo de codificação das unidades de uma mensagem estudada.

A fase final da etapa foi a organização da análise, o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. Nesta fase os resultados em bruto foram tratados de maneira a serem significativos e válidos. “O pesquisador pode fazer operações estatísticas, simples ou até

¹³ Coletânea ou conjunto de documentos sobre determinado tema (BARDIN, 2010, p.123).

complexas, que possibilitem condensar e pôr em destaque as informações fornecidas pela análise” (BARDIN, 2010, p. 127).

2.4.2 Codificação do material coletado

Feita as etapas, conforme descrito, encaminhamos o trabalho para o processo de codificação, que ocorreu antes da *categorização posteriori*, sendo este instrumento importante na análise dos dados.

“Ao codificar, o pesquisador transforma os dados brutos do texto em uma representação do conteúdo do que foi estudado no *corpus*, obtendo também neste trabalho as características das mensagens que podem ser escritas ou verbais” (BARDIN, 2010, p. 128).

No processo de codificação, as orientações que encontramos amparadas em Bardin (2010) foram realizadas. Sendo assim, neste processo, utilizamos o recorte de palavras isoladas, que indicavam um dado de relevância na análise das transcrições dos questionários e das entrevistas narrativas. O segundo método utilizado, foi numerar, pensando no processo de categorização, o modo de se contar, por exemplo, contarmos quantas vezes uma palavra apareceu nas respostas, ou, em que posição apareceu nos textos, etc. A última etapa, foi a classificação e agregação, sendo assim, avançamos no procedimento de encontro das nossas categorias.

2.4.3 Categorização

Segundo Bardin (2004, p.113), “na etapa da categorização podem ser aplicados dois processos: *a priori e a posteriori*”. O que difere ambos é basicamente o tempo em que a categoria se encaixa ou emerge da pesquisa.

Categorização é feita em duas etapas: o inventário, quando se isola os elementos; e a classificação, que implica em repartir os elementos e buscar ou impor um nível de organização às mensagens e tem por objetivo principal permitir, por “condensação, uma representação simplificada dos dados em bruto”. A análise de conteúdo se assenta, de modo implícito, na crença de que a “categorização (passagem de dados em bruto a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados em bruto” (BARDIN, 2010, p. 147).

Diante da complexidade da execução de buscar as categorias que permeiam uma pesquisa, Bardin (2010) elaborou critérios de qualidade para facilitar a escolha de boas categorias, conforme exposto no quadro abaixo:

Quadro 6- Critérios de qualidade para Categorização Bardin (2010)

Conjunto Categorical	Exemplos de Categoria
Análise dos valores:	Valores fisiológicos; Valores sociais; Valores práticos;
Análise dos fins e dos meios:	Categorias dos métodos. Análise da interação.
Análise da interação Paciente:	a) hostilidade; b) referente; Terapeuta: a) Reações de aproximação; b) Reações de Evitamento.
Análise de imprensa;	Os ócios (a gastronomia, os presentes, os castelos, etc).
Análise de um estado psicológico:	Ansiedade, ira, depressão, sociabilidade, hostilidade, etc.

Fonte: Bardin (2010).

Elaborado pelo pesquisador (2018)

2.4.4 Interpretação dos resultados

A última etapa do percurso teórico foi a interpretação dos resultados, feita na análise de conteúdo por meio da inferência. Para Bardin (2010, p. 41) é a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras”.

Essa etapa é de grande relevância para o estudo, sendo assim, Bardin (2010, p. 167) explica que há dois tipos de inferências. Há as inferências específicas, exemplificada por uma pergunta focada em um propósito e há também as inferências gerais.

Para se alcançar os resultados que se espera na interpretação dos resultados, será necessário ter domínio do referencial teórico, da pressuposto, e ter os objetivos claramente definidos.

2.5 TRIANGULAÇÃO DO MÉTODO

Segundo Jensen e Jankowski (1993), há quatro tipos de triangulações de dados: de investigador, de teoria e de métodos. A triangulação de dados trata das diferentes dimensões de tempo, de espaço e de nível analítico a partir dos quais o pesquisador busca as informações para sua pesquisa.

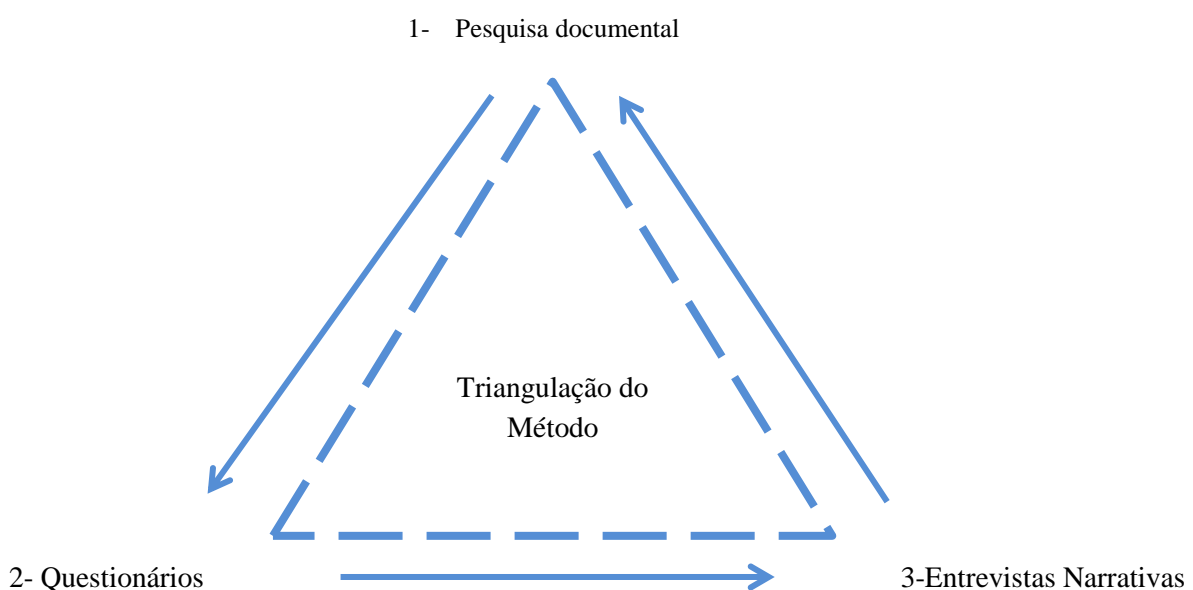
Para Günther (2006) a triangulação é a utilização de diferentes abordagens metodológicas do objeto empírico para prevenir possíveis distorções relativas tanto à aplicação de um único método quanto a uma única teoria ou um pesquisador. Sendo assim, este estudo, adotou a triangulação do método como tratamento dos dados coletados na pesquisa.

Minayo (2010), entende triangulação, é utilizada para avaliação aplicada a programas, projetos, disciplinas, enfim. No processo avaliativo, sua conceituação torna-se abrangente e complexa, abarcando diferentes variáveis, dentre elas, a necessidade de se ter presente avaliadores externos, além dos internos, e que, preferencialmente, sejam de formações distintas, possibilitando,

[...] combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista; a realização de pesquisas quantitativas e qualitativas; a análise do contexto, da história, das relações, das representações [...] visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação (MINAYO, 2010, pp. 28- 29).

No que tange à coleta de dados, a Triangulação permite que o pesquisador possa lançar mão de três técnicas ou mais com vistas a ampliar o universo informacional em torno de seu objeto de pesquisa, utilizando-se, neste trabalho, a pesquisa documental, os questionários e as entrevistas narrativas.

Figura 12- Triangulação dos dados por meio do Método

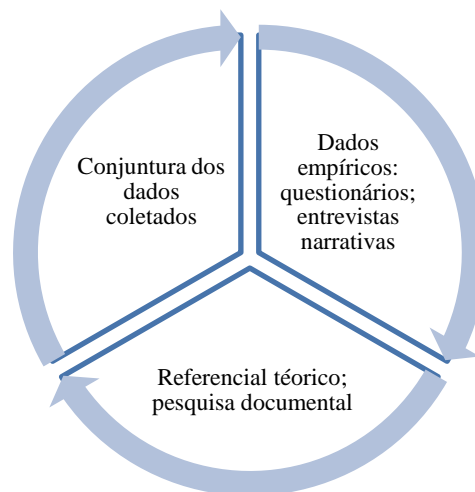


Elaborado pelo pesquisador (2018)

Esse fractal, expõe a cronologia da coleta de dados, para se fazer a triangulação. Destaca-se, que a pesquisa documental, versou o método, para que os questionários e as entrevistas narrativas tornem-se sólidos diante de seu arcabouço teórico. Na análise por Triangulação de Métodos, tivemos como preparação do material as seguintes etapas, os dados empíricos que foram os questionários e as entrevistas narrativas, o diálogo com os autores que permeiam essa temática de estudo a pesquisa documental, e o terceiro aspecto a conjuntura dos dados coletados.

Esta articulação entre dados empíricos, autores que tratam da temática estudada e análise de conjuntura, configurou-se como uma possibilidade, dentre várias outras, para os que se propõem minimizar o “distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa” (GOMES, 2004, p. 69).

Figura 13- Articulação dos dados por meio da Triangulação do Método



Elaborado pelo pesquisador (2018)

A opção pela análise por Triangulação de Métodos significou adotar um comportamento reflexivo-conceitual e prático do objeto de estudo da pesquisa sob diferentes perspectivas, o que possibilitou complementar, com riqueza de interpretações, a temática pesquisada, ao mesmo tempo em que possibilitou aumento da consistência das conclusões.

2.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Com o intuito de manter o compromisso com os aspectos éticos, esta dissertação foi submetida à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense e foi aprovado sob o parecer número 2.656.033, no dia 15 de maio de 2018 conforme (ANEXO 1).

Ressalta-se que na intenção de manter os princípios éticos da pesquisa, os sujeitos envolvidos, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (APÊNDICE 1) constando as informações necessárias sobre este estudo.

Ainda assim, elaborou-se um Termo de Cessão de Imagem, para autorização da divulgação das fotos do acervo da biblioteca da escola, e dos álbuns de fotografias, de professores e moradores, sujeitos da pesquisa (APÊNDICE 2 e 3).

2.7 QUADRO SÍNTESE TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Para que se possa entender a organização, o referencial teórico metodológico e o desenvolvimento da pesquisa, elaborou-se o quadro-síntese abaixo:

Quadro 7 – Quadro Síntese Teórico Metodológico da Pesquisa

Título: Cartografia Ambiental: Percepções dos Professores e Moradores sobre a Transformação da Paisagem no Entorno Escolar.		
Objetivo geral: analisar a percepção ambiental de professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre a transformação da paisagem no entorno escolar.		
Problemática: como os professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) percebem as transformações ambientais e da paisagem no entorno escolar?		
Capítulos	Objetivos	Coleta dos dados
2. Bússola que orienta a pesquisa	Realizar levantamento documental junto aos moradores do bairro, a escola e a Prefeitura de Lages e outras fontes que registrem as transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar. Identificar a educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar, fazendo uma análise a partir do olhar geográfico.	Referencial teórico

	<p>Identificar a percepção ambiental de professores e moradores sobre a transformação da paisagem.</p> <p>Analisar se a escola Cel. Manoel Thiago de Castro é um espaço de referência para formação do bairro Santa Clara- Lages (SC).</p>	
3. A Escala Numérica do Estado da Arte: projeção de novos caminhos	Mapear o Estado da Arte	Bancos de dados <i>on-line</i> : Scielo, BDTD, Capes e Uniplac.
4. Educação Ambiental e a Ciência Geográfica: construindo conceitos, recriando valores e oportunizando novos comportamentos.	Identificar a educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar, fazendo uma análise a partir do olhar geográfico.	Referencial teórico
5. Transformação da Paisagem no Entorno Escolar e suas Relações Antrópicas	Realizar levantamento documental junto aos moradores do bairro, a escola e a Prefeitura de Lages e outras fontes que registrem as transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar.	Referencial teórico
6. O Entorno Escolar e a Complexidade do Espaço Ocupado:	Identificar a percepção ambiental de professores e moradores sobre a transformação da paisagem.	Referencial teórico
7. A feitura do Mapa: resultados e análise dos dados coletados	<p>Realizar levantamento documental junto aos moradores do bairro, a escola e a Prefeitura de Lages e outras fontes que registrem as transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar.</p> <p>Identificar a educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar, fazendo uma análise a partir do olhar geográfico.</p> <p>Identificar a percepção ambiental de professores e moradores sobre a transformação da paisagem.</p> <p>Analisar se a escola Cel. Manoel Thiago de Castro é um espaço de referência para formação do bairro Santa Clara- Lages (SC).</p>	<p>Referencial teórico</p> <p>Pesquisa documental</p> <p>Questionários</p> <p>Entrevistas Narrativas</p>

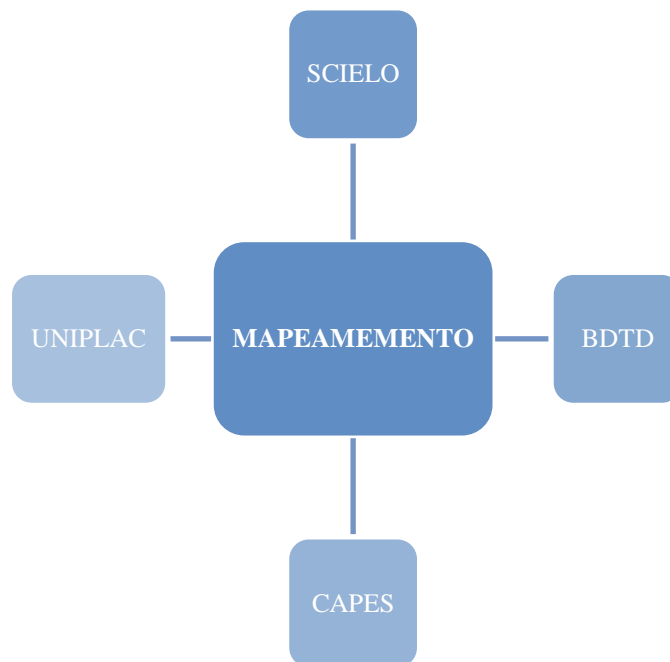
Elaborado pelo pesquisador (2018)

3 A ESCALA NUMÉRICA¹⁴ DO ESTADO DA ARTE: PROJEÇÃO DE NOVOS CAMINHOS

Ao mapear o estado da arte deste trabalho, buscou-se uma exposição sobre o nível de conhecimento já constituído da temática do estudo. Ainda assim, esperou-se por meio dela, ampliar o arcabouço teórico, bem como o olhar do pesquisador a fim de reafirmar a relevância do trabalho.

O movimento inicial desse processo se deu por meio do mapeamento dos bancos de dados *on-lines*, sendo eles: Scientific Eletronic Library Online (*Scielo*), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), CAPES- Catálogos de teses e dissertações e a Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), compreendendo pesquisas publicadas no período entre 2008 e 2018.

Quadro 8 - Mapeamento nos Bancos de Dados



Elaborado pelo pesquisador (2018)

¹⁴ ESCALA: é a relação entre o tamanho representado no mapa e o tamanho real na superfície terrestre. Existem dois tipos de escala: escala numérica e a escala gráfica. ESCALA NUMÉRICA: é expressa por uma fração, na qual o numerador representa a distância no mapa e o denominador, a distância na superfície real. Disponível em escala-grafica-e-escala-numerica.html. Acesso em 10 de mai. 2018.

O processo de mapeamento do estado da arte ocorreu de 10 de fevereiro a 05 de março de 2018.

É importante ressaltar que mapear a revisão nos leva a refletir e aprender questões abordadas em artigos, dissertações e teses, ampliando nosso conhecimento e nos levando ao pensar do que ainda precisa ser melhorado em nosso trabalho. Sendo assim, esse olhar faz com que venhamos a observar nossos escritos e a refletir se o que estamos a produzir é o mesmo do que já se tem posto, ou, se nossas produções caminham para ampliar os olhares da temática escolhida para pesquisa.

3.3 BANCO DE DADOS *SCIELO*

O primeiro exercício de aproximação deu-se por meio do banco de dados *on-line* da Scientific Electronic Library Online (*SCIELO*). O descritor inicial utilizado foi Educação Ambiental, sendo encontrados 240 artigos, refinando por meio do descritor Transformação da Paisagem, não foram encontrados trabalhos relacionados ao assunto. Associando a palavra entorno escolar, não se obteve trabalhos. No intuito de continuar refinando o mapeamento, associaram-se os descritores Educação Ambiental e Escola, que se aproxima de entorno escolar, uma das categorias *a priori* do estudo, por meio desses descritores foram encontrados cinco artigos. Com base na leitura dos títulos e, posteriormente, dos resumos, escolheu-se para leitura integral o artigo publicado na Revista Ciência e Educação da autoria de Luiz Carlos Santana Valentin (2010) intitulado “Concepções e práticas de educação ambiental de professores de uma escola pública”.

O texto selecionado resulta de uma investigação sobre a realização de projetos de educação ambiental na escola pública, cujo objetivo principal foi investigar as concepções e práticas de Educação Ambiental de professores que afirmam realizar tais ações. Ainda assim, reflete sobre as concepções de professores acerca da Educação Ambiental e a maneira como eles interpretam as finalidades atribuídas em suas práticas.

O artigo ainda faz uma investigação, onde se constatou que essas concepções e práticas eram de natureza comportamental e focavam-se na resolução de problemas de modo pragmático, revelando-se a prática de projetos de educação ambiental de forma limitada nos espaços escolares.

Este trabalho é relevante para o tema proposto na pesquisa, pois, traz em sua estrutura teórica conceitos importantes sobre práticas de Educação Ambiental em uma escola pública, aproximando-se de um dos objetivos específicos da pesquisa, que concerne em discutir a

educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar.

Nas linhas que constituem o mapeamento, foram associados os descritores Educação Ambiental, Entorno Escolar e Percepção Ambiental, onde não se obteve trabalhos encontrados.

Quando se associou somente os descritores Educação ambiental e Percepção ambiental, foram encontrados dois trabalhos, sendo esses, por meio da leitura dos títulos e dos resumos, selecionados para leitura integral. Destaca-se que ambos se encontram na Educação em revista.

O primeiro trabalho de autoria de Katia Maria Andreia Aparecida Kasper Marin (2009), intitula-se: “A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano-ambiente”. O texto apresenta a percepção que o ser humano tem da natureza e do espaço habitado que é marcada pela imaginação, pela afetividade, pela memória e pela sensibilidade estética. No presente ensaio, foi proposto um caminho reflexivo que evidencia essa necessidade estética do humano, focando-a nas categorias natureza e espaços do cotidiano como âmbitos de vivência. Para finalizar o trabalho teceram-se considerações sobre os possíveis significados da teoria estética para a educação ambiental. O trabalho apoiou-se nos referenciais teóricos da fenomenologia e do campo da filosofia estética, que incluem Merleau-Ponty, Bachelard, Dufrenne e Quintás.

Ao selecionar este trabalho, se pensou que o mesmo apresenta conceitos sobre a natureza atrelada por meio da estética ambiental, que nesse estudo será discutida, a fim de evidenciar o sentimento de pertencimento com o *locus* da pesquisa. Outro fator que impulsionou para sua seleção foi que seu referencial teórico se encontra amparado em, Merleau-Ponty e Bachelard, sendo estas referências teóricas para a pesquisa.

O segundo trabalho selecionado da revista foi de autoria de Michéle Fatima Elizabeti Marcomin (2016) intitulado: “Percepção, Paisagem e Educação Ambiental: uma investigação na Região Litorânea de Laguna-SC” que teve como objetivo compreender a percepção ambiental dos pescadores tradicionais da região litorânea do município de Laguna, Santa Catarina, sobre os elementos da paisagem natural e antrópica em suas dimensões de conflito e estética. A autora destaca em seu estudo a percepção de paisagem como natureza e lugar onde se vive; como principal alteração da paisagem, apontando as particularidades para as comunidades estudadas, com destaque para o processo de adensamento humano gerado pelo turismo e as alterações nas áreas de lagoas. Na finalização do seu texto conclui que a incorporação do conhecimento da percepção ambiental dos sujeitos acerca da paisagem pode favorecer ações de Educação Ambientais mais efetivas e comprometidas com a

formação/reconstrução de valores, mudanças atitudinais, construção de saberes e com a formação de cidadãos.

Este trabalho torna-se relevante para a pesquisa porque se aproxima dos conceitos de Paisagem, Percepção e Educação Ambiental, temas, que perpassam toda a estrutura teórica do referente estudo. A autora destaca ainda a percepção de paisagem inter-relacionada com conceitos da natureza e do lugar onde se vive; e por meio dessa percepção os fatores que alteram a paisagem. Em suma o trabalho contribui de forma transversal com a pesquisa.

Quadro 9- Banco de dados SCIELO- Artigos

Descritores: Educação Ambiental, Entorno Escolar, Transformação da Paisagem e Percepção Ambiental.

TÍTULO	AUTOR	ANO	REVISTA
Concepções e práticas de educação ambiental de professores de uma escola pública	Luiz Carlos Santana Valentin	2010	Ciência e Educação
A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano-ambiente.	Katia Maria Andreia Aparecida Kasper Marin	2009	Educação em revista.
Percepção, Paisagem e Educação Ambiental: uma investigação na Região Litorânea de Laguna-SC	Michéle Fatima Elizabeti Marcomin	2016	Educação em revista.

Elaborado pelo pesquisador (2018)

3.2 BANCO DE DADOS BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES- BDTD

Na continuação do mapeamento, foi utilizado para estado da arte o banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- BDTD onde foram utilizados os descritores Educação Ambiental, Percepção Ambiental de Professores e Moradores, Transformação da Paisagem e Entorno escolar, sendo encontrados por meio da busca avançada 949 trabalhos entre teses e dissertações.

Associando somente o descritor, Percepção Ambiental reduziu-se para 850 trabalhos.

Diante dos resultados, com base nas palavras-chave, buscou-se refinar ainda mais a pesquisa por meio de descritores associadas às mesmas. Neste caso foram utilizadas Educação Ambiental Formal, Percepção Ambiental de Professores e Moradores, Transformação da Paisagem e Entorno Escolar, sendo encontrados 561 trabalhos.

No intuito de continuar o refinamento do mapeamento literário, foram sendo associados ao banco de dados palavras-chaves que se encontram de forma transversal no referencial teórico do estudo, iniciando-se pelo descritor Implicações Sociais, onde foram encontrados 397 trabalhos.

Acrescentando-se o descritor bairro, reduziu-se para 301 trabalhos encontrados, na continuidade pelo refinamento utilizou-se o descritor Espaço Geográfico, refinando-se a busca para 265 trabalhos entre teses e dissertações.

Após a leitura dos títulos e resumos dos trabalhos encontrados, foram selecionados oito trabalhos devido a sua pertinência para o tema da pesquisa.

O primeiro trabalho selecionado é da autoria de Luna Letícia de Mattos Lambert (2015) intitulado: “O estudo do meio na educação ambiental formal: contribuições da teoria crítica da Geografia”. A presente dissertação teve como objetivo avaliar o uso do procedimento de ensino Estudo do Meio na Educação Ambiental formal, assumindo enquanto premissas básicas que a teoria crítica da geografia e a perspectiva construtivista da Educação, em especial sua corrente espanhola, apresentam saberes e métodos relevantes para que a prática da Educação Ambiental formal assuma caráter de transformação social, tal qual preconizado por sua corrente crítica. Ainda assim, ancora-se sobre a Geografia Crítica, de Milton Santos e na Educação Ambiental, fundamenta-se sobre os escritos de Enrique Leff, Phillippe Layrargues e Isabel Carvalho.

Esta dissertação foi selecionada, porque estrutura-se nos conceitos de Educação Ambiental Formal, seguindo os pressupostos da Geografia Crítica, que se encontra com a área de atuação do pesquisador. Em seu referencial teórico conversa com Milton Santos, sendo esse, principal autor utilizado para defender as categorias da transformação da paisagem do referente trabalho. Na continuidade de sua relevância ampara-se nos escritos de Enrique Leff.

O segundo trabalho selecionado é a dissertação da autoria de Sueli Martins (2011) que tem como título: “A educação ambiental em escolas da rede pública: teoria e prática do professor do ensino fundamental”. Este trabalho teve como objetivo investigar a relação entre a teoria e a prática do professor do ensino fundamental da rede pública de ensino que desenvolve projetos de Educação Ambiental em duas escolas urbanas e uma escola rural do ensino fundamental da rede pública do Distrito Federal. Esta pesquisa concluiu que os principais obstáculos enfrentados pelas escolas na implementação dos projetos relacionam-se ao desconhecimento dos princípios norteadores da EA pelos professores, havendo uma necessidade de uma adequação dos currículos de formação inicial do docente da Educação Básica e uma permanente formação continuada dos professores.

O trabalho acima selecionado é amparado em reflexões acerca da prática do professor do ensino fundamental por meio do desenvolvimento de projetos na perspectiva da Educação Ambiental Formal, sendo assim, foi selecionado porque se correlaciona com o primeiro capítulo dessa dissertação, que tem como subcapítulo Projetos de Educação Ambiental Formal nos Espaços Escolares, este texto, contribuiu com o referencial teórico do presente estudo.

Na continuidade pela seleção de trabalhos que contribuam para novos olhares da pesquisa, surge a necessidade de escolher-se o trabalho intitulado “A construção das cidades: processos educativos em uma transformação urbana”. Da autoria de Daniel Marostegan e Carneiro (2008). Esta dissertação traz consigo uma discussão as luzes de entender a construção das cidades como uma relação complexa entre muitas práticas sociais que interagem entre si. Dentre elas, este estudo se foca na seguinte prática social: transformações urbanas, realizadas a partir de intervenções do poder público, em regiões ocupadas por populações de baixa renda. A partir da premissa de que nas práticas sociais coexistem processos educativos, através dos quais os integrantes de tais práticas aprendem e ensinam, procurando então identificar os processos educativos presentes na prática social estudada.

Este trabalho selecionado é de suma importância para essa pesquisa, pois discute conceitos de ocupação e uso do solo, viesando-se com as questões de transformações urbanas, o que denota para a transformação da paisagem no entorno escolar. Faz ainda uma análise das intervenções do poder público em regiões de baixa renda, o que converge com características do *locus* da pesquisa dessa dissertação, que toma como referência o bairro Santa Clara na cidade de Lages/SC, bairro esse que também é considerado de baixa renda.

O quarto trabalho selecionado após refinamento no banco de dados BDTD, é a dissertação de Mestrado em Geografia que tem como título: “A categoria lugar na construção dos conhecimentos geográficos: análise a partir da prática pedagógica do professor de geografia em Formosa-Goiás”. Da autoria de Hugo Carvalho Sobrinho (2016). Este trabalho teve como objetivo uma investigação científica do processo de construção de conhecimentos geográficos por meio da categoria lugar na prática pedagógica do professor de Geografia. Considerando-se a cidade como espaço privilegiado, não único, da vida social e o lugar como uma construção humana, conjugam-se dois aspectos relevantes - cidade e lugar - a serem relacionados, tendo em vista a construção da aprendizagem do aluno, no campo disciplinar da Geografia.

O presente trabalho selecionado torna-se referência para o arcabouço teórico da pesquisa, pois traz em sua essência, conceitos sobre cidade e lugar, sendo esses, evidenciados em diferentes momentos para contextualizar o subcapítulo: conceituando lugar, que se encontra no segundo capítulo da dissertação. Correlaciona-se ainda, com o subcapítulo: espaço

geográfico e sua complexidade, o que o torna de extrema relevância a fim de tecer novos conceitos sobre essas categorias de estudo.

O quinto trabalho selecionado é intitulado: “Percepções sobre mudanças ambientais na Amazônia brasileira: Caminhos para a construção de um conhecimento integrador.” que tem como autora Leandra Fatorelli (2013). Esta tese de Doutorado resume-se em um estudo sobre a percepção, e lhe toma como uma ferramenta básica para o reconhecimento de sinais de mudanças ambientais, suas causas e consequências. Argumenta-se por meio dela que a percepção sobre mudanças ambientais em populações rurais, na Amazônia Brasileira, é formada a partir do contato direto com o meio ambiente onde elas estão inseridas e pela interação social. Este contato direto é indicado individualmente pela idade, e coletivamente e culturalmente, pela origem. Estes fatores, juntamente com o compartilhamento destas percepções por meio do diálogo, estão associados a uma percepção diversa sobre mudanças ambientais. A percepção diversa permite ampliar a compreensão das mudanças ambientais de forma sistêmica, a partir da identificação de relações causais. Esta conclusão foi obtida por meio de um estudo de caso realizado em quatro comunidades rurais da região do médio Tapajós, no Pará.

Diante da descrição exposta acima, ressalta-se da pertinência da seleção do trabalho para a pesquisa, pois tratar da percepção ambiental é uma das categorias de estudo mais relevantes para essa dissertação. A percepção ambiental é refletida como uma das categorias *a priori* do trabalho e encontra-se amparada em um dos objetivos específicos deste estudo, sendo ele identificar a percepção ambiental dos professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre o entorno escolar.

Na continuidade da constituição do mapeamento literário, surge à necessidade de selecionar o sexto trabalho, que tem como título: “Contribuições da ciência geográfica às políticas públicas.” Da autoria de Suellen Wallace Rodrigues Fernandes (2015). A presente tese de Doutorado em Geografia, parte do pressuposto de que o interesse dos geógrafos pelas políticas públicas reside no fato delas serem capazes de alterar a geografia nos territórios em que incidem. Seu objetivo foi revelar as contribuições que a ciência geográfica fornece à formulação de políticas públicas. Tais contribuições foram apreendidas por duas vias: pela análise histórica do papel da ciência geográfica nas políticas públicas e pela análise do olhar que os autores de teses de doutorado defendidas em programas de pós-graduação em Geografia no Brasil lançam sobre políticas públicas.

Nesse sentido se fez necessária a escolha dessa tese, por essa trazer em sua estrutura teórica conceitos sobre ocupação de território aliados a políticas públicas, sendo essas capazes

de revelar elementos da ciência geográfica a partir de diferentes olhares no que concerne à ocupação de territórios.

O sétimo trabalho selecionado tem como título: “Geografia do trabalho e da cidade: estudo etnográfico das dimensões da cidadania a partir das narrativas sobre a Vila DNOCS”. Da autoria de Noemia Aparecida Garcia Porto (2015). Este trabalho tem o objetivo de explicitar as interconexões entre trabalho, moradia, dignidade e cidadania a partir do diálogo entre pesquisa empírica e abordagem teórica. A análise envolve a descrição etnográfica da Vila, contemplando o modo como é construída, reconstruída, significada e ressignificada a ideia de trabalho digno, como trabalho e moradia se relacionam e, ainda, como cidade e trabalho são dimensões não estanques da cidadania. A questão que está posta é a da cartografia urbana, compreendida como a construção do espaço e do tempo pelos cidadãos, que são situações-evento.

A seleção desse estudo se deu por meio dos conceitos que se concentram em sua estrutura sobre cartografia urbana, cidadania, cidade e trabalho. Sendo assim, estes conceitos relacionam-se com a temática da pesquisa e possibilitam novos olhares diante dos autores utilizados para referenciá-lo.

Na finalidade pela escolha dos trabalhos, escolheu-se o trabalho de dissertação intitulado: “Um Olhar Geográfico: A Percepção da Paisagem Urbana do Bairro Centro na Cidade de Catalão Sudeste do Estado De Goiás (Brasil)”. Da autoria de Ozanir Reinaldo de Lima (2015). Este estudo teve como objetivo compreender a percepção da paisagem urbana que os moradores têm do Bairro Centro na cidade de Catalão (GO) Brasil, bem como, os sentimentos topofílicos e topofóbicos de pertencimento ao lugar vivido. A área escolhida para a pesquisa foi o Bairro Centro na cidade de Catalão (GO), a opção por essa área se deu em função de ser um local onde a urbanização e movimentações dos sujeitos são intensas devido à concentração de estabelecimentos comerciais dos mais variados gêneros.

A escolha deste trabalho se dá porque o mesmo apresenta a Percepção da Paisagem Urbana de um determinado espaço geográfico. Nesse sentido, temos o tema como pertinente para a pesquisa, uma vez que está em consonância com uma das categorias *a priori* e com os objetivos que permeiam este estudo.

Quadro 10- Banco de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- BDTD

Descritores: Educação Ambiental, Educação Ambiental Formal, Percepção Ambiental de Professores e Moradores, Percepção Ambiental, Transformação da Paisagem e Entorno escolar.

TÍTULO	AUTOR	ANO	TRABALHO
“O estudo do meio na educação ambiental formal: contribuições da teoria crítica da Geografia”.	Luna Letícia de Mattos Lambert	2015	Dissertação de Mestrado em Educação
“A educação ambiental em escolas da rede pública: teoria e prática do professor do ensino fundamental”.	Sueli Fernandes Martins	2011	Dissertação de Mestrado em Educação
“A construção das cidades: processos educativos em uma transformação urbana”.	Daniel Marostegan e Carneiro	2008	Dissertação de Mestrado em Educação
“A categoria lugar na construção dos conhecimentos geográficos: análise a partir da prática pedagógica do professor de geografia em Formosa-Goiás”.	Hugo Carvalho Sobrinho	2016	Dissertação de Mestrado em Geografia
“Percepções sobre mudanças ambientais na Amazônia brasileira: Caminhos para a construção de um conhecimento integrador.”	Leandra Fatorelli	2013	Tese de Doutorado em Educação
“Contribuições da ciência geográfica às políticas públicas.”	Suellen Wallace Rodrigues	2015	Tese de Doutorado em Geografia
“Geografia do trabalho e da cidade: estudo etnográfico das dimensões da cidadania a partir das narrativas sobre a Vila DNOCS”.	Noemia Aparecida Garcia Porto	2015	Dissertação de Mestrado em Educação
“Um Olhar Geográfico: A Percepção da Paisagem Urbana do Bairro Centro na Cidade de Catalão Sudeste do Estado de Goiás (Brasil)”.	Ozanir Reinaldo de Lima.	2015	Dissertação de Mestrado em Educação

Elaborado pelo pesquisador (2018)

3.3 BANCO DE DADOS DA CAPES/CATÁLOGOS DE TESES E DISSERTAÇÕES

A pesquisa realizada por meio do banco de dados da Capes- Catálogos de Teses e Dissertações iniciou-se por meio de uma busca avançada tendo como descritores iniciais Educação Ambiental, Percepção Ambiental, Transformação da Paisagem e Entorno escolar. Obteve-se 969.495 resultados, na intenção de refinar a pesquisa devido ao número de trabalhos encontrados, acrescentaram-se os descritores Educação Ambiental Formal e Bairros, diante desse refinamento, aumentou-se o número para 969.626 trabalhos.

Depois de realizado esse refinamento, limitou-se a busca no banco de dados para somente dissertações, onde tivemos como resultados 683.258 trabalhos. Delimitando um pouco mais, foi definida a busca avançada de dissertações publicadas nos últimos dez anos, onde se teve como resultado 373.910.

Nos critérios de busca no banco de dados, procurou-se limitar ainda mais a busca, estabelecendo o refinamento por meio da grande área de conhecimento, sendo alinhavada a área de ciências humanas, onde 32.683 dissertações foram encontradas.

Na continuidade do refinamento foi selecionada a subárea da Educação, onde 11.117 trabalhos foram encontrados. O último critério para refinamento foi à delimitação da área de concentração de publicações no banco de dados, sendo elas a Ambiental, onde se teve como resultados 294 dissertações.

Após a leitura dos títulos e resumos, foi selecionado somente uma dissertação associada à temática do estudo. Sendo essa intitulada: “A Escola, o bairro e a cidade: Processos de Formação de Territórios Educativos na Perspectiva da Educação Integral”. Da autoria de Paulo Felipe Lopes de Carvalho (2014). Esta dissertação discute a relação entre escola e território, a partir da abertura da escola em direção ao bairro e à cidade no âmbito do Programa Escola Integrada\PEI desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação\SMED de Belo Horizonte MG. A pesquisa ainda permitiu compreender se as relações de poder são intrínsecas ao encontro da escola com o território, na medida em que, ao circular pelo bairro, percebeu-se que diversos grupos e indivíduos buscam a apropriação do espaço, colocando a escola em uma disputa pela utilização e apropriação desse espaço, o que engendra, na dinâmica do PEI, intensos processos de (re) territorialização demandando dos profissionais uma sensibilização em relação a essas relações de poder e conflitos, para que, então, possam planejar e desenvolver as ações educativas compreendendo as dinâmicas territoriais que no bairro se processam.

Após todas as fases realizadas de refinamento no banco de dados da Capes, somente um trabalho foi selecionado, sendo esse, de grande relevância para os estudos dessa dissertação,

uma vez que emerge por meio das suas linhas, uma discussão no entorno da relação entre escola e território. Por meio da leitura desse trabalho, surgem novos olhares acerca do estudo.

Quadro 11 - Banco de dados da Capes- Dissertações e Teses

Descritores: Educação Ambiental, Educação Ambiental Formal, Percepção Ambiental, Transformação da Paisagem, Entorno escolar e Bairros.

TÍTULO	AUTOR	ANO	TRABALHO
“A Escola, o bairro e a cidade: Processos de Formação de Territórios Educativos na Perspectiva da Educação Integral”.	Paulo Felipe Lopes de Carvalho.	2014	Dissertação de Mestrado em Educação

Elaborado pelo pesquisador (2018)

3.4 BANCO DE DADOS DA UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

A Universidade do Planalto Catarinense foi o último banco de dados analisado. Por meio do descritor Educação Ambiental, iniciou-se a pesquisa, sendo assim obteve-se 170 resultados de trabalhos, sendo 16 artigos e cinco dissertações. Ressalta-se que após a leitura dos resumos, nenhum foi selecionado.

Delimitando um pouco mais a pesquisa, associaram-se os descritores Transformação da Paisagem e Entorno Escolar, onde nenhum trabalho foi encontrado.

Na tentativa de buscar trabalhos que contribuíssem para este estudo, foi indexado as buscas o descritor Percepção Ambiental, onde quatro dissertações foram encontradas, sendo duas delas selecionadas após a leitura dos títulos e resumos.

O primeiro trabalho selecionado é da autoria de Patricia dos Santos Pucci (2014) intitulado: “Percepção Ambiental dos Professores e Pais de Alunos de um Centro de Educação Infantil Municipal em Área de Abrangência do Aquífero Guarani (Lages - SC)”. Esta pesquisa teve como questão básica compreender: qual a Percepção Ambiental dos Professores e Pais dos alunos do Centro de Educação Infantil Municipal Bairro Santa Cândida em área de abrangência do Aquífero Guarani (Lages-SC). Como resultados evidenciou-se que os professores não percebem o ambiente onde está situado o CEIM, no caso, área de afloramento do Aquífero Guarani. Sendo assim, as práticas pedagógicas realizadas pelos professores estão descontextualizadas, voltadas apenas para soluções de problemas de ordem física do ambiente. Quanto aos pais, alguns manifestaram conhecer o afloramento do Aquífero Guarani, entretanto, a maior preocupação ainda se refere aos resíduos sólidos e líquidos. Assim, evidencia-se a

importância da educação ambiental participativa comprometida com a qualidade ambiental local.

Este trabalho foi selecionado diante de sua relevância, no que tange a sua temática, referencial teórico e resultados obtidos, possibilitando dessa forma, uma análise criteriosa da percepção ambiental de professores e moradores que estão no entorno de um determinado espaço geográfico. Consolida-se ainda, por meio da orientadora do estudo, que também orienta a presente dissertação em construção.

O segundo trabalho selecionado é intitulado “O saber ambiental dos integrantes do projeto parceiros ambientais da Vila Comboni: possibilidades e desafios na construção de uma consciência ecológica”. Da autoria de Andreia Telles (2011).

O objetivo geral deste trabalho foi compreender a percepção dos universitários a respeito da sustentabilidade social, econômica e ambiental na perspectiva da visão ecológica na Serra Catarinense. Ao desvendar a percepção dos estudantes universitários a respeito da sustentabilidade social, econômica e ambiental na perspectiva da visão ecológica a pesquisa visou melhorar a qualidade de vida das pessoas e preservar o meio ambiente, por meio de estratégias que apontem para um comportamento mais consciente e sustentável. Desta forma, procurou-se gerar conhecimentos na aplicação prática dirigida, visando melhorar os problemas socioeconômicos e ambientais da região, fazendo uma reflexão com os dados coletados por meio da ótica da teoria da complexidade.

O trabalho foi selecionado porque faz uma reflexão sobre os saberes ambientais, torna-se relevante diante de seus resultados quando procura identificar a percepção de estudantes acerca da sustentabilidade social. Sendo assim, vai ao encontro dos objetivos dessa dissertação e contribuí por meio do seu referencial teórico para ampliar a visão do autor perante os saberes ambientais.

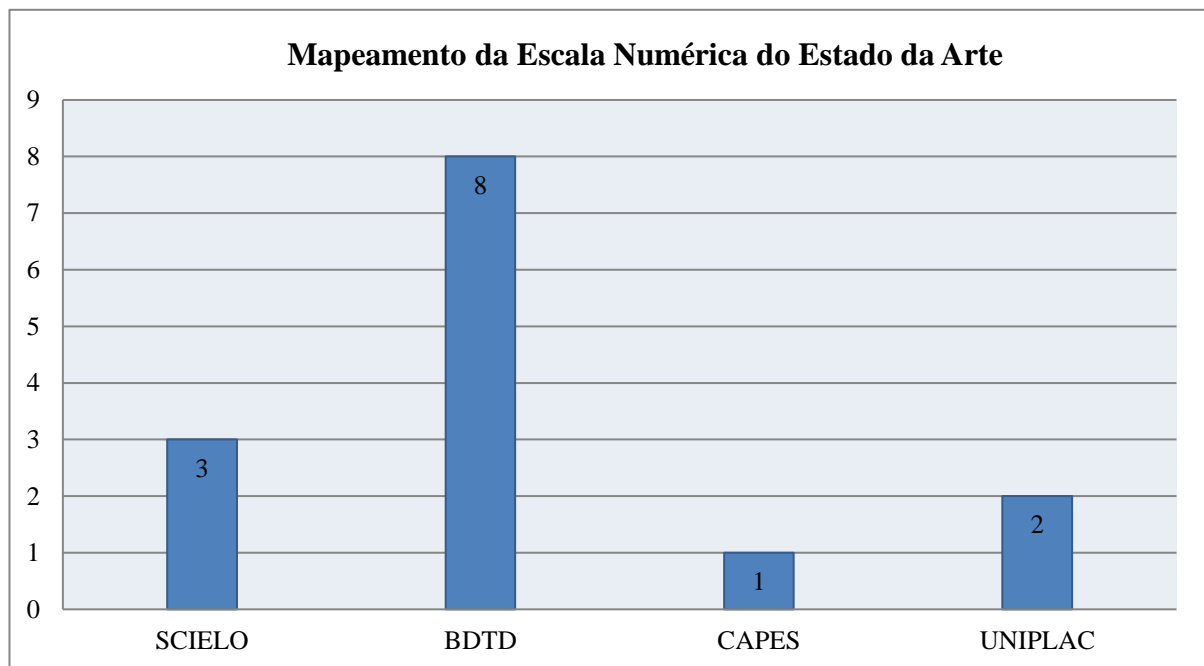
Quadro 12- Banco de dados UNIPLAC- Dissertações.

TÍTULOS	AUTOR	ANO	TRABALHO
“Percepção Ambiental dos Professores e Pais de Alunos de um Centro de Educação Infantil Municipal em Área de Abrangência do Aquífero Guarani (Lages - SC)”.	Patricia dos Santos Pucci	(2014)	Dissertação de Mestrado em Educação
“O saber ambiental dos integrantes do projeto parceiros ambientais da Vila Comboni: possibilidades e desafios	Andreia Telles (2011)	2011	Dissertação de Mestrado em Educação

na construção de uma consciência ecológica”.			
--	--	--	--

Elaborado pelo pesquisador (2018)

Gráfico 2- Quantificando a seleção de trabalhos nos Bancos de Dados



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Na análise do gráfico acima, percebemos que diante do número de trabalhos selecionados, a Universidade do Planalto Catarinense apresenta pesquisas no campo deste estudo de grande relevância. Sendo assim, destacamos que este processo de fomento a estudos na área de atuação da Educação Ambiental se dá sob orientação na maioria dos seus trabalhos por parte das doutoras Lucia Ceccato de Lima e Mariana Arruda Patrício com base nos estudos que encontramos para leitura no banco de dados da UNIPLAC e posteriormente selecionamos para leitura integral.

Ao observar a quantidade de trabalhos selecionados e fazermos comparação com os demais bancos de dados, refletimos que esta universidade tem buscado se consolidar nessa linha de pesquisa.

Por meio do mapeamento do estado da arte, foi possível perceber que o estudo acerca da temática que é foco dessa dissertação, possui diversos trabalhos, com múltiplos olhares, em diferentes contextos e espaços geográficos. Sendo assim, ressignificou-se o olhar do pesquisador acerca de seus escritos, lendo os títulos, os resumos e em alguns momentos os trabalhos na íntegra.

Entendem-se também, que foi possível detectar o conhecimento produzido, e que esse, está ligado à possibilidade de quantificar e qualificar se é relevante ou não o objeto dessa pesquisa, visando assim, legitimar conhecimento sobre o tema Educação Ambiental: Percepções dos Professores e Moradores sobre a Transformação da Paisagem no Entorno Escolar do Bairro Santa Clara- Lages-SC.

Ao mapearmos os bancos de dados, se percebeu o quanto o estado da arte é importante, pois traz em suas fases o rigor que se faz necessário diante da pesquisa científica.

Destaca-se, que por meio do estado da arte, ampliou-se de forma considerável o referencial teórico do estudo, portanto, a necessidade anunciada de um olhar sensível para outros trabalhos, consolidou-se, sendo então capaz de minimizar certezas para uma interpretação que vá além do que está posto, ou seja, foi proposto por meio desse exercício, experimentar novos caminhos que ainda não foram percorridos.

4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: CONSTRUINDO CONCEITOS, RECRIANDO VALORES E OPORTUNIZANDO NOVOS COMPORTAMENTOS

Este capítulo tem por objetivo fazer um resgate da trajetória de legitimação da Educação Ambiental, apontando também à consolidação de sua legislação, bem como discorrer características de uma EA voltada à perspectiva formal, sua temática de forma transversal no currículo, e a articulação com projetos promovendo atitudes para preservação do meio ambiente no espaço escolar embasadas em políticas públicas, a partir do olhar geográfico.

4.1 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO NACIONAL E GLOBAL

A Educação Ambiental é um tema que vem ganhando espaço no que concerne aos meios de conscientização sobre ações de preservação do meio ambiente. Nesse sentido, se faz necessário fazer um breve histórico sobre seu processo de legitimação.

A EA surge por meio de diferentes movimentos ecológicos, a fim de propor uma reflexão e correlacioná-la com práticas educativas que fomentem para mudança de postura da sociedade.¹⁵

Entre várias definições sobre o que é EA, destaca-se que, para Medina (2001, p. 17):

A Educação Ambiental como processo [...] consiste em propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição consciente e participativa a respeito das questões relacionadas com a conservação e a adequada utilização dos recursos naturais deve ter como objetivos a melhoria da qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado.

Amparado no contexto de movimentos sociais que fomentaram para consolidação da EA, destaca-se que surgiram grupos pacifistas na perspectiva ambiental, que tinham como objetivo estimular políticas públicas que amenizassem os danos ao quadro ambiental que já se encontrava caótico.

¹⁵ A expressão Educação Ambiental foi utilizada pela primeira vez em 1962, na Conferência de Educação da Universidade de KEELE, Grã-Bretanha (RABELO, 2007, p. 302).

Nas décadas de 60 e 70, surge a ciência ecológica e, nesse momento, percebe-se a fragilidade de tudo que se tinha sobre o tema, as novas descobertas então estariam atreladas a ecologia.

Araújo (2007), diz que:

Em 1864, ocorre o lançamento do livro: “O Homem e a Natureza ou “Geografia Física Modificada pela Ação do Homem” de autoria do norte americano Georges Perkins Marsh”. Cinco anos depois, o vocábulo “ecologia” é proposto por Ernst Haeckel para definir os estudos a serem realizados sobre as relações entre as espécies e seu ambiente. (ARAÚJO, p.23. 2007)

Continuando com esse movimento acerca da legitimidade da EA, em 1972 ocorreu a importante Conferência de Estocolmo (Suécia), I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, que teve como produto de sua organização um Plano de ação que foram direcionadas para o Programa Internacional da Educação Ambiental. Com essa conferência, outros problemas ganharam evidência para os debates, como as ilhas de calor e o efeito da inversão térmica, isso serviu como um alerta mundial.

Essa primeira conferência teve um papel mais centralizado voltado à identificação de problemas, não sendo tão eficaz na tomada de decisões para reverter o quadro de problemas ambientais.

Em resposta a Conferência de Estocolmo, em sua cláusula 96, a UNESCO em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) refletiu sobre o desenvolvimento da Educação Ambiental como instrumento de combate a crise ambiental do mundo e instituiu o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA).

Na continuação pela tentativa do fortalecimento da EA, em 1975, foi lançada a Carta Belgrado, que tinha como conteúdo a constatação de um crescimento desordenado tanto econômico como tecnológico. O que, de certa forma, promoveu problemas de cunho social e ambiental. Essa carta tinha o anseio por debater um crescimento sustentável, em que a sociedade não deixasse de produzir, ou consumir, mas que essas atitudes fossem visando uma ética global e que esse processo ocorresse de forma consciente.

A Carta de Belgrado (1975, p.77) afirmava em seu texto que:

Governos e formuladores de políticas podem ordenar mudanças e novas abordagens para o desenvolvimento, podem começar a melhorar as condições de convívio do mundo, mas tudo isso não passa de soluções de curto prazo, a menos que a juventude mundial receba um novo tipo de educação. Esta implicará um novo e produtivo relacionamento entre estudantes e professores, entre escolas e comunidades, e entre, e entre o sistema educacional e a sociedade em geral.

A Carta referência para uma educação ambiental que seja instrumento de mudança de comportamento nos espaços educacionais, já trazendo a EA como um caminho para políticas públicas que tenham significado real na sociedade, visando uma mudança de comportamento.

Em 1977, na cidade de Tbilisi, na antiga (URSS), aconteceu por intermédio da (ONU), a I Conferência Intergovernamental sobre Educação para o Meio Ambiente, sendo discutidas as diretrizes, as conceituações e os procedimentos para a Educação Ambiental, no âmbito mundial, na qual “sinalizou para o mundo os caminhos para a incorporação da dimensão ambiental, em todas as formas de educação” (DIAS, 2000, p. 16).

Foi recomendado na Conferência para o desenvolvimento da Educação Ambiental que,

Se considerassem todos os aspectos que compõem a questão ambiental, ou seja, os aspectos políticos, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos, culturais, ecológicos e éticos; que a Educação Ambiental deveria ser o resultado de uma reorientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas, que facilitassem a visão integrada do ambiente; que os indivíduos e a coletividade pudessem compreender a natureza complexa do ambiente e adquirir os conhecimentos, os valores, os comportamentos e as habilidades práticas para participar eficazmente da prevenção e solução dos problemas ambientais [...] (DIAS, 2000, p. 83).

Nessa conferência, segundo Pedrini (1998, p.16) se chegou à conclusão de que a educação deveria preocupar-se com a conscientização, a transmissão de informação, o desenvolvimento de hábitos e a promoção de valores, bem como o estabelecimento de critérios e orientações para resolução de problemas.

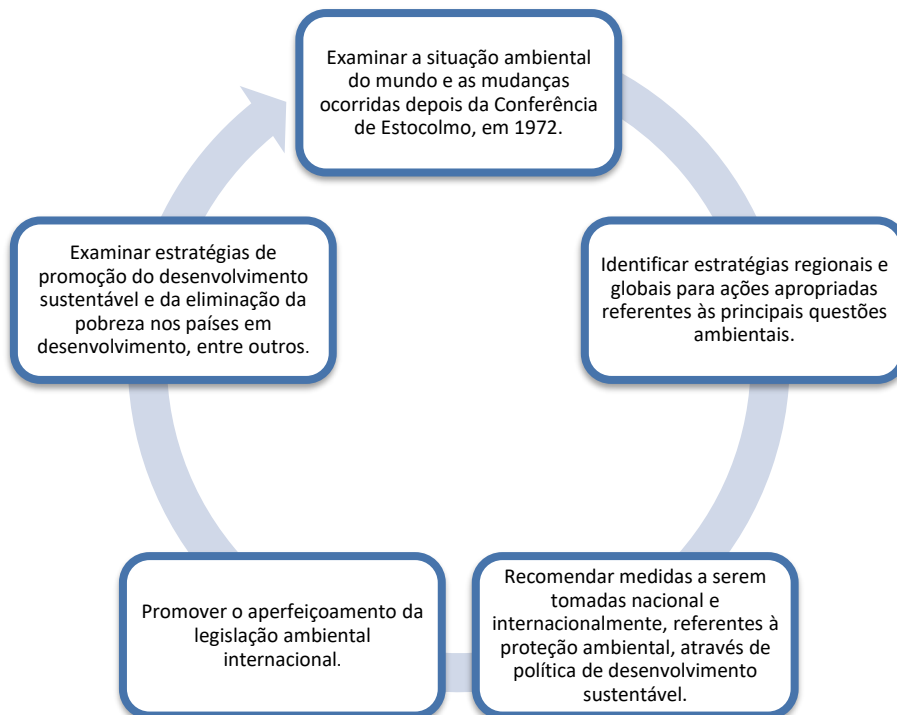
Na Conferência de Viena, (Suíça), em 1985, foram debatidas as modificações na camada de ozônio e como ela poderia prejudicar a saúde humana e o ambiente. Em 1987, com a participação da UNESCO, organizou-se a II Conferência Mundial de Educação Ambiental, em Moscou, (URSS). O ano de 1990 é declarado pela ONU, como o ano Internacional do Meio Ambiente.

Com a discussão aflorada, pautada no processo de globalização, e a situação de um desenvolvimento econômico desequilibrado dos países de terceiro mundo, as questões ambientais ganham espaço então, se começou a planejar a Conferência Rio-92, que tinha como principal objetivo os problemas ambientais e o desenvolvimento sustentável dessas nações. Nessa ocasião é lançado o desafio para o próximo milênio. Ocorreu nessa mesma conferência o Fórum Global¹⁶, reunindo Organizações Não-Governamentais (ONGs) do mundo inteiro.

¹⁶ Durante esse Fórum foi realizada a Jornada Internacional de Educação Ambiental criando-se o “Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade Global” (GUIMARÃES, 2001, p. 28).

Na Conferência Rio - 92 entre tantos documentos importantes, um deles destaca-se, à criação da Agenda 21, um planejamento para o século XXI, um documento de 40 capítulos, com a finalidade de promover mundialmente um desenvolvimento da qualidade de vida, em que haja preservação ambiental, justiça social e desenvolvimento sustentável, promovendo uma educação permanente sobre meio ambiente.

Figura 14- A Conferência Rio – 92 e os seus objetivos



Autor: (DIAS, 2000, p. 521).
Elaborado pelo pesquisador (2018)

Em 1997, foi assinado o Protocolo de Kyoto (Japão), um acordo internacional que comprometia os países da América do Norte a reduzir as emissões dos gases que provocam e agravam o efeito estufa, considerados pelos cientistas como causa principal do aquecimento global no mundo.

Em 2012, novamente no Brasil, no período de 20 a 22 de junho, foi realizada a Rio+20– Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (UNCSD).

Nessa conferência ficou estabelecido conforme a Declaração final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (RIO + 20, 2012, p. 3) que é necessário:

- Promover o crescimento econômico sustentável, equitativo e inclusivo;
- Criar maiores oportunidades para todos;

- Reduzir as desigualdades;
- Melhorar as condições básicas de vida;
- Promover o desenvolvimento social equitativo para todos;
- Promover a gestão integrada e sustentável dos recursos naturais e dos ecossistemas, o que contribui notadamente com o desenvolvimento social e humano, sem negligenciar a proteção, a regeneração, a reconstituição e a resiliência dos ecossistemas diante dos desafios, sejam eles novos ou já existentes.

Mesmo com diferentes movimentos com o intuito da consolidação da EA por sua importância ambiental, social e educacional, Santos (2000, s/p) destaca que:

Em termos jurídicos propriamente dito, vemos que no Brasil o parágrafo 1º, VI, do art. 255 da Constituição Federal, determina ao Poder Público a promoção da EA em todos os níveis de ensino. Mas, apesar desta previsão constitucional, bem como o fato da EA já ser reconhecida mundialmente como ciência educacional e também recomendada pela UNESCO e a Agenda 21, pouco era feito no Brasil para a sua implantação concreta no ensino. O que existia era fruto dos esforços de alguns abnegados professores e educadores, não havendo a atenção que merece o tema pelo Poder Público e as entidades particulares de ensino.

Sendo assim, conforme exposto acima, foi preciso criar uma legislação própria da EA, publicada então a Lei 9.795, de 27/4/1999, que institui também a Política Nacional de Educação Ambiental. Sobre a LEI 9.795/99, Santos (2000) indica que:

a lei define juridicamente EA como “o processo por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (art.1º) e Instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente (art. 6º) definindo seus objetivos fundamentais como, por exemplo, o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos, bem como o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como o valor inseparável do exercício da cidadania (art.5º). Interessante na nova legislação é que reconheceu a EA como componente essencial e permanente da educação nacional, distinguindo juntamente com o seu caráter formal o caráter não formal, ou seja, a educação ambiental não oficial que já vinha sendo praticada por educadores, pessoas de várias áreas de atividades e mesmo entidades, obrigando ao poder público em todas as suas esferas incentivá-la (art. 3º e 13º).

A inclusão da EA nos Parâmetros Curriculares Nacionais reforça o objetivo de legitimá-la. Conforme Furtado:

[...] a importância da Educação Ambiental se explicita formalmente na obrigatoriedade constitucional, em sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na publicação da Lei Federal que define a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9795 /1999), instrumentos legais e documentos governamentais que asseguram a temática um caráter transversal, indispensável e indissociável da política educacional brasileira (2009, p.346).

A mais recente legislação que ampara as temáticas ambientais são as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental (2012) que reconhece a relevância da EA e sua obrigatoriedade em todas as etapas e modalidades da educação básica. Retomar a trajetória da EA se faz necessário, uma vez que este trabalho lhe tem como arcabouço teórico.

4.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Quando discutimos Educação Ambiental¹⁷ em nossas escolas, por diversas vezes conscientizamos nossos estudantes apenas sobre conceitos básicos de sua ação individual para o coletivo, ou seja, trabalhamos em nossas salas de aula temas que fazem parte dos debates evidenciados na grande mídia, a exemplo: ensinamos conceitos de coleta seletiva, preparamos nossos educandos para atitudes de conservação de tudo aquilo que está escasso, bem como discutimos sobre temas que fazem parte dos conteúdos curriculares e apresentam correlação com a EA de forma transversal.

Porém, essas discussões acontecem e muitas vezes não alcançam os resultados que se esperam. É notório que é importante que esses temas se façam presentes na vivência escolar, mas devemos na condição de professores ampliar essa visão dos sujeitos que passam por esse ambiente, e essa deve partir do micro para o macro, atuando na formação crítica e no desenvolvimento de um pensamento socioambiental.

Mendes e Vaz (2009) expõem que há registros no país mostrando que desde a década de 1950, ainda que sob a forma de iniciativa isolada, a inserção de temas ambientais já ocorria no ensino formal.

A EA divide-se em sua conjuntura entre educação formal e não formal, sendo a educação formal a que envolve estudantes em geral, desde a educação infantil até a fundamental, média e universitária, além de professores e demais profissionais envolvidos em cursos de treinamento em Educação Ambiental, é essa a que iremos adotar neste estudo.

¹⁷ Segundo o censo Escolar do INEP/2004 - 94% das escolas do ensino fundamental, diziam praticar Educação Ambiental, seja por meio da inserção temática no currículo, em projetos ou até mesmo em disciplina específica.

Lima (2007, p. 41) nos afirma que:

A Educação Ambiental Formal ocorre dentro do sistema escolar. O educador deve construir o conhecimento a ser iniciado, buscando preparar para a vida os educadores-cidadãos, que devem, para transmitir tal conhecimento, bem como se apropriando dele e, aprender o suficiente para fazer o repasse.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA/2012), de grande importância por orientar especificamente a EA no ensino formal/regular, partindo de uma visão crítica, considera ser importante que as práticas escolares não se reduzam a atividades ingênuas que pouco permitem mudanças socioambientais.

O desafio de disseminar a EA nas instituições de ensino é também o meio de instigar os sujeitos que compõem a sociedade a refletirem sobre suas práticas no meio ambiente em que vivem. Percebe-se que os espaços escolares são o lugar ao qual a conscientização ambiental deve emergir de forma mais intensa, sabendo-se que é nesse espaço que podemos obter resultados mais consistentes, pois a mudança de comportamento perpassa também pelo exemplo que, na condição de educadores reflete como tarefa imprescindível nesse processo.

Nesse sentido Carvalho (2001, p. 47) diz que:

Embora todos os grupos sociais devam ser educados para a conservação ambiental, as crianças são um grupo prioritário. As crianças representam aqui as gerações futuras em formação. Considerando que as crianças estão em fase de desenvolvimento cognitivo, supõe-se que nelas a consciência ambiental pode ser internalizada e traduzida em comportamentos de forma mais bem-sucedida do que nos adultos que, já formados, possuem um repertório de hábitos e comportamentos cristalizados e de difícil reorientação.

Amparado no que reflete esse autor a formação para uma consciência ambiental na infância conduz para um comprometimento ainda maior da forma como a EA é discutida no espaço escolar.

Dentro da escola, é importante promover discussões a partir da localização que os sujeitos estão inseridos. Essa premissa é fundamental para que se aproveite ao máximo a promoção da criticidade dos educandos, sobre as transformações naturais/ambientais que acontecem em seu entorno.

Esse processo de discutir os problemas ambientais que fazem parte do dia a dia das crianças constrói uma visão de respeito ao ambiente em que estão inseridos e, de forma gradativa, reflete na percepção ambiental do todo.

Sendo assim, as discussões ambientais da cidade em que eles estão situados, precisam ser os primeiros conceitos abordados na perspectiva da EA, pois dessa forma estaremos

situando-os em seu espaço local. Essa premissa encontra-se amparada, nos Parâmetros Curriculares.

A partir da leitura atenta dos Parâmetros Curriculares (BRASIL, 2001), compreendemos que para trabalhar a educação ambiental nas escolas não é necessário que os professores saibam tudo, mas se disponibilizar em aprender o assunto, podendo assim, transmitir para os alunos a noção do tema a ser trabalhado. Ainda como concepção nos Parâmetros Curriculares, a educação ambiental deve ser desenvolvida com a finalidade de ajudar os alunos a compreenderem melhor o significado da questão ambiental, partindo da realidade local mais próxima dos alunos podendo ser considerado o conhecimento vivido no cotidiano de cada um, o que torna mais fácil relacionar conteúdos e práticas, onde a realidade está próxima, no lugar onde se vive na comunidade, enfim, onde se tem experiência dos fatos.

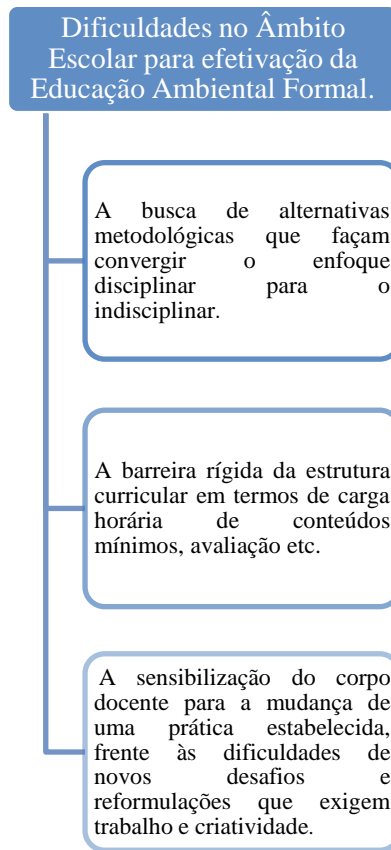
O processo de desenvolvimento de uma EA cada vez mais interligada com a rotina de projetos e atividades interdisciplinares na escola, não se dá de forma fácil. Em diferentes momentos ela acontece de forma isolada, sendo disseminada por um pequeno grupo de educadores, ou na grande maioria das vezes centralizada nos professores das disciplinas de ciências e geografia.

Percebe-se que é necessário fomentar atitudes para uma cultura de integração desses temas na vivência da escola, na busca da superação do etapismo. Além das situações de isolamento das temáticas ambientais nos espaços escolares, outros problemas podem ser elencados como exemplo: a carência do aperfeiçoamento continuado dos docentes para uma visão ambiental.

De acordo com o exposto acima, quando se fala de aperfeiçoamento continuado, chama-se atenção para a importância do professor buscar cursos, leituras, seminários, enfim apropriar-se das temáticas que perpassam pelas questões ambientais, afinal na atividade docente não se pode ensinar aquilo que não se tem propriedade, ou até mesmo aquilo que não se acredita, sendo assim o pensamento socioambiental deve partir em um primeiro momento do docente, para que aí sim ele ganhe espaço no 'chão da sala de aula'.

Segundo Effting (2007), há no mínimo três dificuldades a serem vencidas no processo da efetiva implementação da educação ambiental no âmbito escolar.

Figura 15 - Dificuldades no Âmbito Escolar da EA Formal



Autor: Effting (2007)

Elaborado pelo pesquisador (2018)

Conforme quadro acima, as dificuldades expostas perpassam por uma mudança de comportamento dos profissionais da educação, no que tange a interdisciplinaridade do tema, para um currículo escolar que não seja engessado, bem como um trabalho coletivo que ganhe espaço nas escolas e torne as temáticas ambientais presentes inclusive no Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino.

Segundo Andrade (2000), outros fatores contribuem para a dificuldade da consolidação da EA formal, sendo eles: o tamanho da escola, número de alunos e de professores, predisposição destes professores em passar por um processo de treinamento, vontade da diretoria de, realmente, implementar um projeto ambiental que altere a rotina na escola etc.

Este processo de fortalecimento nas escolas visa promover uma EA em que os estudantes estejam inseridos, sintam-se parte dela e da disseminação de seus valores, tornando-se educadores ambientais para além dos muros da escola, só assim, dê fato, podemos desenvolver ações de cunho benéfico para o futuro do planeta.

Para Lima (2012, p.87): “A Educação Ambiental é uma estratégia de sensibilização ambiental, para contribuir com a reflexão a respeito do atual modelo de sociedade”. A EA Formal nos espaços escolares tem em sua essência o desafio de cumprir com um papel social de enorme significado nas suas comunidades escolares em que estiver presente, seja nos bairros, ou nas cidades. Mais que teoria, a prática de ações deve ser o carro chefe para sua consolidação, e aqui se destacam alternativas para esse processo de reflexão e incentivo nas salas de aula: atitudes voltadas à coleta seletiva, cobranças por saneamento básico, preservação de áreas de afloramento de aquíferos, contribuição com hortas comunitárias, enfim, diferentes campanhas que possam agregar no fortalecimento de uma consciência socioambiental que se pautem em uma ética ambiental de todo processo.

Considerando toda essa importância da temática aqui descrita, faz-se necessário salientar que a educação ambiental na visão integrada de mundo, no tempo e no espaço, as escolas são privilegiadas na implementação de atividades que propiciem essa reflexão, pois isso necessita de atividades de sala de aula e atividades de campo, com ações orientadas em projetos e em processos de participação que levem à autoconfiança, a atitudes positivas e ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental implementados de modo interdisciplinar (DIAS, 1992).

A Educação está vinculada ao exercício da cidadania, e com isso podemos perceber que os desafios são imensos, mas que muito já se avançou ao longo dessa trajetória pelo fortalecimento da educação ambiental.

A EA deve estar presente de forma contínua, seja por meio da educação formal, nos espaços escolares ou não formal, envolvendo todas as camadas da sociedade. É de suma importância entendermos que não se procura conceber uma EA fragmentada entre formal ou não formal, uma vez que essa concepção é meramente para distinção dos focos de atuação, o que de fato possui relevância é o rompimento de barreiras para consolidação de políticas públicas que tenham efeito real em todas as camadas sociais.

4.3 A TRANSVERSALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ensinar e aprender em Educação Ambiental é um processo de suma importância nos espaços escolares, pois, a mesma proporciona por meio de sua articulação, mudanças de comportamento para a formação consciente e fortalecimento do pensamento socioambiental de cidadãos aptos a contribuir com a vida em seu espaço local e global.

Um dos principais desafios nas escolas é a inserção/compreensão da Educação Ambiental como tema transversal, sendo assim, é importante ressaltar os caminhos de legitimação da EA nos espaços escolares.

Os temas transversais foram introduzidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais¹⁸ para o ensino fundamental em 1997 não com o objetivo de serem conhecimentos específicos, mas como conteúdo a serem abordados no interior das disciplinas.

Ainda com base nos PCNs, a nomenclatura para EA aparece no ensino fundamental como “meio ambiente” este termo “Educação Ambiental” surge também nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental (resolução CNE/CP nº 2 de 15 de julho de 2012) e na Base Nacional Comum Curricular.¹⁹

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. E esse é um grande desafio para a educação. Gestos de solidariedade, hábitos de higiene pessoal e dos diversos ambientes, participação em pequenas negociações são exemplos de aprendizagem que podem ocorrer na escola (BRASIL, 1997, p. 187).

A educação ambiental é um componente curricular obrigatório a ser trabalhado na educação básica. Na DCNEA (2012) a inserção da EA deve ser abordada de três formas: pela transversalidade, como conteúdo de disciplina ou pela combinação dos dois.

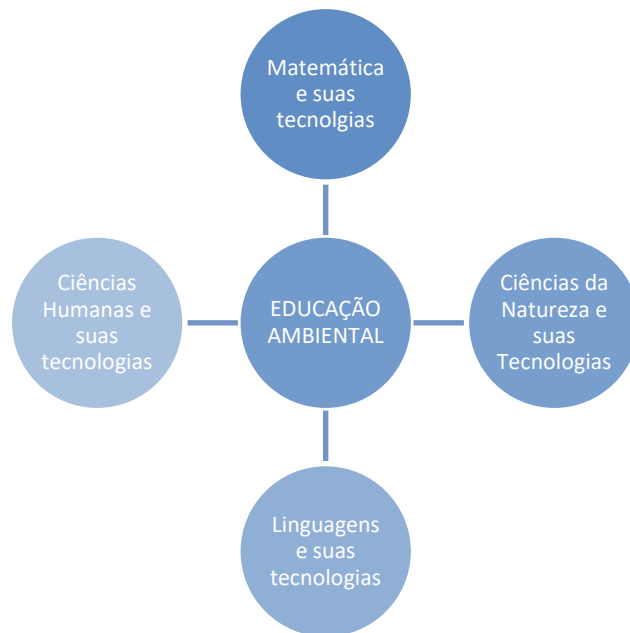
¹⁸Os PCNs – não obrigatórios, mas determinantes legais da ação pedagógica– objetivam ser “[...] uma referência nacional para o ensino fundamental; estabelece uma meta educacional para a qual devem convergir as ações políticas do Ministério da Educação e do Desporto [...]” (BRASIL, 1997b, p. 29).

¹⁹ A Base Nacional Comum Curricular (2017) é o documento mais recente no que se trata de orientações educacionais. Enquanto os PCN (1997) trazem sugestões para serem trabalhadas nos espaços escolares e as Diretrizes Nacionais Curriculares (2011) estão pautadas nas orientações do planejamento escolar, a Base Nacional Comum Curricular surgiu baseada nesta última, com a proposta de oportunizar um roteiro de conteúdos para as escolas públicas e particulares em todos os seus níveis, de modo a uniformizar os currículos escolares e oportunizar coerência e igualdade aos estudantes brasileiros. (PISETTI, 2018, p.56).

A temática ambiental muitas vezes acaba sendo tratada como um tema restrito as disciplinas de ciências e geografia, essa perspectiva denota para que a mesma não seja abordada de forma transversal, pois assim torna-se fragmentada no cotidiano escolar.

Na perspectiva da transversalização a EA deve estar em todas as áreas do conhecimento, contemplando assim as orientações dos PCNs e da BNCC.

Quadro 13 - Transversalização da Educação Ambiental



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Reigota (2000) considera que a transversalidade veio, de certa forma, para substituir a interdisciplinaridade, dar-lhe uma nova roupagem, visto que esta, por sua vez, já havia sido muito discutida de forma banalizada e pouco praticada. Ainda assim, este mesmo autor enfatiza que os temas transversais são apresentados de modo padronizado, sem conflitos e adequados aos padrões morais hegemônicos e aos interesses do grupo que estava no poder na época de sua elaboração.

Destaca-se que a Política Nacional de Educação Ambiental prevê que os profissionais da educação em todas as etapas e modalidades sejam contemplados com capacitações referentes à dimensão ambiental.

Nesse sentido, os PCNs (1997) orientam que os conteúdos de Meio Ambiente serão integrados ao currículo através da transversalidade, pois serão tratados nas diversas áreas do conhecimento, de modo a impregnar toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, criar uma visão global e abrangente da questão ambiental.

4.4 CARTOGRAFIA AMBIENTAL E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

A ciência geográfica sempre se preocupou em estudar diferentes processos que ocorrem na sociedade, sendo assim, focar na relação dos aspectos da natureza, meio ambiente, organização espacial, fenômenos de ordem cultural, entre outros. No que tange a Cartografia Ambiental, a mesma se dá como braço da cartografia temática, que nas suas especificidades, procura representar as relações complexas que existem entre o meio abiótico e biótico, contemplando o homem como um ser social, capaz de atuar na modificação do ambiente, e aqui, iremos nos reportar a suas atitudes, quando tratamos da transformação da paisagem.

Os estudos sobre o meio ambiente, com o objetivo de compreender as relações entre a sociedade e a natureza de forma integradora, holística, precisam se preocupar não somente no levantamento de problemas ambientais causados pela sociedade e como recuperá-los, mas também, no estudo do grau de fragilidade dos diversos ambientes às interferências antrópicas (LIMA; MARTINELLI, 2008).

Quando tratamos da ciência geográfica, precisamos nos reportar ao passado, para entender o seu processo de expansionismo, e aqui, tomamos como exemplo as palavras, amparadas em Andrade (2008) “expandindo à proporção que a civilização desenvolveu-se e a sociedade aumentou sua capacidade de dominar e modificar a natureza, para melhor desfrutar os recursos nela disponíveis” (p. 18). Desta forma, compreende-se que a geografia, é a ciência que estuda o espaço, e todos os movimentos que ocorrem em sua ocupação e transformação.

A geografia teve seu processo de consolidação a partir do século XIX, e muitos estudiosos contribuíram para isso, aqui, cabe destacar as fases para que esta ciência ganhasse a notoriedade, da qual merece. Em princípio, Alexandre Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), foram geógrafos precursores e grandes idealistas para a estabilidade da ciência. Para Moraes (2003), a Geografia do século XIX mantinha o caráter descritivo e as obras produzidas neste período constituíram a chamada Geografia Tradicional. Outro geógrafo que merece destaque é Friedrich Ratzel (1844-1904) que contribuiu para a ciência geográfica, ele prezava pelo estudo da distribuição dos fenômenos na superfície terrestre.

Grandes contribuições nos estudos geográficos devem-se a Geografia Regional de Paul Vidal de La Blache, estudioso das ideias de Ratzel, no final do século XIX, na França. A partir de 1960, surge uma Nova Geografia, devido à mudança da configuração espacial do território, pós-segunda guerra mundial. A Geografia Crítica emerge da ruptura com a Nova Geografia, principalmente pelo fato de que a Geografia deveria ser uma ciência preocupada com os

problemas sociais e, por isso, deveria aprofundar as relações sociedade versus natureza, tendo como objeto a realidade social (BEZZI; MARAFON, 2007).

Na visão de Santos (1997), o espaço é considerado como um fator da evolução social, contudo, não é formado apenas pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, presentes na natureza. Neste sentido, além do meio natural e artificial, o espaço geográfico é constituído, pela força da sociedade e de sua organização. Com isso a questão ambiental, passa a ganhar força e preocupação, pois emergem neste momento, diferentes processos, entre eles os modos de produção e organização do capital, que passam a influenciar em detrimento da “sobrevivência” a devastação nos espaços, que antes, eram preservados.

As relações de espaço-tempo possibilitam verificar a totalidade social e sua organização, que segundo Santos (1997) podem ser analisadas por meio de quatro categorias: forma, função estrutura e processo. Porém, parte da humanidade vive ainda em sociedades de espaço pouco organizado pela ação do homem (MOREIRA, 2008) o que dificulta a harmonia entre o ser humano e o meio ambiente.

Após a consolidação da cartografia como ciência, a mesma passou por diferentes avanços de ordem científica e tecnológica. Surge assim, a cartografia temática, ciência essa, que abrigou os estudos referentes à cartografia ambiental. A partir do século XX a Cartografia recebeu um grande estímulo com a introdução de ferramentas computacionais gerando uma verdadeira revolução nas técnicas cartográficas, passando-se da caneta à tinta nanquim, para o mouse do computador (LE SANN, 2005).

A cartografia ambiental surge então com o objetivo de tratar das representações ambientais, dos impactos da ocupação do homem no espaço geográfico, bem como analisar estas transformações. Desta forma, surge do escopo da cartografia temática, buscando então, a representação espacial. Para Zacharias (2010, p.115), a representação gráfica e visual da paisagem são necessárias duas etapas de cartografias distintas: a Cartografia analítica e a Cartografia de síntese.

A cartografia analítica é o levantamento do espaço físico, socioeconômico, ou dos movimentos de ocupação da terra. Já a cartografia de síntese, é a produção de um mapa final, ou um mapa síntese.

Os mapas analíticos, que abordam todos os componentes ambientais, e os mapas de síntese, de maior consonância, que visam representar a integração dos mapas analíticos em conjuntos espaciais característicos, fornecendo a dinâmica necessária a Cartografia Ambiental, permitem a compreensão e a visualização da dinâmica do meio ambiente (ARCHELA, 2002).

Martinelli (1994), diz que talvez a cartografia ambiental, ainda não tenha atingido sua plena sistematização, carecendo de esforços para estabelecer uma metodologia para sua consolidação. Welter (2006) e Sousa (2009) em suas pesquisas destacaram cinco principais propostas metodológicas para a Cartografia Ambiental guiada pelos pesquisadores Paul Ozenda, André Journaux, Jean Léon Trançoise Tricart, Helmut Troppmair e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Abaixo, anexamos a tabela síntese, desta proposta.

Quadro 14- Síntese das Propostas Metodológicas para a Cartografia Ambiental.

Autor	Proposta metodológica
Paul Ozenda	Mapas de vegetação – distribuição da fauna e da flora e apresenta a participação da ação antrópica.
Jean Léon Trançoise Tricart	Carta ecodinâmica - evidencia a relação do meio ambiente e do homem sob o ponto de vista dinâmico.
André Journaux	Mapa síntese – elaboração de três níveis de mapas distintos; ênfase para a legenda apresentando dados do meio ambiente e de sua dinâmica.
Helmut Troppmair	Mapa dos ecossistemas e geossistemas – mapeamento com base em imagens de satélite e nas categorias de ecossistemas e geossistemas.
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro	Mapa de qualidade ambiental - propõe três etapas (análise, integração e síntese); utiliza o conceito de geossistema, a abordagem sistêmica e integrada.

Fonte: Cartografia Ambiental: contribuições nos estudos geográficos Adaptado pelo pesquisador (2018)

Cartografia Ambiental nos estudos da Paisagem, aqui será destacada, diante do objetivo maior de nosso estudo. No contexto da Cartografia Ambiental, a Cartografia das Unidades de Paisagem pode ser concebida como uma Cartografia Ambiental de Síntese, uma vez que aquelas se comportam como geossistemas dotadas de morfologia, funcionamento e comportamento (FERREIRA, 1997).

Desde o século XIX, os naturalistas e os exploradores já percebiam a sua realidade concreta como paisagem, ou seja, o relacionamento dos diversos aspectos da natureza entre si eram identificados pela noção de unidade espacial. O grande naturalista, Alexandre Von Humboldt, destacava a fisionomia da vegetação como essencial para

a caracterização de uma paisagem (MARTINELLI; PEDROTTI, 2001; ZACHARIAS, 2010).

Para Sauer (1925 apud Zacharias, 2010), a paisagem surgia como resultado da combinação dos elementos materiais com os recursos naturais disponíveis em um lugar, juntamente com as obras humanas e culturais. Assim sendo, o termo “paisagem” é utilizado para definir o conceito de unidade da geografia, e pode ser “definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais” (SAUER, 1998, p. 23).

Sendo assim, o estudo da paisagem não pode ser visto somente do ponto de vista natural, mais sim, de sua totalidade. Com as mudanças nas relações de espaço e tempo avançou-se para o meio técnico-científico informacional, e a paisagem por sua vez, tornou-se mais científica e técnica, ao passo que o espaço tornou-se informacional (SANTOS, 1994, 1996).

Desta forma, o surgimento da Cartografia Ambiental, contribuiu para que a dinâmica dos espaços geográficos fossem lidos e repensados de forma preocupada, engajada, a fim de que pensamento socioambiental fosse contemplado e ajudasse na preservação do meio ambiente. Ainda assim, possibilitou que a compreensão das transformações não ocorresse do ponto de vista fragmentado, mas a partir da totalidade. O mapa síntese tem como proposta a questão do planejamento e gestão ambiental, em fortalecimento do meio ambiente, minimizando diferentes danos que podem ocorrer por meio de ocupações irregulares.

5 TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO ESCOLAR E SUAS RELAÇÕES ANTRÓPICAS

O processo de formação de um espaço geográfico se constitui de diferentes formas, sendo permeado por forças internas e externas que influenciam na transformação do lugar. Sendo assim, alguns elementos geográficos são imprescindíveis para se conhecer a história de um bairro, entre eles a dinâmica que envolve a transformação da paisagem, que perpassa por elementos da natureza e a intervenção humana nesse processo. Ainda sim, as relações antrópicas serão discutidas para se entender as transformações que ocorrem por meio da relação do homem com o meio.

Nas questões que embasam a transformação da paisagem, podemos compreender que ela é fator determinante para contar a história da identidade do lugar, constituído por meio da categoria temporal, sendo assim este capítulo tem por objetivo fazer uma análise dos conceitos sobre paisagem, bem como situar características do entorno escolar por meio da categoria lugar referenciando o *locus* desse estudo.

5.1 CONCEITUANDO PAISAGEM

De acordo com vários estudos pode-se dizer que a origem do termo paisagem é muito mais antiga do que se pode imaginar, sendo que o mesmo é empregado há mais de mil anos por meio da palavra alemã *landschaft* (paisagem) e desde então vem tendo uma evolução linguística muito significativa (TROLL, 1997).

Quadro 15 - Conceitos de Paisagem

Escola Germânica: foram apresentados novos conceitos sobre paisagem, trabalhando em uma visão geográfica, a partir de um novo método de trabalho baseado na cartografia geomorfológica. Essa escola introduziu também o conceito da paisagem como categoria científica e a compreendeu até os anos de 1940, como um conjunto de fatores naturais e humanos.

Escola Francesa: Christofletti (1999) afirma que La Blache considerou como elementos básicos, na organização e desenvolvimento dos estudos geográficos: as características significativas dos pays e regiões, os componentes da natureza e os originários das atividades humanas (virada do século XX). Dessa forma, Guerra (2006) complementa que o termo região foi, durante um longo tempo, o pilar da geografia francesa, aplicando-se tanto a conjuntos físicos, estruturais ou climáticos quanto aos domínios caracterizados pela sua vegetação.

Na antiga **União Soviética:** se caracterizou por ser uma escola fechada, cientificamente, em relação às demais escolas, e pode-se dizer que Dokoutchaev, em 1912, trouxe uma nova abordagem com relação aos elementos da natureza, definindo o Complexo Natural Territorial (CNT), na qual inclui os processos físicos, químicos e bióticos, colocando a vegetação como diferenciadora nas tipologias das unidades de paisagem e o solo como produto da interação entre o relevo, clima e a vegetação.

Na **escola Anglo-americana:** durante os anos de 1940 nos Estados Unidos, substituiu o termo *landscape*, que estava, até então, em uso nesse país sob influência da geografia alemã (Carl Sauer), pela ideia da “região”

(Richard Hartshorne), sendo esta um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana (SCHIER, 2003). A paisagem era analisada sob a perspectiva da evolução do relevo, e teve como destaque trabalhos de Grove Karl (1880) e de William Morris Davis (1899).

Fonte: escolas da Geografia e seus respectivos conceitos

Elaborado pelo pesquisador (2018)

O estudo da categoria paisagem está intrinsecamente ligado com o lugar ao qual ela se manifesta e expressa suas transformações. “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais” (SANTOS, 2002, p.107).

A paisagem é evidenciada no meio natural e faz parte da constituição da história do espaço geográfico, pois suas transformações constituem a identidade do lugar. Bolós (1981, p. 55) define o conceito de paisagem da seguinte forma:

A paisagem como “uma área geográfica, unidade espacial, cuja morfologia agrega uma complexa inter-relação entre a litologia, estrutura, solo, fauna e flora, sob ação constante da sociedade, que transforma”. Sendo que o espaço geográfico é onde as intervenções da sociedade alteram-se ao longo do tempo e sua dinâmica e evolução são determinadas por processos históricos e naturais.

As discussões acerca do conceito dessa categoria tão importante para a geografia tornaram o processo de compreensão dissociável do senso comum. Aqui cabe ressaltar a contribuição de Paul Vidal de La Blache (1982, p.89), paisagem é aquilo que “[...] o olho abarca com o olhar”. Esse foi um dos primeiros entendimentos sobre o conceito de paisagem. Porém, sabe-se que compreender a paisagem, é analisar outros elementos fundamentais na modificação e constituição do espaço natural e social.

Quando observamos as “forças” que alteram o espaço, percebemos que a transformação da paisagem e sua própria identidade, se dão por meio de processos naturais e históricos, isso evidencia a característica do lugar. Com essa modificação constante, a paisagem nos revela a memória de um espaço vivido e como consequência transformado/ocupado.

A Paisagem revela ainda, elementos importantes da ocupação de um determinado lugar e as características dos sujeitos que fizeram parte dessa transformação, alterando então o natural e impregnando o cultural. A paisagem não é homogênea, sua modificação é constante.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial (SANTOS 1996, p. 65).

Trabalhar esses conceitos dentro da escola é de suma importância para que estudantes reconheçam por meio dessa categoria, o grande processo histórico e social que se tem com os fluxos de urbanização, e esse relacionado com a ocupação/transformação do espaço. Compreender esses conceitos torna os estudantes críticos, e atentos à história local de seu bairro, o que lhe confere discernimento para entender as razões da alteração da Paisagem como um fenômeno incontrolável pelas caracterizações do processo de urbanização que acontece em todos os espaços urbanos, mesmo aqueles que ainda preservam características rurais, como é o caso do Bairro Santa Clara, esse que é *locus* da pesquisa.

PCNs orientam os professores sobre os caminhos metodológicos, conforme o texto abaixo: O estudo da paisagem local não deve restringir à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. Deve-se também buscar as relações entre a sociedade e natureza que aí se encontram presentes situando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando-as, conferindo-lhes significados, compreendendo-as. Estudar a paisagem local ao longo do primeiro e segundo ciclos é aprender a observar e a reconhecer os fenômenos que a definem e suas características; descrever, representar, comparar e construir explicações, mesmo que aproximadas e subjetivas, das relações que aí se encontram impressas e expressas (BRASIL, 2000, p. 116).

A paisagem é capaz de revelar a forma como as sociedades se organizam no entorno de um determinado espaço, ela é, na sua essência, a categoria que de forma visual expressam elementos naturais e sociais que fizeram parte da modificação de um determinado lugar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) se referem ao conceito de paisagem, argumentando que quando se fala da paisagem de uma cidade, dela fazem parte seu relevo, a orientação dos rios e córregos da região, sobre as quais se implantaram suas vias expressas, o conjunto de construções humanas, a distribuição de sua população, o registro das tensões, sucessos e fracassos da história dos indivíduos e grupos que nela se encontram. É nela que estão expressas as marcas da história de uma sociedade, fazendo assim da paisagem um acúmulo de tempos desiguais.

O espaço geográfico é o conceito balizador da Geografia e deve ser pensado como um todo uno e múltiplo, aberto a múltiplas conexões.

Cavalcanti (2004) alerta que “caberia ao ensino trazer a ‘paisagem’ para o universo do aluno, para o lugar vivido por ele, o que quer dizer trazer a paisagem conceitualmente como um instrumento que o ajude a compreender o mundo em que vive” (CAVALCANTI, 2004, p.77).

Vila (1992) considera importante incluir no currículo acadêmico e escolar os estudos da paisagem, como resposta às novas necessidades de formação. A partir do estudo da paisagem, que é complexo, é possível desenvolver determinadas atitudes, valores e normas básicas para a formação dos cidadãos. Portanto, refletir sobre esse tema, torna-se essencial no

processo de construção do pensamento crítico, e observador do estudante, analisando, e valorizado seu espaço local, sendo conhecedor de sua história, e se situando no seu real recorte geográfico. Para o autor, este conteúdo apresentado de diferentes formas aos estudantes, pode gerar um debate mais abrangente, num primeiro momento o estudo do micro para o macro, para que tenham clareza das alterações do espaço que estão inseridos com um olhar atento as transformações naturais e culturais.

5.2 OCUPAÇÃO E USO DO SOLO NO ENTORNO ESCOLAR DO BAIRRO SANTA CLARA/LAGES (SC)

Ao analisar os elementos que compõem a transformação da paisagem no entorno escolar, verifica-se que o uso e ocupação do solo são elementos importantes para se compreender como as sociedades se organizam no espaço geográfico.

O uso e ocupação do solo tem por principais finalidades, Segundo Takeda, 2001, pg.176:

- a) Organizar o território potencializando as aptidões, as compatibilidades, as contiguidades, as complementariedades, de atividades urbanas e rurais; b) Controlar a densidade populacional e a ocupação do solo pelas construções; c) Otimizar os deslocamentos e melhorar a mobilidade urbana e rural; d) Evitar as incompatibilidades entre funções urbanas e rurais; e) Eliminar possibilidades de desastres ambientais; f) Preservar o meio-ambiente e a qualidade de vida rural e urbana.

Destaca-se que o Plano Diretor da Cidade, tem papel fundamental na sistemática de ocupação do solo nos bairros da Cidade de Lages-SC. Pois, tem como fundamentação em sua redação no art. 77 o objetivo de instituir um processo de identificação, classificação, regulamentação e fiscalização para as atividades que produzem impactos no espaço territorial do município e para aquelas que desejam instalar - se, estabelecendo formas de monitoramento e aplicando os competentes estudos de impacto e medidas mitigadoras para a minimização ou a solução dos conflitos (PLANO DIRETOR DA CIDADE LAGES, 2001).

Sendo assim, o referido documento tem em seu arcabouço uma legislação que se aplicada, pode minimizar os impactos ambientais de ocupações irregulares, como é o caso do bairro Santa Clara.

No entanto o que não se pode negar, é que além da ocupação irregular por parte da população, se verifica também participação do município de forma negativa. Se não bastasse à falta de fiscalização e de uma política pública consistente de preservação ambiental em

determinadas áreas do bairro, o poder público não possui planejamento na execução de suas obras, onde diversas vezes ocupam de forma irregular espaços que sua própria legislação prevê como áreas de preservação, gerando uma ambiguidade no que tange a sua legislação.

O processo de urbanização tem forte relação com a alteração da paisagem no entorno escolar. Entre eles os processos migratórios, a construção inadequada em áreas urbanas, bem como o inadequado uso e ocupação do solo.

Migração: movimento de população para o território de um outro Estado ou dentro do mesmo que abrange todo movimento de pessoas, seja qual for o tamanho, sua composição ou suas causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desarraigadas, migrantes econômicos. Organização Internacional de Migração: (OIM, 2006, p. 38).²⁰

Alguns elementos podem ser geradores de uma ocupação de forma desordenada do entorno escolar, entre eles o início de formação do bairro que se dá por meio da distribuição de lotes para ex-funcionários do antigo batalhão ferroviário de Lages que foi transferido para o Estado do Amazonas, essa doação acontece como forma de indenização trabalhista.

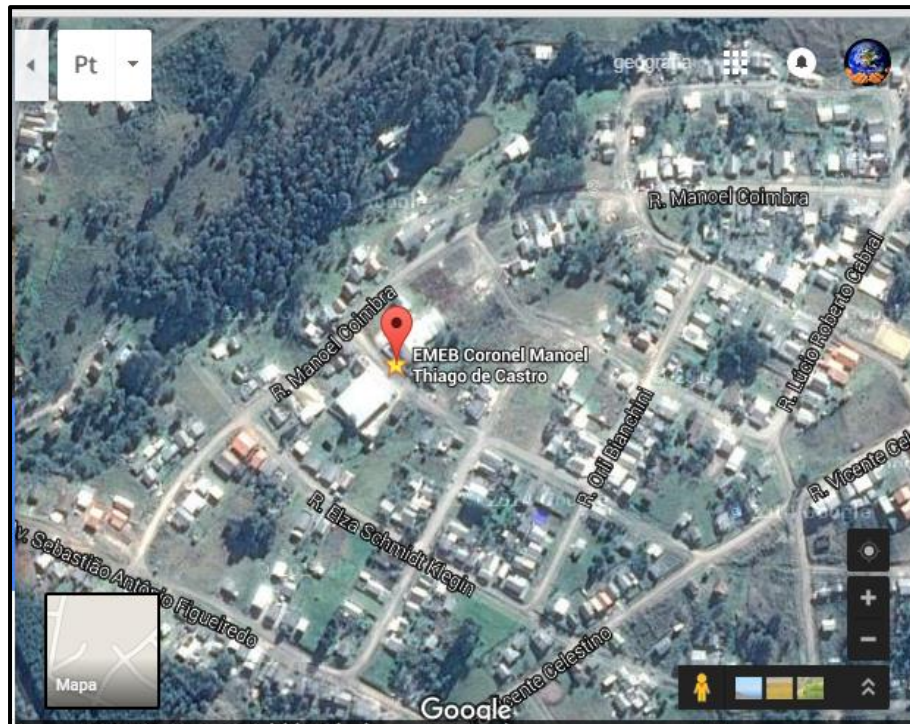
Outro fator é a localização geográfica a qual o bairro se encontra e a facilidade de invasão de terrenos baldios, bem como em algumas ocasiões a aquisição de terrenos por valores irrisórios, o que torna o processo de urbanização muito mais fácil pela questão econômica dessas famílias.

Baseado nesse contexto percebe-se por meio de leituras que esse fator é determinante para a construção histórica e social do bairro, que hoje é considerado um dos mais vulneráveis da Cidade de Lages- SC, com uma infraestrutura inadequada, onde o poder público é visto como um órgão que esqueceu os moradores que ali vivem.

A escola é a principal referência do bairro, desde o início do processo de loteamento daquele lugar.

²⁰ Conceitos básicos de migração segundo a OIM é o resultado da tradução livre feita pela equipe do CSEM de alguns termos do Glossário sobre migración. Derecho Internacional sobre Migración, n. 7. Ginebra: OIM, 2006. Em cada termo encontra-se a indicação da página correspondente do volume impresso no original, em espanhol.

Figura 16 – Imagem de Satélite do Bairro Santa Clara



Fonte: Google Earth (ago.2017)

Ao observar as mudanças do espaço onde a escola está localizada, percebe-se a alteração da paisagem, a escola que tinha apenas duas salas de aula há 49 anos, hoje conta com 15 salas de aula, e uma grande quadra de esporte, que antes era uma área ocupada por araucárias. Dessa forma, ficam evidentes as transformações da paisagem natural por meio do processo de urbanização. Para atingir as demandas da natureza que foi e é fortemente modificada.

A Urbanização é o processo de transformação de uma sociedade, região ou território de rural para urbano, ou seja, não representa somente o crescimento da população das cidades, mas o aumento dessa em relação aos habitantes do campo. Portanto, quando a população urbana de um determinado local cresce em número maior que a do campo, dizemos que está ocorrendo um processo de urbanização (PENA, 2017, p.34).

Um ponto interessante a ser destacado é a preservação cultural da atividade pecuária, com pequenas criações de gado, porcos e cavalos. Ainda é muito presente essa característica rural em meio ao espaço urbano, porém, observa-se a alteração da paisagem através desses fluxos de povoamento, bem como dos próprios moradores permanentes do bairro, que alteram a paisagem para efetuarem estratégias de economias a fim de executarem fontes para seu estabelecimento econômico.

O uso e ocupação do solo é um dos fatores determinantes para a transformação da paisagem em seus aspectos naturais e sociais.

5.3 AS RELAÇÕES ANTRÓPICAS NA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM

A ação antrópica, é a ação realizada pelo homem, e sua interferência contribui para os impactos ambientais provocados para com a natureza. A partir da revolução industrial, os impactos ambientais quanto à paisagem, passaram a ser mais intensos, visto que as indústrias ampliaram seus meios de produção, e como consequência os índices de poluição passaram a aumentar. Tomamos como ponto de partida, as relações antrópicas com interferência na transformação da paisagem.

O conceito que iremos levar em consideração tem seus pressupostos amparados na Ecologia da Paisagem, este, que é fruto da interligação entre a Biologia e a Geografia. A paisagem como elemento dinâmico, é integrada aos elementos naturais e culturais que emerge então o processo de transformação, e com isso, fica mais evidente o resultado da ação antrópica. Este movimento que é produto para transformar a paisagem, leva em consideração os aspectos culturais, que toma como ingrediente a organização da sociedade no espaço geográfico, bem como a falta de consciência ambiental, que também reflete no uso e ocupação do espaço.

Paisagem e cultura são intrínsecas, confluem e se relacionam. A paisagem expressa à cultura da sociedade que está em interação com o espaço natural e ao mesmo tempo condiciona à cultura dos povos a partir de suas características peculiares.

As ações antrópicas produzem impactos que resultam em reações do mundo natural, os quais o homem nem sempre tem controle das consequências. É assim, quando ocorrem ocupações irregulares, retirada da vegetação nativa para construções, poluição de rios, ou falta de consciência ambiental, quando se tem, por exemplo afluentes de um bem maior, como exemplo o Aquífero Guarani. A conduta das sociedades deveria ser de respeito à dinâmica das paisagens. Garcia (2003) aborda que o ser humano geralmente não percebe a paisagem como um sistema dinâmico, instável e interdependente.

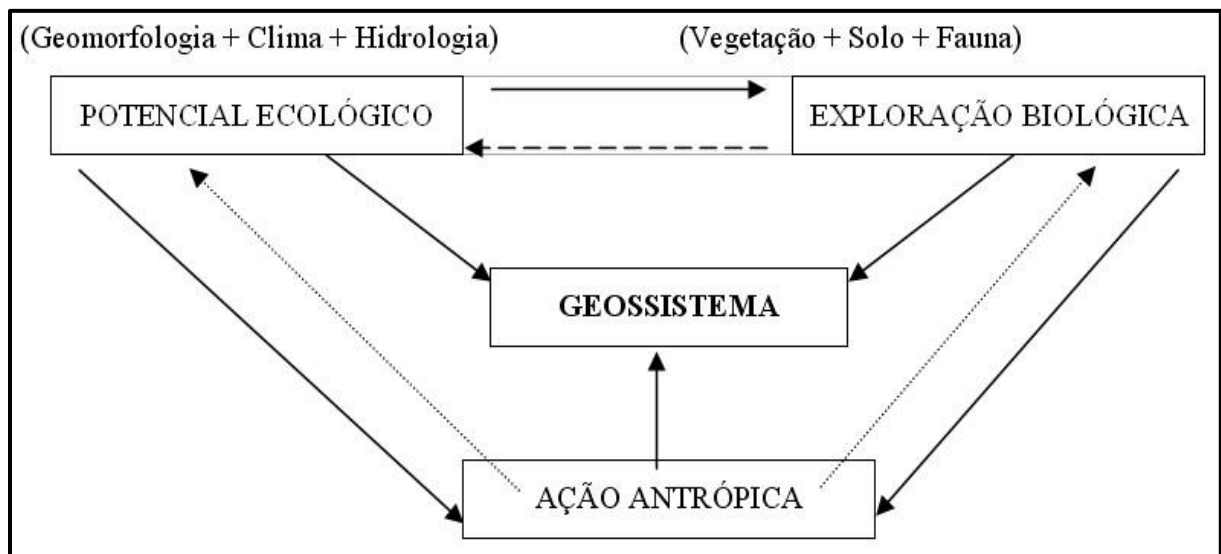
Shiva (2003) enfatiza que a conduta antrópica de extinção da diversidade da vida inerente à floresta se caracteriza como uma tendência “antinatureza” (p. 37), na qual a “riqueza da natureza, caracterizada pela diversidade, é destruída para criar riqueza comercial caracterizada pela uniformidade” (p. 38) e àquilo que não tem valor econômico é tido “como ervas daninhas que devem ser eliminadas”.

As paisagens são construídas, transformadas constantemente, a partir de intervenções antrópicas, dependendo dos interesses e necessidades humanas. Quando limitamos nosso recorte espacial, sendo este o bairro, enfatizamos os processos de formação histórica deste recorte, aqui, nossa base é a formação do bairro Santa Clara. Em suma, sob qualquer ação, seja natural ou antrópica, a sensibilidade de um sistema original sofre desajustes que podem ser físicos, biológicos ou o conjunto destes.

As preocupações com o meio ambiente se ampliam a cada dia. Talvez, com a intensificação das ações antrópicas, isso tenha ocorrido de forma mais fervorosa. O sentimento de pertencimento, com o lugar/bairro, é um processo que pode contribuir para que as ações que refletem de forma negativa no ambiente diminuam. O entendimento da intersubjetividade produzida no “lugar-mundo-vivido” passa primeiramente pelo movimento inerente a estes espaços, o que difere do conceito de “lugar-território”. O “lugar-mundo-vivido” possui o movimento do cotidiano e da história, mas é visto, conforme aponta Yi-Fu Tuan em várias passagens, como “pausa”, enfatizando toda a criação da familiaridade pelo encontro das experiências em comum (TUAN, 1983).

Para Christofoletti (1990), toda atividade antrópica exercida na superfície terrestre age sobre a dinâmica e características de um determinado geossistema e, por fluxos de energia, sobre os aspectos de cada elemento particular.

Figura 17- Ação Antrópica



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Estas mudanças encontram-se amparadas também com o processo de urbanização. Sabe-se, que o espaço local, onde a relação homem e natureza é o responsável pelas constantes

alterações, porém esse movimento antrópico, não pode ser encarado somente sobre o viés negativo, é preciso compreender, que este impacto emergente, do racionalismo antrópico ao meio ambiente, também apresenta relações positivas.

Somam-se a esses problemas relacionados com a contaminação das águas pelas atividades humanas (ação antrópica), sendo as principais fontes de poluição: as fossas, os esgotos domésticos e industriais, os vazamentos em postos de gasolina, os lixões, os agrotóxicos utilizados na agricultura, os poços profundos mal instalados ou abandonados, entre outros (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2007, p. 7).

A ação antrópica na natureza, não ocorre dos dias atuais, pois sempre o meio ambiente foi utilizado para atender as necessidades do homem, de alguma maneira. O que acontece na atualidade, é que a ação antrópica em relação aos subsídios que a natureza oferece, tem se tornado escassos, devido ao aumento da população, das ocupações irregulares, da devastação de florestas, entre outros. Neste sentido, é na escola que podemos contribuir para que o pensamento socioambiental seja desenvolvido de forma equilibrada, ética e responsável.

6 O ENTORNO ESCOLAR E A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO OCUPADO: A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre o espaço que é múltiplo e complexo, a partir da base teórica amparada em Milton Santos (2002) relacionando a complexidade para se entender o entorno escolar, bem como correlacionar estes conceitos com a base epistemológica da pesquisa, além disso, discutir a percepção ambiental sobre o entorno, bem como, propor uma reflexão sobre o sentimento de pertencimento por meio de vivências e experiências com o espaço geográfico.

6.1 CONCEITO DE LUGAR

Conceituar a palavra lugar é correlacionar essa categoria com diferentes elementos da geografia. E por meio do estudo do lugar que compreendemos a dinâmica organizacional da história de um determinado espaço geográfico, seja ele local ou global. Lugar é o meio pelo qual forças internas e externas se manifestam na cultura da sociedade e influenciam na formação de um recorte geográfico com características próprias.

Também é por meio do lugar que expressamos nossos sentimentos, pois construímos nele memórias, e essas consolidam para o sentimento de pertencimento que nos faz reviver emoções e relações com o ambiente que estamos inseridos.

Relph, (1979, p. 156) entende que “lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança”.

Lugar e espaço são coisas distintas, uma vez que espaço tem a ver com uma categoria de amplitude a fim de compreender diferentes espaços da superfície terrestre. O lugar está dentro do espaço, pois expressa elementos muito íntimos de um recorte geográfico, em seus vários aspectos, sejam eles culturais, sociais, econômicos, etc.

Para Carlos (1996, p. 16), “o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento”.

O lugar consegue expressar as características de um povo, trazendo consigo elementos particulares da forma de organização social construído com o tempo histórico.

Pensar o lugar para o autor é:

[...] significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição mundial. (CARLOS, 1996, p. 20).

O estudo do lugar evidencia características peculiares do bairro no qual a escola está inserida, justifica-se do ponto de vista de compreender como ocorreu a formação do bairro Santa Clara, por meio da participação da unidade de ensino como protagonista desse processo. Além disso, quais os elementos históricos que perpassam por esse tempo de quase meio século, que transforma a paisagem no entorno de forma evidente.

A paisagem é o meio ao qual revela os processos de ocupação do lugar, nas suas diferentes manifestações culturais, históricas e geográficas.

Segundo Cavalcanti (1998, p. 100):

[...] na formação do raciocínio geográfico, o conceito de paisagem aparece no meu entendimento, no primeiro nível de análise do lugar, estando estreitamente com este conceito. É pela paisagem, vista em seus determinantes e em suas dimensões, que vivencia empiricamente um primeiro nível de identificação com o lugar.

É nesse espaço instituído lugar, que se manifestam as relações locais e que por consequência estão imbricadas com o sentimento de pertencimento, e também é nesse espaço que percebemos que paisagem e lugar, são categorias geográficas que caminham juntas.

Santos (1999) entende que a ordem mundial/global tenta impor, por vários canais uma racionalidade homogeneizante, porém os lugares seguindo sua própria racionalidade contra-argumenta e enfrenta essa racionalidade única. Assim, a relação local-global está manifesta da seguinte maneira: enquanto o global expõe as escalas superiores e externas, o local funda a escala do cotidiano, que está pautado na comunicação, a vizinhança, a emoção, a intimidade, a cooperação. Nesse sentido, Santos (Ibid.1998, p. 273) assevera que, “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”.

6.2 O ESPAÇO GEOGRÁFICO E SUA COMPLEXIDADE

O espaço geográfico é complexo em sua organização, pois trata da relação do homem com a natureza e suas diversas manifestações.

Santos (1994, p. 88) diz que “o espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais”. Dessa forma, o espaço é um misto entre o social e o físico. É por meio do espaço que outras categorias importantes da geografia, se conectam, a exemplo: o lugar, a paisagem e o território.

A leitura do espaço é o meio pelo qual podemos compreender a relação do homem com o processo de modificação da natureza, o espaço é formado por um conjunto de fatores de ordem social e natural, sendo que por diversas vezes, modificado pela força do trabalho.

Santos (1994, p.10) define epistemologicamente o espaço desta forma: “[...] O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas”. Sendo assim, “Eis por que sua definição não pode se encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho”.

Nesse movimento mediatizado na concepção de Santos (1994), podemos entender que a relação da composição do espaço com o global, se dá a partir da compreensão do todo, ou seja, de um espaço territorial de escala local, regional, nacional e global.

Para Gomes (2002, p. 172), três características definem o “espaço geográfico”: 1) o espaço é sempre uma extensão fisicamente constituída, concreta, material, substantiva; 2) o espaço compõe-se pela dialética entre a disposição das coisas e as ações ou práticas sociais; 3) a disposição das coisas materiais tem uma lógica ou coerência.

Figura 18 - O espaço e suas categorias



Fonte: Santos (2002)
Nota adaptado pelo autor (2018)

O esquema acima demonstra a relação do espaço com tudo que está em seu entorno. Dessa forma o espaço é no meio ao qual as demais categorias se relacionam para explicar conceitos geográficos e suas manifestações da relação sociedade/natureza. Para Milton Santos (1999, p. 18), “[...] o espaço é definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. O espaço é o movimento das relações físicas e sociais do que acontece no planeta.

6.3 PERCEPÇÃO AMBIENTAL E A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO

Perceber os elementos naturais e sociais do ambiente em que estamos inseridos é a forma pela qual podemos ajudar na construção de um espaço melhor para se viver. A pesquisa que aqui se propõe tem como fundamento compreender como a percepção de professores e moradores. Fomentou para modificação da paisagem no entorno escolar, adotando a categoria lugar, como ponto de partida para o referido estudo.

Lima (2007, p. 48) entende por percepção ambiental: “[...] um conhecimento concebido a partir da percepção que o sujeito tem sobre seu entorno. A percepção ambiental é, portanto, o processo de apreender o ambiente, protegendo-o”.

Sendo assim, este estudo busca identificar como a percepção ambiental por parte desses sujeitos que compõem o lugar contribuiu para as transformações da paisagem do bairro ao qual a escola está inserida, tem como pressuposto, ainda que a escola é principal referência para formação do bairro e por isso traz consigo elementos históricos, geográficos e sociais que evidenciam a participação da mesma como protagonista no processo de formação do Bairro Santa Clara.

Fernandes, (2001, p. 95) entende que as “percepções do mundo real ou do contexto social são registradas e conservadas na memória na forma de imagens que são formadas a partir das experiências mantidas com o meio social e natural”.

Sendo assim, as experiências do mundo real, intervém de forma direta na construção da memória do espaço local.

A percepção do mundo é feita através de todos os sentidos, os quais variam conforme os contextos nos quais as pessoas estão inseridas. O mundo percebido pelos olhos é puramente uma relação com o objeto. A percepção e a imagem são dinâmicas no tempo e no espaço, a compreensão do meio urbano muda concomitantemente com a idade, sexo, educação, cultura, erudição, classe social, economia, política, religião, individualidade, preferências, atitudes, valores e atribuições do meio ambiente (ADDISON, 2003, p. 39).

Perceber o ambiente é estar conectado com as mudanças que ocorrem o tempo todo em sua formação, é possível por meio de uma percepção ambiental influenciar de forma positiva na ocupação do lugar, bem como do que ocorre no seu entorno.

Morin (2000, p. 20) descreve que:

“todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão”.

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. O mundo percebido, muito mais dinâmico do que podemos imaginar, só é mundo percebido pela existência inseparável deste multiplicar de fenômenos de percepção e inserção do homem como ser-no-mundo-com-os-outros (MERLEAU-PONTY, 1990, p.41-93).

7. A FEITURA DO MAPA: RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Esse capítulo tem por objetivo, apresentar os resultados e análises dos dados coletados durante a pesquisa. Sendo assim, a triangulação dos dados versará a pesquisa documental, ponto cardeal deste estudo. Seguindo os pressuposto da metáfora da pesquisa, na sequência os questionários serão apresentados, como ponto colateral. E como finalização será apresentado os resultados das entrevistas narrativas, sendo esta, o ponto subcolateral em nossa rosa dos ventos.

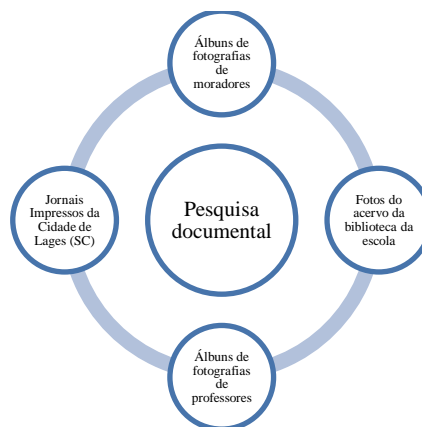
7.1 PONTO CARDEAL: PESQUISA DOCUMENTAL

Esta seção tem por objetivo apresentar os resultados e análises quanto aos documentos coletados, para amparar o estudo. Destaca-se que fotos do acervo da biblioteca da escola EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro, álbuns de fotografias de professores e moradores, além de jornais impressos (encartes) do Jornal da Cidade de Lages Correio Lageano, foram analisados.

Por meio desta pesquisa documental, busca-se resgatar a histórica da escola, enfatizar elementos da transformação da paisagem no entorno escolar, e investigar a ocupação e uso do solo, evidenciando as transformações ambientais que ocorreram por meio das relações antrópicas neste espaço geográfico.

Conforme descrito acima, apresentamos um quadro que explicita a dinâmica da pesquisa dos documentos.

Quadro 16- Dinâmica da Pesquisa documental



Elaborado pelo pesquisador (2018)

7.1.1 O contexto histórico e a transformação da paisagem no entorno escolar: imagens que traduzem a força do tempo

A paisagem é a categoria de análise *a priori* deste estudo, que emerge em toda a estrutura desta dissertação, nesta subseção tem como campo de conhecimento a relação com a ocupação e uso do solo do espaço geográfico do bairro Santa Clara, Lages, Santa Catarina.

Neste sentido, cabe refletir por meio das imagens, como o entorno escolar alterou-se ao longo dos últimos 50 anos, levando em consideração que a EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro, foi fundada no ano de 1969. Ainda assim, por meio dos registros em imagens, o movimento de ocupação do bairro, e sua dinâmica natural e espacial, serão evidenciados.

O conceito expresso por Milton Santos (2002, p. 26) de que o espaço geográfico constitui:

“[...] um sistema de objetos e um sistema de ações que é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina”.

O estudo da paisagem se dá por meio da compreensão de um espaço vivido, que não é pronto e acabado, tão pouco é estático, mesmo porque as forças que influenciam sua transformação surgem de diferentes lugares, seja por meio da ação humana ou da natureza.

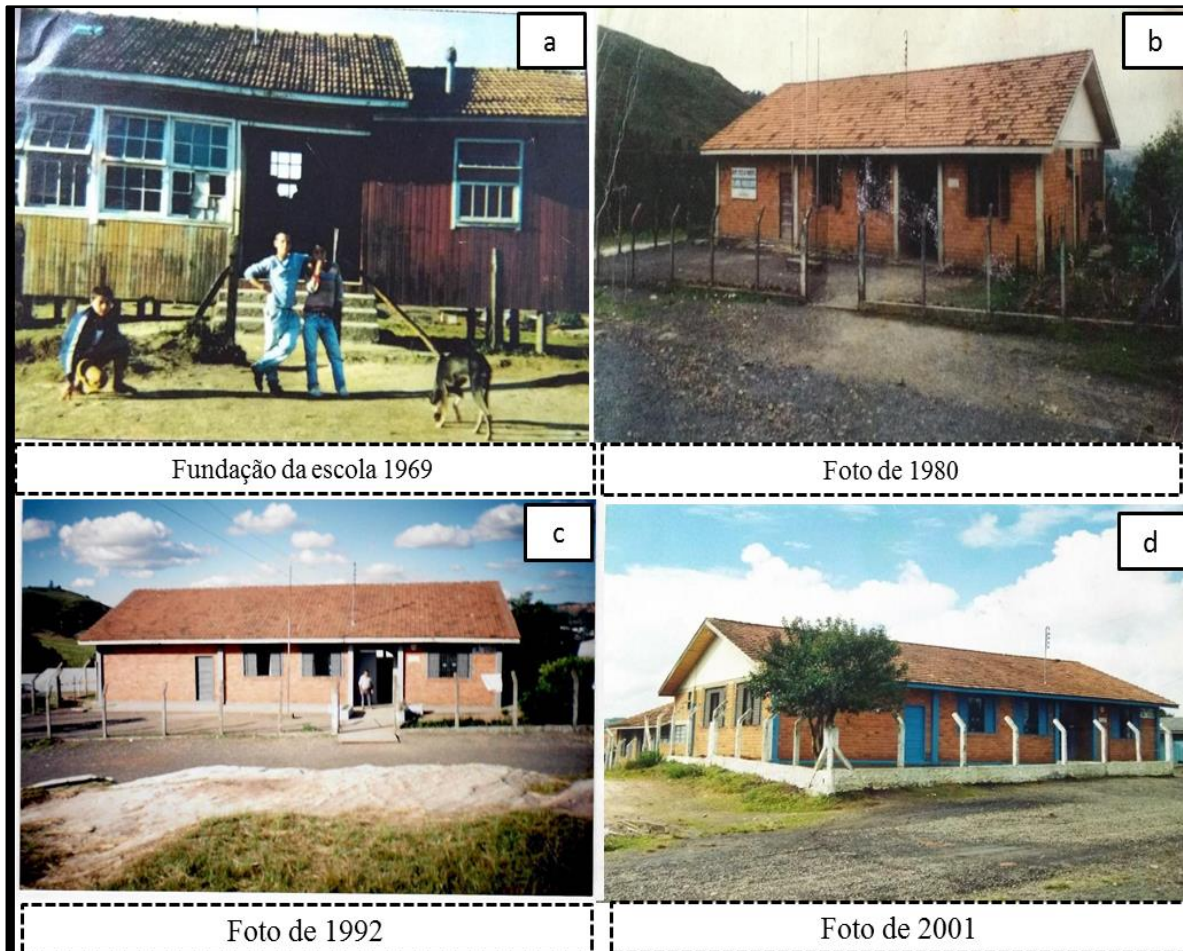
Diante disso, tomamos como ponto de partida a evolução da mudança do espaço físico da escola do bairro, desde a sua fundação, apresentando registros fotográficos de sua fachada.

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade. (SANTOS, 1997, p. 37)

A paisagem que não se dá de forma fixa, ou imóvel, como destaca Santos (1997) é resultado do movimento que a sociedade faz, em seu recorte espacial, levando esse fator em consideração, pressupõe-se que ela não é formada somente por seus aspectos visíveis, mas também por um conjunto de ações que a transforma.

Os registros que aqui serão analisados estão divididos em espaços de tempo de dez anos, em quatro imagens distintas, até chegarmos aos dias atuais. Destaca-se que desde 1960 o bairro vem passando por transformações em sua paisagem.

Figura 19- Fachadas da EMEB. CEL. Manoel Thiago de Castro



- a) Foto da inauguração da escola em 1969; b) registro da fachada da escola, que foi construída em alvenaria em 1980 c) registro fotográfico do ano de 1992, quando a escola recebeu sua primeira reforma d) foto da escola do ano de 2002, quando já havia sido ampliado seu espaço físico. Fonte: fotos do acervo da biblioteca da escola Cel. Manoel Thiago de Castro. Imagens adaptadas pelo pesquisador (2018).

A EMEB. Coronel Manoel Thiago de Castro, foi fundada em 15 de abril de 1969, inicialmente funcionava como escola isolada e transformou-se em grupo escolar, somente no ano de 1985. Em 1969, a escola contava com apenas duas salas de aula, (Figura 19 a) e 38 estudantes que eram divididos em turmas multisseriadas²¹. A primeira professora desta escola foi à senhora Maria Isabel Felipe, que lecionou aproximadamente dez anos na instituição de ensino. Naquela época, não existiam turmas separadas, a professora Maria Isabel, era a responsável por abrir e fechar a unidade de ensino, também não existia diretora escolar, nem mesmo outros funcionários, ela era a responsável pelo educandário, inclusive fazia a merenda

²¹ As classes multisseriadas são salas com alunos de diferentes idades e níveis educacionais. Fonte <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/perguntas-e-respostas-o-que-sao-as-classes-multisseriadas>. Data de acesso em 17/11/2018.

(lanche) para as crianças. Somente anos mais tarde a escola ganhou outros profissionais (PPP, 2018).

Em 22 de maio de 1985, no mandato do senhor Prefeito Paulo Duarte, a unidade escolar passou a ser grupo escolar. Neste espaço de tempo, a escola passou por uma reforma e foi então construído mais uma sala de aula, uma cozinha e um banheiro. Todo o espaço foi feito em alvenaria (Figura 19 b). Alguns registros que encontramos no PPP da escola apontam que mais ou menos cinquenta crianças frequentavam esse educandário, que agora já contava com outros professores, e funcionários.

Anos mais tarde, em 10 de março de 1988, a escola tornou-se escola básica municipal, passando a oferecer ensino fundamental anos finais (5ª série) nomenclatura utilizada na época. Naquele ano, a escola, desenvolveu o projeto pedagógico de salas-ambientes, onde os estudantes se deslocavam até as salas e produziam materiais pedagógicos para que pudessem utilizar em aula.

Em 1992 (Figura 19 c) a escola já oferecia educação pública a estudantes da creche até a 8ª série. E contava com um grupo de 20 professores, além de quatro funcionários, monitores, e três professores no setor administrativo da unidade de ensino.

Nos anos 2000, a escola do bairro já colecionava prêmios educacionais, e sua estrutura já havia passado por transformações, por pequenos reparos durante os últimos anos nas salas de aula, cozinha, setor administrativo entre outros, já possuía também, uma extensão da unidade escolar, onde eram oferecido a creche, para doze crianças da educação infantil. (Figura 19 d) conforme nos amparamos nas informações coletadas no (PPP, 2018).

Em 2002, por meio de um decreto a escola passou a denominar-se Escola Municipal de Educação Básica Coronel Manoel Thiago de Castro. Atendia a clientela de diferentes bairros da região, como exemplo do bairro Santa Catarina, Araucária, Cruz de Malta e Novo Milênio.

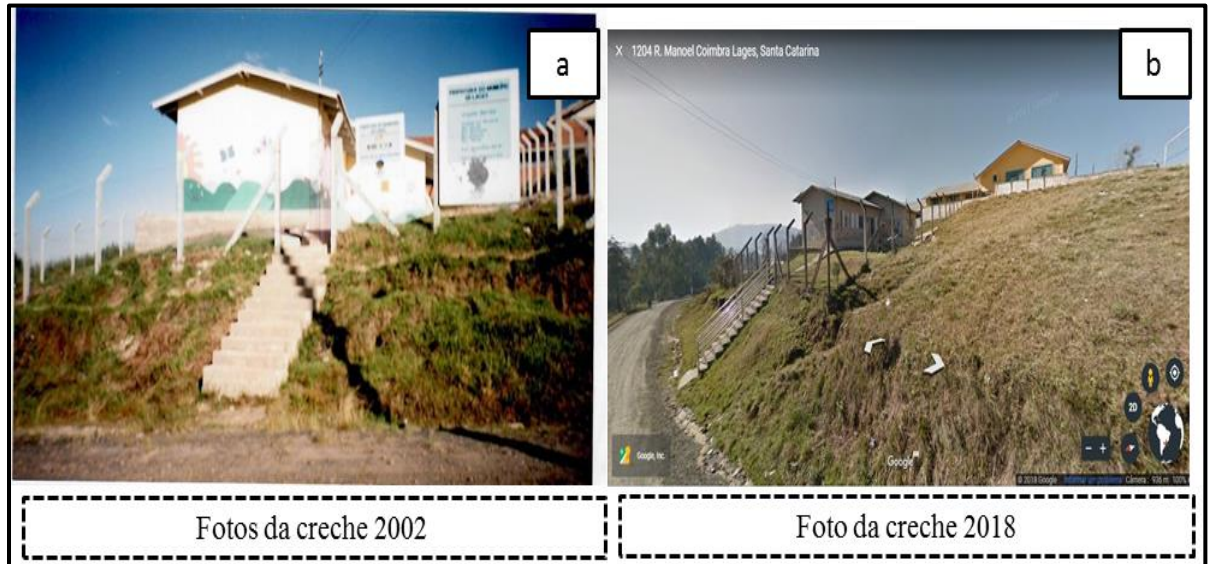
Ressalta-se que juntamente ao entorno da escola Coronel Manoel Thiago de Castro, um centro educação infantil foi construído, em 1998 esta creche sorriso, contava com quarenta crianças matriculadas na educação infantil.

A realidade da população que vive no bairro Santa Clara é de trabalhadores, que saem de suas casas pela manhã e retornam ao entardecer, mães que precisam deixar seus filhos durante o dia no Centro de Educação Infantil para saírem trabalhar.

Grande parte dos pais dos estudantes trabalham retirando madeira nas fazendas da região, sendo assim, passam praticamente a semana inteira no interior da cidade, e retornam somente nos fins de semana, esta questão implica em uma participação efetiva dos pais na vida dos estudantes, o que faz com que na maioria das vezes, as mães venham assumir o papel de

acompanhar seus filhos na escola.

Figura 20- Fachada do Centro de Educação Infantil – Clarício Madruga Andrade



a)Foto da fachada da creche em 2002 b) foto atual da creche do ano de 2018. Fonte da foto a: acervo da biblioteca da escola, foto b, Google Earth. Acesso em 10 de out. 2018. Imagens adaptadas pelo pesquisador (2018).

Quando foi inaugurada a creche sorriso do bairro Santa Clara, tinha uma estrutura de três salas de aula, uma cozinha, um parque infantil, e um banheiro adaptado para as crianças. Até hoje permanece com a mesma estrutura física, nunca passou por uma ampliação, tão pouco uma reforma, conforme descreve o Projeto Político Pedagógico.

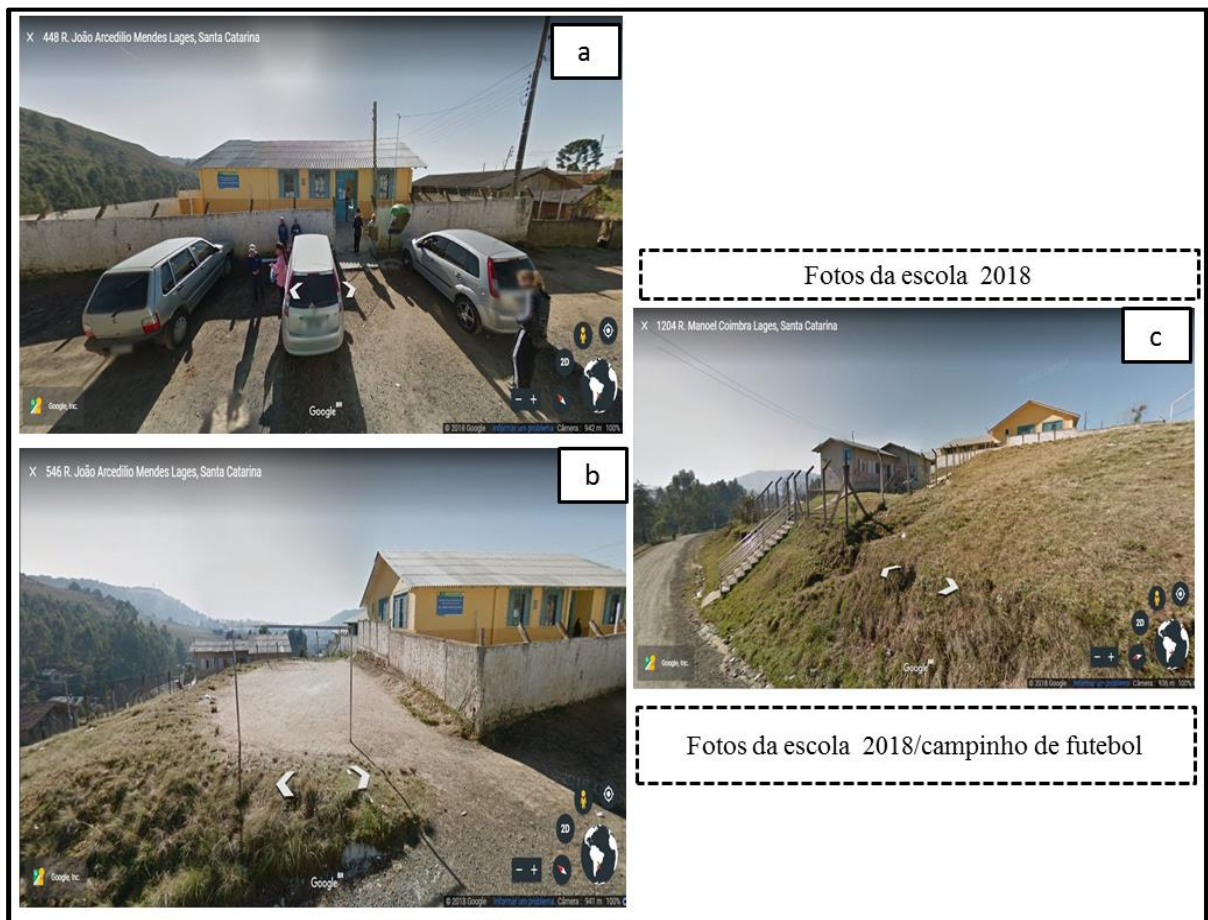
A creche sempre foi vinculada a escola que oferece o ensino fundamental, e como já relatado aqui, uma grande necessidade da comunidade, que é vulnerável, e enfrenta diferentes problemas sociais, conforme expõe em sua edição de 1998, o Jornal Correio Lageano.

O CEIM Clarício Madruga ainda apresenta um formato denominado de “Creche Sorriso”, possuindo apenas três salas de aula (Figura 20 a), que aparentemente teria um caráter somente assistencialista, atendendo principalmente as crianças carentes do bairro. Souza (2008) apud Pelegrini (2011, p. 33) cita “Creche Sorriso” como sendo:

[...] o termo utilizado para o programa instituído na década de 1990, pela Secretaria da Saúde em parceria com a Secretaria da Educação deste município, para atender as crianças desnutridas. A Secretaria da Saúde contribuiu com o espaço físico e a da Educação com os profissionais. Na época, o trabalho caracterizou-se como assistencialista, embora com o passar do tempo, as crianças tenham passado a ser atendidas pela Secretaria Municipal de Educação, cujo objetivo era superar o atendimento assistencial. Atualmente são denominados Centro de Educação Infantil e ocupam os mesmos espaços destinados às Creches Sorriso, oferecendo o mesmo atendimento assistencial. Com vistas à LDBEN/96, os direitos e a qualidade dos espaços garantidos na lei ainda estão longe de se efetivarem.

Atualmente o CEIM Clarício Madruga, (Figura 20 b) atende mais de setenta crianças, sendo que dois pré-escolares encontram-se espaços cedidos na escola. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), sancionada em 20 de dezembro de 1996, em seu Art. 29 (p. 12) discorre que: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Figura 21- EMEB. CEL. Manoel Thiago de Castro 2018



Fonte: Google Earth.

Adaptado pelo pesquisador (2018)

A EMEB. Cel Manoel Thiago de Castro, (Figura 21 a, b, c) tem em sua estrutura física, dois ambientes, sendo um onde funcionam as atividades do ensino fundamental de 1º ao 9º ano, e em outro a educação infantil.

O ambiente onde funciona o ensino fundamental é composto por um laboratório de informática, seis salas de aula, uma sala da direção, uma sala dos professores, uma cozinha, um depósito da merenda, uma biblioteca, uma sala de projetos, um lavabo anexo à sala dos

professores, e dois lavabos dos estudantes, além de uma quadra de esportes, localizada em frente à escola.

A organização da escola é composta por professores efetivos e com contratos temporários, nesta composição, doze professores são efetivos, e dezessete em caráter temporário (PPP, 2018).

Dentro do quadro de servidores efetivos que atuam na composição administrativa da escola, existem os seguintes cargos: uma Diretora Geral, duas Diretoras Auxiliares, e uma Assistente Técnica Educacional. A equipe de funcionários é composta por três auxiliares de limpeza, e duas cozinheiras.

A equipe diretiva, pedagógica e corpo docente, trabalham em conjunto, resolvendo as diferentes situações que ocorrem, visando aprendizagem e a efetivação das atividades escolares em consonância com o Projeto Político Pedagógico. Por meio da descrição do espaço físico atual da EMEB Cel. Manoel Thiago de Castro, percebemos o quanto a referida unidade de ensino, cresceu ao longo do tempo.

O recorte temporal aqui realizado para análise dos dados foi de cinquenta anos, fica evidente o quanto a unidade de ensino passou por transformações. Diante desse cenário apresentado, chama-se atenção para a transformação da paisagem, que por meio do crescimento e necessidades da sociedade, acaba se transformando naturalmente pela ação do homem.

Essas percepções tornam-se evidentes para os sujeitos que fazem parte deste recorte geográfico, no qual tomamos como ponto de partida o bairro, e é por meio delas que conseguimos dimensionar a organização social e espacial de determinados lugares. Perceber é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre em seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha [...] (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 93).

Diante do que expõe Merleau (1990) fazemos o panorama de crescimento da escola do bairro, que em sua fundação contava com somente duas salas de aula, atendendo 38 crianças. Já em 2018, cresceu mais de vinte vezes, do seu tamanho original. Ocupando espaços que eram de mata nativa, repletos por araucárias, alterando a paisagem, para que se firmasse ao longo do tempo como espaço de referência para os moradores. A esse respeito, Christofolletti (1979) afirma que, por meio da ocupação e da implantação de suas atividades, o homem insere-se no ambiente como agente modificador das características visuais e dos fluxos de energia e matéria, modificando o equilíbrio natural.

Por meio desses registros fotográficos, analisamos as transformações que ocorreram no espaço escola, sabe-se que estas mudanças não ocorreram somente no entorno escolar, mas no bairro Santa Clara como um todo, e só podemos analisar esses fatores por meio da percepção. Neste sentido Lima (2007, p. 48) entende a percepção como “[...] um conhecimento concebido a partir da percepção que o sujeito tem sobre seu entorno. A percepção é, portanto, o processo de apreender o ambiente, protegendo-o”.

A construção da quadra de esportes na escola (Figura 22 b) foi muito esperada pela comunidade escolar, somente no ano de 2012, foi realizada, na gestão da Diretora Siomara Catarina Caminha, que ficou por nove anos frente aos trabalhos administrativos. A discussão que aqui será exposta é quanto ao local da construção desta quadra.

Figura 22- Campinho de Futebol/ Construção da Quadra de Esportes



Fonte: foto a) do acervo da biblioteca da escola; foto b) Google Earth (2018).
Adaptado pelo pesquisador (2018)

Como percebemos na (Figura 22 a) as crianças utilizavam o campinho para fazerem suas atividades de educação física, e por muito tempo foi assim. Este campo era repleto de araucárias²², e contava também com a rocha de arenito Botucatu²³. Além disso, era uma das

²² Araucária é o nome popular dado para a árvore da espécie *Araucaria angustifolia*, que também possui outros diversos nomes populares como: Pinheiro-do-paraná, Curi, Pinheiro-brasileiro, Pinheiro-caiová, Pinheiro-das-missões e Pinheiro-São-José. A maior incidência na árvore conhecida no Brasil é no Paraná, sendo assim considerada a árvore símbolo no Estado. As araucárias são encontradas somente no hemisfério Sul. Fonte: <https://www.infoescola.com/plantas/araucaria/>. Acesso em 17 de nov. 2018.

²³ Arenitos: o arenito é uma rocha porosa, por encharcar com a água filtrada a partir da superfície, e alcançar grandes profundidades [...]. Quando o arenito Botucatu aflora na superfície, há também o afloramento do Aquífero Guarani, fato que ocorre em Santa Catarina (BOND-BUCKUP, 2008, p. 19).

poucas áreas de lazer para as crianças, que nos fins de semana, utilizam este espaço para brincar, soltar pipas, jogar futebol, entre outras atividades.

Com o passar dos anos a retirada da mata nativa, foi se intensificando a fim de novos moradores construïrem suas casas, e o bairro, foi crescendo no entorno da escola.

O artigo 77 do Plano Diretor da Cidade de Lages traz em seu texto a seguinte redaçaõ:

Este programa tem como objetivo instituir um processo de identificaçaõ, classificaçaõ, regulamentaçãõ e fiscalizaçaõ para as atividades que produzem impactos no espaço territorial do municïpio e para aquelas que desejam instalar - se, estabelecendo formas de monitoramento e aplicando os competentes estudos de impacto e medidas mitigadoras para a minimizaçaõ ou a soluçaõ dos conflitos causados.

Conforme redaçaõ dada pelo Plano Diretor da Cidade de Lages, o documento tem por objetivo regulamentar toda e qualquer construçaõ no espaço territorial do municïpio. Ainda assim, no seu § 1º, expõe que deve ser em especial, com ênfase ao cuidado com áreas de recarga do Aquífero Guarani e de Arenito Botucatu, que estarãõ inclusas nas Áreas Especiais de Interesse Ambiental e Áreas de Reduçaõ de Impacto.

No entanto, algumas casas foram construïdas em áreas irregulares, sobre as rochas do arenito que sãõ áreas de afloramento do Aquífero²⁴. A quadra de esportes (Figura 22 b), hoje está sob as rochas. Se observarmos a (Figura 22 b), percebemos que a rocha de arenito está exposta em frente à construçaõ. Outra preocupaçaõ é com a contaminaçaõ destes pontos de recarga, visto que os banheiros da quadra de esportes, nãõ possuem sistemas de saneamento adequado.

O artigo 79 do Plano Diretor da Cidade propõe que se promova a proteçaõ dos trechos de recarga do Aquífero Guarani, com a criaçaõ de fóruns e de marco regulatório nesta proteçaõ.

O ponto forte de contaminaçaõ dessas áreas se dá pela falta de consciênciã ambiental que é evidenciada por meio de ocupaçaões irregulares, como a que ocorreu com a construçaõ da quadra de esportes da escola Cel. Manoel Thiago de Castro.

Leff (2001, p. 210) aborda a Educaçaõ Ambiental como a formaçaõ de uma consciênciã fundada numa “nova ética que deverá resistir à exploraçaõ, ao desperdício e à exaltaçaõ da produtividade concebida como um fim em si mesmo”. Desta forma, outros olhares sãõ indicados para a tomada de decisões, onde ele também aborda que:

²⁴ Aquífero: é uma formaçaõ geológica do subsolo, constituïda por rochas permeáveis, que armazenam água em seus poros ou fraturas. Outro conceito refere-se a Aquífero como sendo, somente, o material geológico capaz de servir de depósito e de transmissor da água aí armazenada. Assim, uma litologia só será aquífera se, além de ter seus poros saturados (cheios) de água, permitir a fácil transmissãõ da água armazenada (BORGHETTI; BORGHETTI; ROSA FILHO, 2004, p. 105). Etimologicamente, Aquífero significa: aqui: água; fero: transfere; ou do grego, suporte de água (HEINEN et al., 2003 apud IDEM, p. 105)

A Educação Ambiental implica um processo de conscientização sobre os processos socioambientais emergentes, que mobilizam a participação dos cidadãos na tomada de decisões, junto com a transformação dos métodos de pesquisa e formação, a partir de uma ótica holística e enfoques interdisciplinares (LEFF, 2001, p. 253).

Diante do exposto por Leff (2001) entende-se o quanto as políticas públicas educacionais da EA nos espaços escolares, na intenção de minimizar estes impactos ambientais são importantes. A escola tem papel fundamental na comunidade, pois é nela que campanhas de conscientização podem ocorrer, os estudantes disseminam o que aprendem com as pessoas, inclusive com os seus professores. E esse movimento pode minimizar atitudes de ocupação ou contaminação do solo de forma desastrosa.

A contaminação ocorre pela ocupação inadequada de uma área que não considera a sua vulnerabilidade, ou seja, a capacidade do solo em degradar as substâncias tóxicas introduzidas no ambiente, principalmente na zona de recarga dos Aquíferos. A contaminação pode se dar por fossas sépticas e negras; infiltração de efluentes industriais; fugas da rede de esgoto e galerias de água pluviais; vazamentos de postos de serviços; por aterros sanitários e lixões; uso indevido de fertilizantes nitrogenados; depósitos de lixo próximo dos poços mal construídos ou abandonados. Entretanto, a mais perigosa, é a contaminação provocada por produtos químicos, que acarretam danos muitas vezes irreversíveis, causando enormes prejuízos, à medida que impossibilita o uso das águas subterrâneas em grandes áreas (MUSEU DO UNA, 2003 apud BORGHETTI; BORGHETTI; ROSA FILHO, 2004, p. 121).

O problema com a falta de saneamento básico, é um dos mais sérios que a comunidade do bairro Santa Clara enfrenta. Isso não surge nos dias atuais, é recorrente desde a década de 90, conforme encontramos informações no Jornal Correio Lageano 1998. Atualmente, no Brasil um dos maiores problemas está em torno da questão de saneamento básico, não é diferente em Lages, e aqui destacamos o bairro Santa Clara, conforme veremos por meio (Figura 23). Conforme a edição dos bairros, do Jornal Correio Lageano a população do bairro clama por essas melhorias desde os anos 90, e até hoje não foi resolvido. A questão do saneamento contamina por meio de resíduos, os rios e lagos, prejudicando a população como um todo, e contribuindo para disseminação de doenças.

Figura 23- Saneamento básico década de 90



Fonte: Jornal Correio Lageano, edição especial dos bairros (1998).

Jacobi (2008, p. 9) observa que, “a ausência de saneamento [...], além de poluir diretamente as águas dos rios e córregos, constitui um problema de saúde e de baixa qualidade de vida para a população residente, assim como a perda do valor das águas”.

Chama atenção que na década de 90, apenas alguns trechos de ruas receberam pavimentação asfáltica, para se cobrir o roteiro da linha de ônibus, conforme verificamos por meio da edição de 1998, do Jornal Correio Lageano. Até hoje, as mesmas ruas que receberam pavimentação, são as que possuem, o que denota o descaso do poder público com essa região da cidade. Os moradores do bairro, desde aquela época lutam para que o bairro consiga alcançar necessidades básicas da população, como exemplo, a pavimentação da rua Joao Arcedílio Mendes, rua da escola. “Todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (MORIN, 2000, p. 55).

Conforme se apresenta nesse recorte do Jornal (Figura 23), confirmamos que a questão da infraestrutura do bairro, sempre foi uma necessidade. Até hoje, as demandas são as mesmas, até os dias atuais pelas melhorias das ruas, pavimentação da rua da escola, rede elétrica, saneamento básico adequado. Necessidades que todo cidadão que pagas seus impostos merece.

Ao analisarmos o contexto histórico do crescimento do espaço físico da escola do bairro Santa Clara, percebe-se não só isso, mas os elementos sociais, que perpassam essa questão. Exemplo disso, o número de moradores do bairro, e paralelo a isso o número de crianças matriculadas na unidade de ensino.

Além disso, percebe-se que o fluxo da ocupação no bairro, aconteceu após os anos 70, visto que a escola foi fundada em 1969. Esse dado merece atenção, justamente porque em diferentes momentos deste estudo, destacou-se que a escola é a única referência do bairro.

Vimos por meio dos registros documentais apresentados até aqui, que a unidade escolar passou por constantes transformações estruturais e sociais.

A próxima subseção tem por objetivo apresentar imagens de satélites que evidenciam a ocupação e uso do solo no bairro, propondo um levantamento documental, que apresenta como ocorreram os fluxos de construção de moradias, desmatamento da mata nativa, e como consequência ocupação e uso do solo.

7.1.2 Cartografando as imagens de satélites: a ocupação e uso do solo no entorno escolar

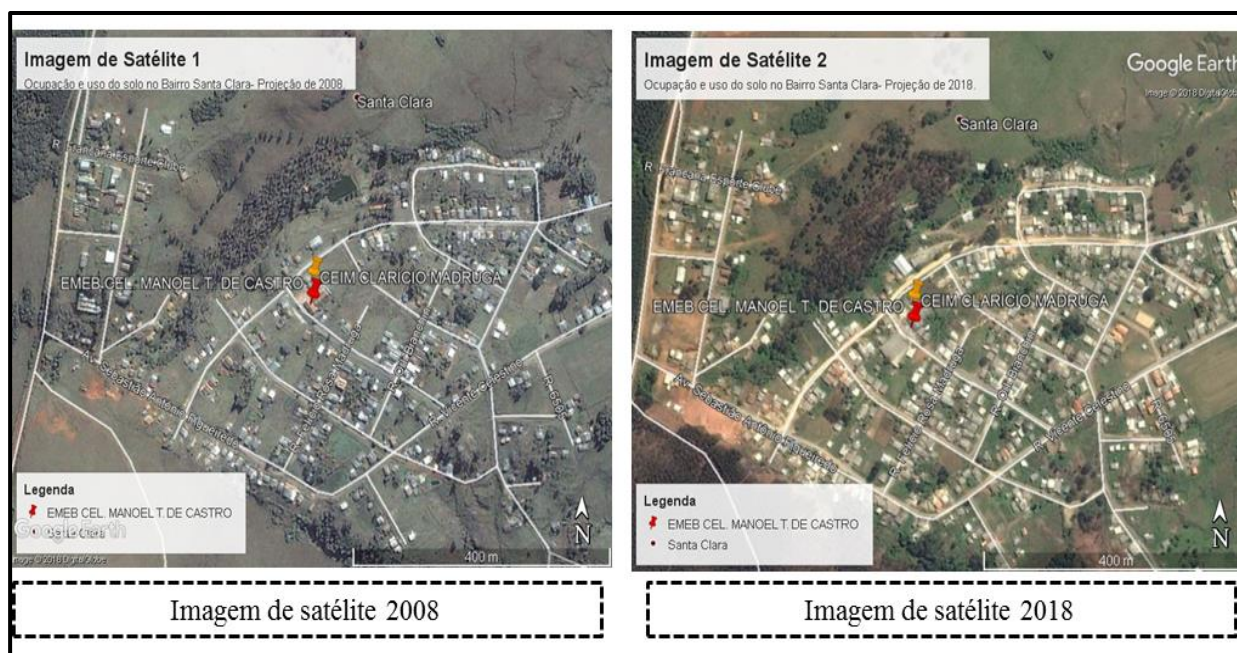
O território, no contexto como apresentamos neste estudo, é concebido como espaço vivido e desta maneira, compreendido como o espaço “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações [...] no qual a história se dá” (SANTOS, 1996, p. 26), e onde se podem materializar as práticas de desenvolvimento local.

Partindo disso, utilizamos imagens de satélites, por meio da ferramenta disponível do Google Earth, para analisar a ocupação e uso do solo do bairro Santa Clara, em dois recortes temporais, de 2008 e 2018.

No ano de 2010, o censo realizou um recenseamento no bairro, e por meio dele pudemos analisar o crescimento do bairro em seus aspectos sociais, populacionais e urbanísticos. Quando coletamos estes dados, fizemos um panorama com o recenseamento realizado em 1996.

Em 1996, 896 moradores habitavam o bairro, quatorze anos mais tarde, a população cresceu para 1.132, ou seja, o Santa Clara ganhou 236 novos moradores. Outra questão é quanto ao perfil desses moradores, pois segundo dados do IBGE (2010) 31% são jovens e 6% idosos. 63% ficam na faixa de transição desses índices por idade. Ao observarmos as imagens de satélite, fica evidente a ocupação deste espaço.

Figura 24- Cartografando as imagens de satélites da ocupação do Bairro Santa Clara



Fonte: Google Earth (2008); (2018)
Adaptado pelo pesquisador (2018)

Para Tuan (2013), o lugar é um espaço que foi apropriado afetivamente, ou seja, passou a ser entendido como um mundo de significado organizado. Neste sentido discutimos o espaço do bairro Santa Clara, como lugar de afetividade, de uma ocupação permeada por significados, de cunho social, político e geográfico.

Ao analisarmos as imagens de satélites, percebemos por meio da (Figura 24) o crescimento do número de casas do ano de 2008, para o ano de 2018. Buscamos informações por meio do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que corroboram com a análise.

No ano de 1996, o recenseamento apontou um número de 260 casas no bairro, e uma média de três moradores por residência. Já no ano de 2008, este número subiu para 300 casas, e uma média de 900 moradores. O último dado é do ano de 2018, apontado pela associação de moradores do bairro, visto que o último censo foi realizado em 2010, sendo assim, existe uma estimativa de 357 casas, e uma média de quatro moradores por residência. Segundo o censo de 2010, 92,4% das casas são ocupadas, e somente 7,6% abandonadas por seus proprietários.

Conhecer as dimensões ambientais, sociais, culturais, políticas e econômicas da realidade são fundamentais, pois é a partir delas que observamos os aspectos de ocupação do espaço onde vivemos.

Quadro 17- Número de Moradias no Bairro Santa Clara

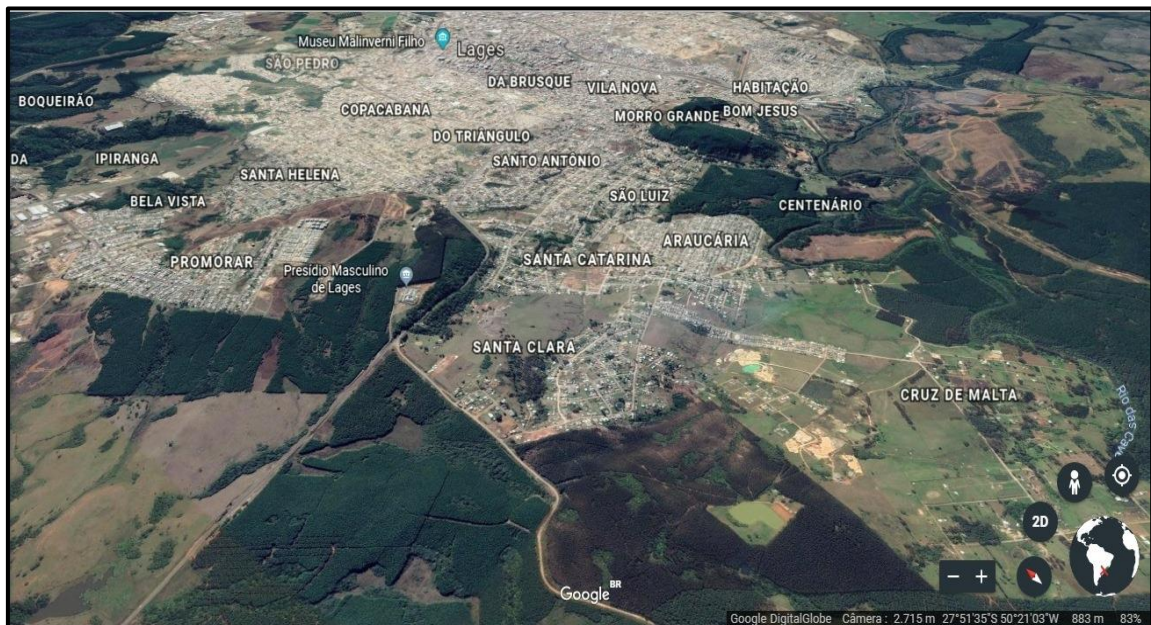
Ano	Número de Moradias
1996	260
2008	300
2018	357

Fonte: IBGE (1990); (2010);
 Associação de Moradores do Bairro (2018);
 Elaborado pelo pesquisador (2018).

Por meio da observação da imagem de satélite apresentada, traça-se um perfil de ocupação do bairro Santa Clara. Este lugar que é ocupado/transformado por um movimento de forças externas em sua formação. Destaca-se que mesmo assim, preserva-se em seu entorno parte da vegetação nativa da cidade, conforme iremos observar por meio de outras projeções de satélite.

“Espaço” e “lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. As Grandes Planícies dão a sensação de espacialidade. O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam lugares. Os planejadores gostam de evocar “um sentido de lugar”. Essas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admiramos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não ocorreria indagar (TUAN, 2013, p.11).

Figura 25- Crescimento Urbano do Bairro Santa Clara em 2D/2018



Fonte: Google Earth (2018)

O aumento de construções, e como consequência de ocupação do bairro Santa Clara, reflete-se na imagem em 2D (Figura 25). O lugar mesmo com os constantes processos de modificação, ainda conserva em seu entorno muitas áreas arborizadas. Por estar localizada na região sul da cidade, esta conserva atividades da pecuária, muitas chácaras e fazendas são mantidas nos arredores da escolar.

Esta questão de mescla entre espaço rural e urbano, se mantém no dia-a-dia da comunidade do bairro, visto que muitas famílias possuem cavalos em seus terrenos, vacas de leite, criação de porcos e galinhas.

Neste sentido, a questão da contaminação do solo, é ainda mais preocupante. Conforme percebemos por meio dos dados do recenseamento do censo, e da associação de moradores, o número de casas foi crescendo e hoje, 65% delas, segundo o IBGE (2010) foram construídas em áreas irregulares, sem a menor preocupação em atender ao Plano Diretor da Cidade, que aqui, já foi citado.

Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e em qualidade. Tais funções se realizam onde as condições de instalação se apresentam como melhores. (...)

O aumento da população total, da população urbana e da produção industrial não se deve à influência do movimento próprio das parcelas localizadas nas diferentes regiões, mas ao movimento global decorrente das forças mais gerais responsáveis pela distribuição geográfica das diversas variáveis sobre o conjunto (SANTOS, 1999, p. 93).

“O lugar é um tipo de objeto. Lugares e objetos definem o espaço, dando-lhe personalidade geométrica. [...] Atraem ou repelem em grau variado de nuances. Preocupar-se com eles, mesmo momentaneamente, é reconhecer sua realidade e valor” (TUAN, 2013, p. 28). Partindo do contexto defendido por Tuan (2013) refletem-se as particularidades deste lugar, permeado por sentimentos, tradições, histórias, e problemas sociais, de diferentes ordens.

É neste espaço, que denominamos por bairro, que percebemos os fluxos de urbanização, por meio dos processos de uso e ocupação do solo. Além disso, enfatizamos os problemas de ordem ambiental que se apresentam, uma vez que quanto maior o número de pessoas concentradas, maior a poluição, visto que a falta de consciência ambiental, que aqui já foi notada, justamente pela ocupação irregular.

Não se quer, de forma alguma, culpar os moradores que ocupam estas áreas, pois, não deixamos de levar em consideração a vulnerabilidade econômica destas pessoas, que em sua maior parte estabelecem-se nesta região, justamente pelos valores de lotes serem abaixo, ao se comparar com os valores do mercado imobiliário.

Destacamos que em 1998, haviam lotes (terrenos) vendidos por R\$ 1.000,00, hoje, estes mesmos terrenos, são vendidos por pouco mais de R\$ 10.000,00. Além disso os lotes e casas que acabam sendo invadidos por moradores de outras cidades limítrofes²⁵ a Lages.

É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade. É nesse sentido que podemos dizer com Rotenstreich que a própria história se torna um meio (um “environment”), e que a síntese realizada através do espaço não implica uma harmonia preestabelecida. Cada vez se produz uma nova síntese e se cria uma nova unidade. É o espaço que redefine os objetos técnicos, apesar de suas vocações originais, ao incluí-los num conjunto coerente onde a contiguidade obriga a agir em conjunto e solidariamente. (...) (SANTOS, 1999, p. 34).

Por meio da análise que aqui realizamos das imagens de satélites, alguns pontos merecem ser considerados, para que possamos avançar em nosso estudo. Os problemas com as ocupações irregulares é o fomento para a contaminação da área de afloramento do Aquífero Guarani, e é também por meio dessas ocupações que muitas áreas verdes são tomadas por construções.

Políticas Públicas voltadas à questão ambiental merecem atenção urgentemente, a fim de minimizar estes danos, que em sua maioria tornam-se irreversíveis. Por isto, necessitamos rever nossa visão de mundo, visto que “frequentemente a ação volta como um bumerangue sobre nossa cabeça. Isto nos obriga a seguir a ação, a tentar corrigi-la — se ainda houver tempo — [...]” (MORIN, 2000, p. 87).

Quando se optou por estas análises, não se tinha dimensão da visão de urbanização que a mesma possibilitaria, tão pouco, que por meio dela, a questão da percepção ambiental, fosse tão importante sobre o lugar. O homem, enquanto sujeito que habita e por consequência transforma a paisagem, precisa desenvolver em si, a capacidade de observar o ambiente, e minimizar os danos a ele, mesmo porque, seu espaço é sua casa, e sua casa é seu espaço. “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana” (MORIN, 2000, p. 55). O sentimento de pertencimento pode contribuir para o cuidado com o ambiente, visto que pertencer, é um laço profícuo para se cuidar continuamente.

²⁵ Do latim *limitrõphus*, *limitrofe* é algo contíguo, vizinho, fronteiro ou confinante. O conceito está relacionado com a noção de limite (uma linha real ou imaginária que separa dois territórios, países ou terrenos). Fonte: <https://conceito.de/limitrofe>. Acesso em 18 de nov. 2018.

7.1.3 A vulnerabilidade social e a ocupação/transformação da paisagem do bairro Santa Clara

A vulnerabilidade social, que é vista no bairro Santa Clara, sempre foi motivo de muita preocupação. Nos anos 70, surge com mais intensidade, devida à instalação da Zona do Meretrício.

Conforme apresenta o PPP (2018) este processo interferiu no perfil econômico do bairro, nas ocupações do espaço geográfico, bem como em todo o processo histórico de formação do Santa Clara. No início da instalação da zona, a comunidade tinha alguns problemas, devido ao local ser movimentado. Houve casos de meninas, de famílias carentes, que deixaram de estudar na escola do bairro, para seguirem suas vidas nas casas de prostituição.

Figura 26- Casas instaladas na Zona do Meretrício



Fonte: acervo dos álbuns de fotografias dos moradores
Adaptado pelo pesquisador (2018)

A questão econômica interferiu no espaço geográfico da cidade de Lages. Madeiras se instalaram nos arredores do centro urbano, criando vilas operárias que mais tarde, transformaram-se em bairros. Não só esse fator contribuiu para o crescimento do bairro que é foco do nosso estudo, porém, influenciou na sua ocupação.

Rodrigues (2004) relata que a cidade tornou-se popular à época, sendo citada em jornais, textos literários e poesias, o que lhe conferiu o título de “Princesa da Serra”. Essa

imagem nobre e poética registrou o momento de crescimento econômico que Lages vivenciou, além de vislumbrar uma perspectiva de futuro.

Na época, acompanhando o contexto nacional, o principal discurso que circulava na imprensa era o de progresso, desenvolvimento, urbanização e crescimento da cidade. A população urbana aumentou consideravelmente, passando de trinta e quatro mil habitantes no ano de 1960, para mais de cem mil habitantes em 1980, segundo dados do IBGE (RODRIGUES, 2004).

A irmã, Olímpia Gayo, prestou por um bom tempo trabalho atendendo destas questões sociais, não foi diferente na região do bairro Santa Clara, com a questão da prostituição. Diante disso, registrado por Tavares, a irmã colheu depoimentos de pessoas que vivenciaram naquele período os encantos da cidade e a prostituição. E uma de suas entrevistadas, foi Luci Fávero, que tinha uma casa na área do meretrício de Lages e, na época da entrevista, era prostituta. Diante disso, destacamos o seu depoimento:

[...] Madeireiros. Tinha, tinha dinheiro, e naquele tempo era tão fácil que nunca vi. Num sábado como nesta hora (18 hs) já estava cheio de homens. Homens tudo da sociedade. Homens bons; não tinha briga, não tinha nada. Iam pra lá passar a tarde, ali bebendo... Não era tanto para sexo. Iam porque eram conhecidos da dona da casa, porque a primeira zona que teve aqui em Lages foi ali onde agora é o Hotel Natal. Veja só, lá perto do atual INSS. Depois mudou de lá e foi perto do Estádio do Internacional. De lá, por 87 causa da Maternidade, muito barulho, não sei o quê, tiraram e puseram no bairro Triângulo, e do Triângulo veio prá cá. Diz que lá no Triângulo era só mato no começo. Mas daí puseram a zona e se fez cidade! Abriu a zona – fez cidade! Mas olha, as mulheres, naquele tempo, pensa que andavam à pé? Chegava de outras cidades, de outros lugares, de taxi, de avião. Lá na casa em que eu morava tinha umas que viajavam, tinha uns madeireiros que levavam elas viajar de avião, pareciam suas princesas. Aquela roupa...era casaco de pele...Era difícil uma mulher lá, antes de 60 até 65, que não tivesse casaco de pele. Tinha uma que possuía 40 pares de sapato. Todo sábado ela tinha um vestido, um sapato e uma bolsa novos. Ela tinha dois casacos de pele. Era uma mulher linda. Parecia uma miss. Ela era daqui de Lages mesmo. Eu sei que as mulheres que chegavam de fora vinham de táxi (Luci Favero, in GAYO, apud TAVARES, 2013, p. 49) (SIC).

Este depoimento vem confirmar de onde surgem as primeiras casas de prostituição longe da área central da cidade, como o movimento que ocorreu de instalação no bairro Santa Clara. A Zona do Meretrício, quando instalada no bairro, chegou a contar com mais de vinte casas de prostituição, com o passar dos anos, as mesmas foram sendo fechadas, e vendidas devido à queda do público, que também se deu pelo avanço do vírus HIV, conforme (CORREIO LAGEANO, 1998).

No que tange ao processo de ocupação, em três anos, foram construídas vinte casas de prostituição no bairro, as mesmas, foram sendo fixadas em áreas impróprias, e muitas delas, em

terrenos invadidos. A primeira casa da Zona do Meretrício foi construída em 1970 (Figura 28 a), pois a zona, já havia sido instalada no bairro no ano de 1968, porém, em casas de aluguel. De 1970 a 1975, outras 19 casas foram construídas, sendo a segunda em 1970 (Figura 28 b).

Figura 27- Zona do Meretrício Instalada na década de 70



Conforme exposto acima, o surgimento com ênfase se dá nos anos 70. A questão que aqui será destacada é quanto à preocupação destas mulheres, para que seus filhos tivessem acesso à escola, pois somente em 1969, a EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro, é inaugurada, e as mesmas, passaram a ocupar o bairro, já em 1968.

Fonte: Jornal Correio Lageano.
Edição especial dos bairros (1998).

Logo que se se instalaram no bairro, retirado da área central, a preocupação destas mulheres foi quanto aos estudos de seus filhos. Pois, o bairro ainda estava se formando, e sendo assim, poucos recursos existiam por ali. Foi quando, algumas delas, realizaram um abaixo assinado, para solicitar a construção de uma “escolinha” que pudesse atender a comunidade que ali estava se formando.

Devido ao enorme fluxo de políticos importantes da cidade, que frequentavam a Zona do Meretrício, as mesmas aproveitaram estes “contatos”, para tornar este sonho possível. Por intermédio de algumas personalidades influentes da época, o prefeito eleito, Áureo Vidal Ramos, acatou o pedido, e determinou a construção da escola em 1969.

Há vontade em dar a oportunidade aos seus filhos, sendo que muitas não tiveram essa chance, é algo marcante. Visto que a luta, a consciência pelo processo de educação era notadamente importante para elas, na formação de seus filhos. Por muito tempo, esta ação foi um contraditório, pois ao mesmo tempo em que seus filhos tinham acesso à educação, muitas meninas desistiam da escola, para poder ganhar a vida nas casas de prostituição. Algumas conciliavam as duas coisas, mas a grande maioria permanecia somente na prostituição. Este fato gerava um grande descontentamento das famílias no bairro.

Esse fator agravava-se pela vulnerabilidade social que desde o início da formação do bairro, era evidente, pois a fome, a pobreza extrema, motivavam muitas meninas, e mulheres, a escolherem esta vida. Além disso, no auge da prostituição, muitas delas, tinham uma vida mais fácil nestes ambientes, do que com os seus familiares, lá ao menos, a alimentação era garantida, e suas necessidades básicas eram supridas pelas donas das casas de prostituição.

Figura 28- Casas de luxo de Prostituição no Bairro Santa Clara



Fonte: acervo dos álbuns de fotografias dos moradores
Adaptado pelo pesquisador (2018)

As casas de prostituição tiveram por algum tempo, lucros consideráveis, e muitas mulheres e homens, fizeram fortuna com esta atividade. Conforme (Figura 28) as estruturas físicas foram melhorando, e para época em que datamos os registros fotográficos, percebemos o quanto estes espaços eram de luxo.

Anos mais tarde, o casarão (Figura 28 a) incendiou, alguns moradores do bairro, relatam que foi um incêndio criminoso, para que esta atividade fosse cessada no bairro. Mas não existem registros policiais, que comprovem isso. Atualmente estas casas de prostituição ainda existem no bairro, e ficam localizadas na chamada “zona velha”, mas de forma pouco evidente, estão em funcionamento apenas três, conforme depoimento dos moradores (CORREIO, LAGEANO, 2004).

Devido à condição social ser precária neste bairro, várias campanhas de arrecadação de alimentos, roupas, calçados eram realizadas. Isso, desde a sua formação, neste sentido uma delas se destaca, sendo conhecida como o “sopão do Santa Clara”. A ideia do sopão surgiu nos

anos 90, pela médica aposentada, Wilma Carrilho, sendo oferecido todos os sábados aos moradores do bairro. O sopão era, e é servido na sede da associação de moradores, por meio de trabalho voluntário de um grupo de senhoras do bairro.

O número de famílias indigentes que no bairro residiam nos anos 90, era significativo, mais de 50 famílias viviam na extrema pobreza (IBGE, 1990). Atualmente, esse dado diminuiu para 15 famílias (IBGE, 2010). Outro fator que merece destaque, é que o bairro permanece, entre os mais vulneráveis da cidade de Lages, essa informação, demonstra o pouco desenvolvimento econômico e infraestrutural do bairro.

Figura 29- Santa Clara é um bairro pobre



Conforme detalhamos acima, esta reportagem do Jornal Correio Lageano, ampara como eram realizados os primeiros “sopões” no bairro, bem como, eram organizados, promovendo diferentes ações sociais.

Fonte: Jornal Correio Lageano.
Edição especial dos bairros (1998).

A próxima subseção deste estudo tem por objetivo, revisitar o passado, para entender o presente do bairro Santa Clara, nela, iremos fazer um panorama do histórico político, social e geográfico deste espaço geográfico, levando em consideração o espaço temporal dos últimos cinquenta anos.

7.1.4 Revisitando o passado para entender o presente: o contexto histórico, político, social e geográfico da formação do bairro Santa Clara.

Esta subseção irá revisitar o passado da formação histórica, política, geográfica e espacial do bairro Santa Clara, para que possamos compreender a dinâmica do espaço atual. O bairro teve origem no loteamento Santa Clara, implantado, no final dos anos 60, pelos empresários Ary Heinzen, Aldo Fronza e Noberto da Silveira. Eles lotearam uma gleba de 324.120 m² de campo comprada de Geli Castelo Branco Waltrick. Este proprietário havia herdado de seu pai, Antônio de Oliveira Waltrick, uma quantia de 698.000 m² de terra.

O território do Santa Clara, portanto, antigamente fazia parte da invernada da Areia, propriedade de 5,6 milhões de m², que ao ser dividida entre oito filhos de Antônio Waltrick, em meados da década de 60, quase que imediatamente foi sendo loteada e conseqüentemente dando origem aos bairros da região do Extremo-Sul da cidade de Lages: São Luiz, Santa Catarina, Araucária, Cruz de Malta e Santa Clara.

Naquela época, Geli havia ficado com pouco mais de 200.000 m² de campo. Atualmente, o território do Santa Clara abrange praticamente toda a antiga extensão das terras de Geli Waltrick.

Figura 30- Primeira Casa do Bairro Santa Clara/Primeira Moradora do Bairro



Fonte: acervo dos álbuns de fotografias dos moradores
Adaptado pelo pesquisador (2018)

Os lotes, inicialmente, foram comercializados sem que o loteamento tivesse infraestrutura urbana. Naquela época os moradores contavam apenas com a escola isolada, inaugurada no ano 1969. As ruas foram abertas somente na década de 70, e a rede de luz chegou em 1975, enquanto que a rede de água na década de 80. Sendo assim, percebemos o porquê do bairro Santa Clara, ter tantas dificuldades quando se trata de saneamento básico.

Cerca de 200 moradores chegaram ao Santa Clara para o início da sua povoação, estes, eram ex-funcionários do 2º batalhão Rodoviário, que mudou-se para o Estado do Amazonas, eles haviam sido despedidos, mas aqueles que residiam nas áreas de companhias receberam como doação as casas em que habitavam. Estas moradias foram então reconstruídas dando origem ao loteamento Santa Clara. Dona Maria do Patrocínio, primeira moradora do bairro Santa Clara (Figura 30), já morava no bairro, quando este movimento aconteceu.

Ocorreu que uma vez desempregados, muitos não conseguiam pagar as prestações dos lotes e acabaram vendendo seus imóveis. Outras famílias que tinham escolhido aquele loteamento para morar, também deixaram o local em menos de um ano de residência, em consequência principalmente de infraestrutura urbana inexistente. Sem ruas, água, e luz a vida ali era extremamente difícil. Para pegar o ônibus urbano, os moradores tinham de se deslocar até a região do Conte, no alto do bairro Santa Catarina, a cerca de dois quilômetros e meio de distância, sendo assim, este loteamento ficou com pouquíssimas residências, sendo quase que extinguido.

Figura 31- Infraestrutura do bairro Santa Clara



Fonte: Jornal Correio Lageano, edição especial dos bairros (1998).
Adaptado pelo pesquisado (2018)

Somente anos mais tarde, o bairro passou a contar com alguns recursos, conforme (Figura 31) e estes ainda muito precários, como exemplo o transporte coletivo, que no início da formação do bairro, era inviável.

Outro loteamento foi registrado com o nome de Jardim Augusta, inaugurado, em seguida no bairro Santa Clara, na área de divisa leste com o bairro Santa Catarina. E este formado, por áreas de até 10.000 m², destinada a chácaras. Mais tarde, este mesmo loteamento, passaria a pertencer ao bairro Santa Clara. Logo no início da década de 70, foi formada a Zona do Meretrício, como já destacamos, com isso muitos lotes acabaram sendo vendidos para as prostitutas, que pressionadas por um abaixo-assinado de moradores, deixaram a região do bairro Triângulo (área em volta do Cemitério Cruz das Almas).

Figura 32- Economia voltada à agropecuária



Fonte: Jornal Correio Lageano, edição especial dos bairros (1998).
Adaptado pelo pesquisado (2018)

A economia do bairro voltava-se a questão da atividade agropecuária, ainda hoje, tem-se muito presente esses aspectos, visto que nos primeiros anos de formação do bairro, o comércio era formado por quatro bares, não existiam áreas industriais, apenas algumas chácaras onde se desenvolviam atividades de agropecuária, com enfoque na produção primária do leite. Ainda assim, na década de 70, era comum nas chácaras, o plantio de bergamota, eucaliptos, e a

criação de animais como cavalos, aves, porcos e gado, essas atividades eram fonte de renda para os moradores.

Outro ponto que merece ser destacado é quanto ao perfil religioso do bairro, nos últimos vinte anos a religião evangélica tem ganhado espaço, atualmente são mais de dez igrejas distribuídas pelo Santa Clara. Quando da sua formação, existia apenas uma, e a religião predominante era o catolicismo, hoje não mais. Segundo dados do Projeto Político Pedagógico da Emeb. Cel. Manoel Thiago de Castro, 60% dos pais, declaram ser evangélicos, e somente 22% católicos.

Figura 33- Igreja Evangélica do Bairro Santa Clara



A primeira igreja evangélica do bairro Santa Clara teve como nome Ministério da oração (Figura 33). Até hoje, ela está em funcionamento. Além das atividades religiosas que se desenvolvem na igreja, várias atividades de cunho social, são desenvolvidas.

No que tange aos aspectos da igreja católica, a referência é a capela do bairro vizinho, sendo ele o Santa Catarina. A catequese é ofertada no bairro Novo Milênio, na pastoral da criança.

Fonte: acervo dos álbuns de fotografias dos moradores

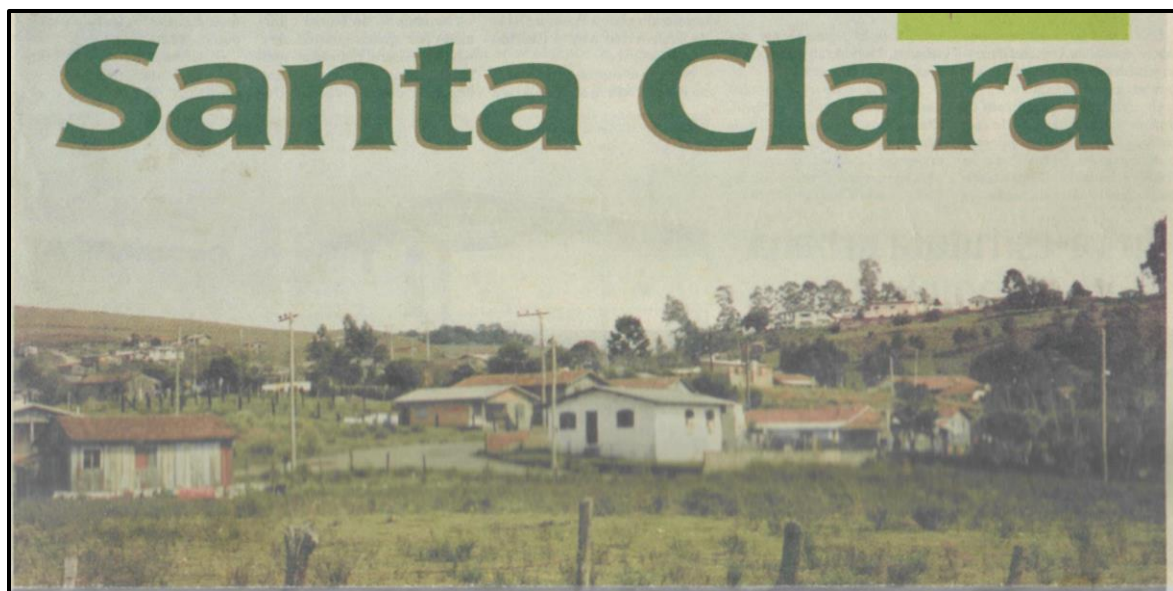
Fonte: Jornal Correio Lageano (1998)

Adaptado pelo pesquisador (2018)

O mais importante referencial para o bairro é a escola Cel. Manoel Thiago de Castro, grande parte dos moradores do bairro, vieram de municípios vizinhos, como a exemplo, Cerro Negro, Campo Belo do Sul, bem como de outros municípios da região. O bairro é tranquilo, porém falta desenvolvimento. Nos primórdios havia uma serraria e uma empresa que exportava pedra brita, o que gerava empregos na região. Posteriormente a isso, não se tem registros de outras atividades econômicas, fora as que aqui já foram registradas.

A paisagem do bairro Santa Clara alterou-se ao longo do tempo, essas transformações ocorreram em função da força do tempo, das manifestações e forças geradas para ocupação do espaço, e do uso do solo.

Figura 34- Paisagem do Bairro Santa Clara



Fonte: Jornal Correio Lageano, edição especial dos bairros (1998).
Adaptado pelo pesquisado (2018)

Conforme analisamos a (Figura 34) a paisagem do bairro, muito se transformou, não cabe aqui expressar os elementos desta alteração, pois já fizemos a discussão desta categoria, mas é importante enaltecer as relações de identidade e pertencimento ao lugar, estas que são desenvolvidas no processo de apropriação e territorialização do espaço, que corroboram com o sentimento de pertencimento, que aqui foi evidenciado em diferentes momentos, este relacionado à aproximação, bem como a ligação com o local.

O bairro como nível da prática sócio espacial se revela no plano vivido (envolvendo a categoria habitante), que mostra a condição da vida material, ganha sentido na vida cotidiana, expressando as condições da reprodução espacial no mundo moderno ou contemporâneo.

O histórico do bairro Santa Clara, foi baseado no Jornal Correio Lageano, Lages (SC), onde o mesmo publicou, nos anos de 1998 e 2004, reportagens sobre a história dos bairros, por meio de depoimentos de alguns moradores locais.

7.2 PONTO COLATERAL: QUESTIONÁRIOS

Esta seção tem por objetivo analisar os questionários dos professores e moradores, conforme anunciado na metodologia. Sendo assim, tais dados e dialogam entre si, pois muitas vezes os pensamentos de moradores e professores se correlacionam, revisitando as mesmas memórias, explicitando emoções e evidenciando o sentimento de pertencimento, que aqui, torna-se ingrediente essencial, a fim de buscar as diferentes percepções que se apresentaram por múltiplos olhares.

7.2.1 O perfil dos sujeitos da pesquisa...

Quanto ao perfil dos sujeitos desta pesquisa, aqui se faz necessário evidenciar as características dos mesmos, levando em consideração as informações coletadas nos questionários aplicados. Sendo assim, dividiu-se em duas partes a coleta de dados, sendo estes para cinco professores, e cinco moradores. É importante ressaltar que os critérios para aplicação dos questionários foram respeitados, conforme apresenta-se na bússola teórica metodológica da pesquisa.

Os professores que responderam os questionários atuam a mais de cinco anos na comunidade escolar do bairro Santa Clara - Lages (SC), são membros efetivos do magistério público municipal, e todos atuam na EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro.

Os moradores que participaram da pesquisa, respondendo as questões dos questionários, residem a mais de dez anos no entorno escolar, e todos estudaram na EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro.

A fim de garantir os princípios éticos, os questionários para professores foram nomeados nesta análise com o codinome de “legenda 1”; “legenda 2”; e assim, sucessivamente, elemento esse, que é de suma importância para se compreender a leitura de um mapa.

Na análise dos questionários dos moradores, foi utilizado como codinome para identificá-los, “orientação 1”; “orientação 2”; e assim continuamente. Este elemento, é indispensável para leitura de um mapa, e esta opção, garante os princípios de anonimato dos sujeitos da pesquisa.

Diante do objetivo de traçar o perfil dos sujeitos, tomamos como opção a elaboração de um quadro, que apresenta dados do perfil dos professores e moradores que participaram da pesquisa.

Quadro 18- Perfil dos Professores

Sujeitos da Pesquisa	Escolaridade	Idade	Gênero	Tempo de atuação na escola	Ocupou função administrativa na escola?	Atua ainda na unidade de ensino que é <i>locus</i> da pesquisa?
Legenda 1	Especialização	Entre 35 e 45 anos	Feminino	Entre 5 e 10 anos	Sim Diretora Auxiliar	Sim
Legenda 2	Especialização	Entre 45 e 60 anos	Feminino	Entre 5 e 10 anos	Não	Sim
Legenda 3	Especialização	Entre 45 e 60 anos	Feminino	Entre 5 e 10 anos	Sim Diretora Auxiliar	Sim
Legenda 4	Especialização	Entre 25 e 35 anos	Feminino	Entre 5 e 10 anos	Não	Sim
Legenda 5	Mestre em Educação	Entre 60 e 65 anos	Feminino	Entre 5 e 10 anos	Sim Diretora	Sim

Elaborado pelo pesquisador (2018)

Observando o quadro acima, percebemos que todos os professores entrevistados são do gênero feminino, 60% atuou, ou atua no administrativo da escola, todas ainda permanecem no quadro de funcionários da unidade de ensino, que é *locus* da pesquisa. Quanto se trata do nível de escolaridade, 80% possui especialização “*lato-sensu*”, e 20% possui o grau de mestre em educação “*strito sensu*”. Outro dado importante que merece atenção, é que 100% possui entre cinco e dez anos de atuação na unidade escolar.

Ao alinharmos o perfil dos moradores que compõem a pesquisa, tomamos como procedimento a elaboração de um quadro, que traz em seu escopo informações importantes sobre o perfil dos moradores que foram entrevistados.

Ressalta-se que tanto o questionário com os professores, como com os moradores, as perguntas do questionário foram semiestruturadas, e conforme o avanço da análise as mesmas serão apresentadas.

Quadro 16- Perfil dos Moradores

Sujeitos da pesquisa	Profissão	Idade	Gênero	Tempo que reside no bairro Santa Clara (entorno escolar)	Estudou na escola que fica localizada no bairro?	Você é natural de Lages (SC)?
Orientação 1	Vendedora	Entre 18 e 25 anos	Feminino	Entre 20 e 25 anos	Sim 10 anos	Sim
Orientação 2	Técnica em Enfermagem	Entre 25 e 35 anos	Feminino	Entre 30 e 35 anos	Sim 9 anos	Sim
Orientação 3	Auxiliar de Serviços Gerais	Entre 45 e 60 anos	Feminino	Entre 35 e 50 anos	Sim 4 anos	Sim
Orientação 4	Pedreiro	Entre 45 e 60 anos	Masculino	Entre 35 e 50 anos	Sim 5 anos	Sim
Orientação 5	Vendedora	Entre 18 e 25 anos	Femino	Entre 20 e 25 anos	Sim 8 anos	Sim

Elaborado pelo pesquisador (2018)

Ao analisarmos o perfil dos moradores do bairro Santa Clara - Lages (SC), percebemos que 80% dos sujeitos são do gênero feminino, e 20% masculino. 100% são naturais da cidade de Lages (SC).

Quando buscamos a informação do tempo que residem no entorno da comunidade escolar, percebemos que 40% moram no bairro de 20 a 35 anos; 40% entre 35 e 50 anos; e 20% entre 20 e 25 anos. Observamos assim, que todos os sujeitos entrevistados, vivenciaram mais de dez anos as transformações da paisagem no entorno escolar, atendendo ao critério de seleção para participar da pesquisa.

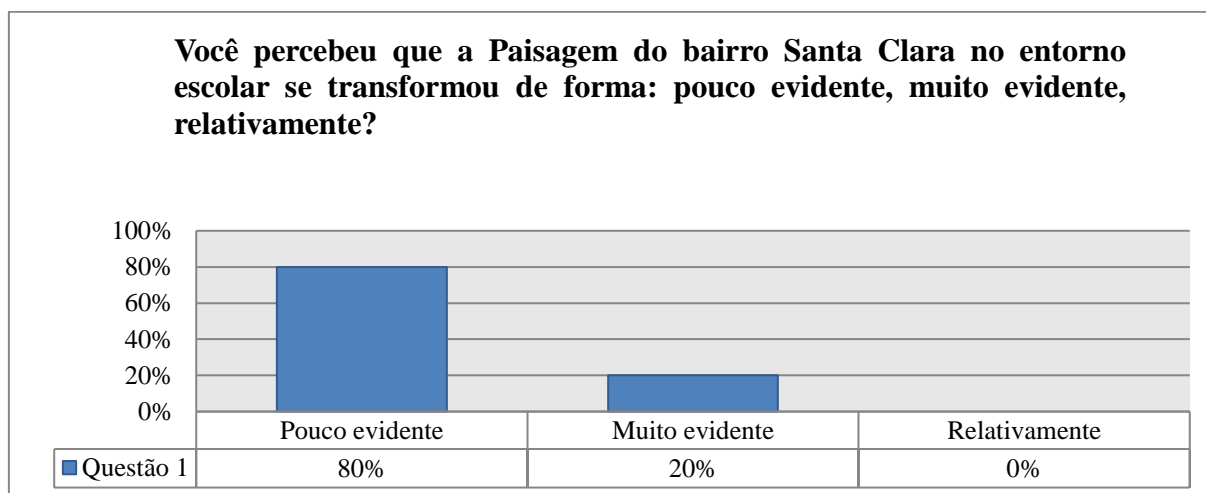
As profissões são variadas, técnicas em enfermagem vendedoras, assim como a idade dos sujeitos. Uma informação que merece destaque, é que todos os sujeitos estudaram na escola do bairro, alterando de quatro a dez anos suas vivências e experiências na unidade de ensino.

7.2.2 Revisitando vivências e experiências... o tempo como elemento transformador... Percepções dos Professores

Esta subseção tem como objetivo analisar os questionários de cinco professores, que aqui serão identificados com o codinome legenda, correlacionando com a metáfora que transversaliza o estudo. Oito questões foram aplicadas com os professores, conforme será exposto a seguir. O questionário é semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas.

Com o objetivo de analisar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a transformação da paisagem no entorno escolar, perguntamos aos professores: “você percebeu que a paisagem do bairro Santa Clara no entorno escolar se transformou de forma: pouco evidente, muito evidente, relativamente?”. As respostas se apresentaram da seguinte forma, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 3- Percepção da Transformação da Paisagem



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Diante da análise das respostas, percebemos que 80% responderam que a paisagem do bairro Santa Clara (SC) alterou-se de forma pouco evidente, 20% responderam que é muito evidente a transformação, e 0% optou pela alternativa de relativamente. Para Tuan (2012, p.18) “a percepção é a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. Neste sentido, destacamos a percepção de alguns professores:

Legenda 2 respondeu que [...] *apenas algumas residências foram construídas ao longo destes cinco anos em que conheço e atuo na escola do bairro [...]*.

Já Legenda 3, tem outra percepção sobre a transformação da paisagem no bairro, e destaca que [...] *alterou sim, teve a construção da quadra de esportes da escola, mais algumas casas, e um novo supermercado [...]*. Por meio dessas respostas, percebemos que a percepção da transformação da paisagem se dá com base no olhar, na percepção do todo, na individualidade dos sentidos externos, leva também em conta os valores, os costumes, enfim, a percepção da transformação da paisagem, se dá por diferente lentes e filtros.

Gomes (1997) e Dornelles (2006) esclarecem que a forma como o indivíduo percebe o ambiente deve levar em conta os valores, as crenças, os costumes, os preceitos e as atitudes de cada indivíduo sobre o ambiente construído.

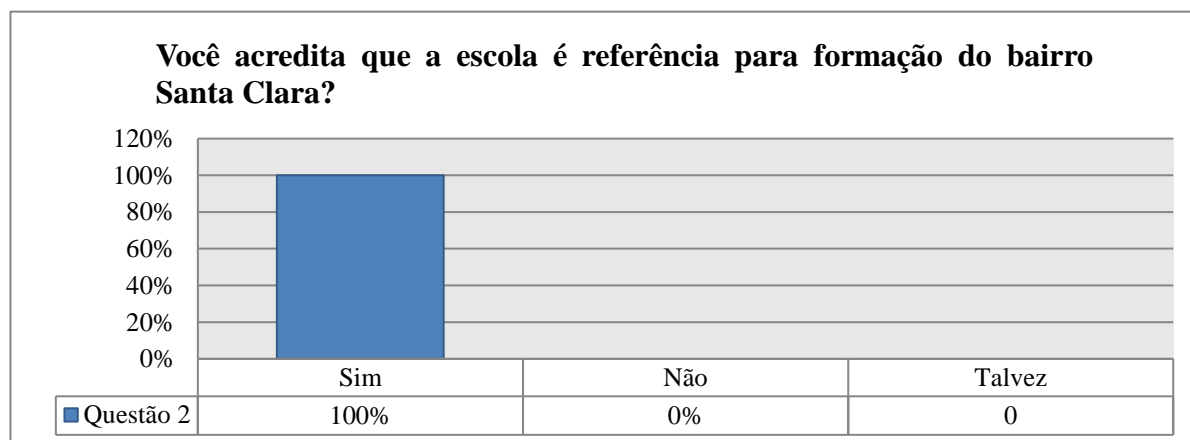
A paisagem construída, por meio da percepção, é sempre carregada por diferentes olhares, visto que, parte do individual, que se constitui por meio do espaço de tempo com a relação ao meio em que estão inseridos.

Conforme percebemos na Pesquisa documental, (Figuras 20, 21), a paisagem foi se transformando, e essas marcas ficam evidentes, onde trazemos para discussão o espaço da escola, que modificou-se em suas estruturas físicas, tanto na EMEB, quanto no Centro de Educação Infantil, que foi construído posteriormente, a fim de atender as demandas do bairro.

Na continuação da análise do questionário, perguntamos “você acredita que a escola é referência para formação do bairro Santa Clara?”

O objetivo desta pergunta, foi identificar a percepção dos professores sobre a importância da escola para formação do bairro Santa Clara. Percebemos que 100% dos entrevistados consideram que a escola é referência para formação do bairro Santa Clara (SC), isso denota para o sentimento de pertencimento que a comunidade escolar tem com unidade de ensino.

Gráfico 4- Percepção dos Professores Sentimento de Pertencimento



Elaborado pelo pesquisador (2018)

O pertencimento é determinado pelas emoções de se viver em determinado lugar, de se sentir bem onde habitamos, onde construímos nossa história. Ele é determinado pelos aspectos culturais, emocionais e sociais, levando em consideração o espaço de tempo em que nos reportamos ao vivido.

Lembramos por meio das palavras de Hall que:

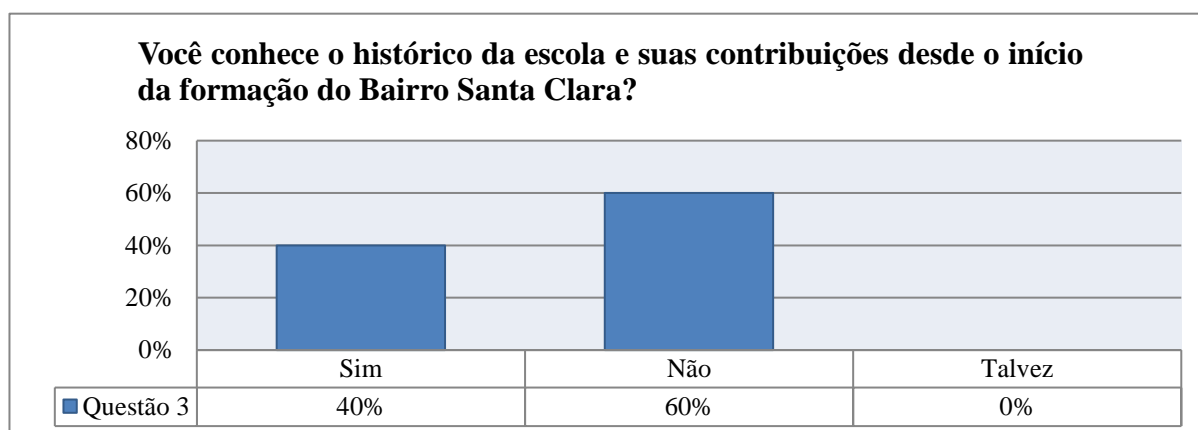
[...] o “pertencimento” e a “identidade” não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para a vida toda, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o

seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (2011, p. 17-18).

Ao fazermos nossas considerações acerca das respostas desta questão, refletimos o quanto a escola é importante na visão dos professores. Na continuidade da análise, perguntamos “você conhece o histórico da escola e suas contribuições desde o início da formação do bairro Santa Clara?”.

Esta pergunta teve como objetivo verificar o conhecimento dos sujeitos da pesquisa sobre a história da escola, bem como se compreendem as contribuições da unidade de ensino para formação do bairro Santa Clara.

Gráfico 5- Conhecimento do Histórico da Escola



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Ao analisarmos o gráfico acima, percebemos que 60% dos entrevistados não conhecem o histórico da escola e suas contribuições, desde o início da formação do bairro, porém 40% dizem conhecer o histórico da escola, e destacam suas contribuições, conforme percebemos nas respostas de Legenda 3 e Legenda 5.

Legenda 3: enfatiza que *“a escola desenvolve projetos e o programa mais educação onde contribuem essas ações para a comunidade, inclusive as crianças, passam mais tempo na escola, e fazem até mesmo suas refeições somente por aqui.”*

Legenda 5: destaca que *“a escola se tornou ao longo dos últimos 50 anos, a única e maior referência do bairro, pois aqui não há nenhum outro espaço escolar, ou de lazer que possa amparar/apoiar a comunidade em suas demandas sociais.”*

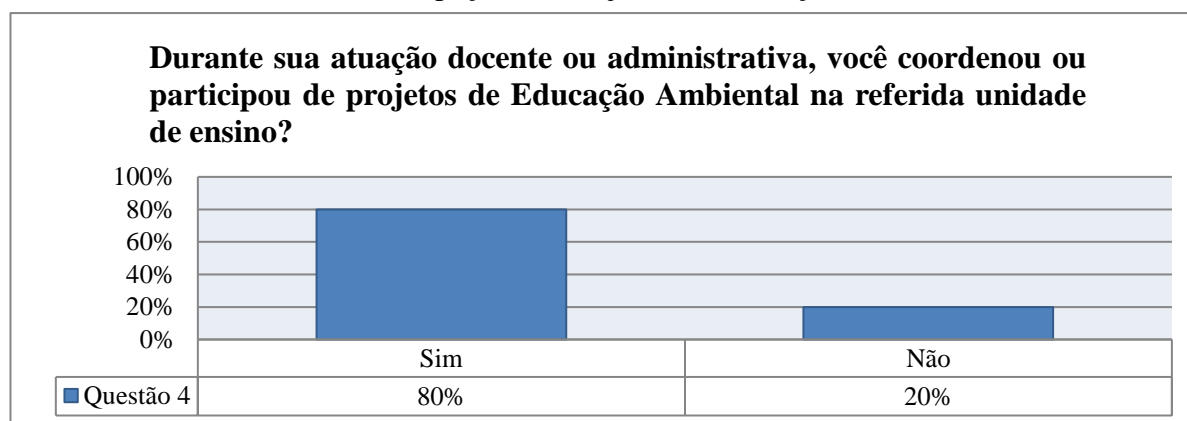
Neste sentido, percebemos que a comunidade do bairro Santa Clara, encontra na escola o seu alicerce de referência. Tomamos como elemento importante a ser ressaltado a resposta de Legenda 5, que comenta: [...] *a escola se tornou ao longo dos últimos 50 anos, a única e maior*

referência do bairro [...]. Analisando esta resposta, podemos verificar que de fato, a EMEB. Cel Manoel Thiago de Castro é vista como a principal referência deste lugar.

“O lugar é produzido a partir da afetividade, da sensação de pertencimento, do modo como nos adaptamos e nos apropriamos das realidades globais que se introduzem no local, que dão sentido à própria distribuição objetiva das coisas e das pessoas nessa porção do espaço geográfico” BARTOLY (2011, p.73). O sentimento de pertencimento com o lugar, é reflexo das experiências e vivências, que são fortalecidas pela afetividade, que se manifesta de acordo com o tempo em que experienciamos e constituímos nossa história/memória em determinado lugar.

A história de um lugar, é registrada e contada, seja pela oralidade, ou por meio de registros fotográficos, e esses recursos, nos remetem ao aguçar da memória, aqui destacamos como exemplo, as imagens que descrevem a transformação do espaço da escola, por meio de suas fachadas, onde realizamos um recorte temporal dos últimos cinquenta anos, conforme apresentado por meio da (Figura 20) na Pesquisa documental. Quando questionamos por meio da pergunta: “durante sua atuação docente ou administrativa, você coordenou ou participou de projetos de Educação Ambiental na referida unidade de ensino?” obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 6- Participação em Projetos de Educação Ambiental



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Bauman (2001) entende que uma comunidade ou bairro, proporciona propriedades específicas, como semelhanças entre os sujeitos que dela pertencem, objetivos comuns, dependência do grupo às mesmas regras e uma história que aproxima estes sujeitos. A comunidade, assim, apresenta-se como um local de segurança e conforto.

Ao fazermos esta pergunta, objetivou-se identificar a participação dos sujeitos na coordenação ou atuação em sala de aula com projetos voltados as temáticas ambientais, visto

que a atuação com os projetos de Educação Ambiental é de suma importância para desenvolver o pensamento socioambiental para além dos muros da escola.

Sendo assim, verificamos que 80% dos professores, afirmam ter coordenado ou participado de projetos de EA na unidade de ensino, e 20% deles, dizem nunca ter participado.

Levando em consideração o cenário brasileiro da disseminação destas temáticas, consideramos que essas respostas de participação é boa, pois retrata um ambiente escolar que promove ações de conscientização ambiental no espaço escolar, e como consequência, a propagação na comunidade em que a escola está inserida. Segundo Pontalti (2005), Educadora Ambiental, “a escola é o espaço social e o local onde o aluno dará sequência ao seu processo de socialização, iniciado em casa, com seus familiares”.

Por meio das respostas dos sujeitos da pesquisa, destacamos o que Legenda 5, comentou: *“já desenvolvemos vários projetos com relação ao descarte de lixo eletrônico, orgânico e reciclável. No momento estamos trabalhando com um projeto de sustentabilidade que virou disciplina com todos os alunos.”*

Aqui cabe refletir sobre a implantação de uma disciplina com as temáticas de sustentabilidade no currículo da escola, levando em consideração que este é um tema transversal e deve perpassar por todas as áreas do conhecimento, e não por uma única disciplina. A principal preocupação é que este tema seja trabalhado somente pela professora responsável pela disciplina, e deixe de constar como tema a ser debatido nas demais áreas do conhecimento.

No que tange a legislação, a lei 9.795/1999 em seu art. 10, diz que a educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal. E especificamente defende em seu § 1º A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino. Diante disso, a lei não ampara que exista uma disciplina específica a ser considerada no currículo escolar.

Segundo Capra (2003) para alcançar uma sociedade sustentável primeiro é preciso de uma definição operacional do que é sustentabilidade ecológica. A chave está em reconhecer que não é preciso inventar as comunidades humanas sustentáveis a partir do zero, mas se pode moldá-las de acordo com os ecossistemas naturais. Como a natureza tem a característica intrínseca manter a vida, o modo de vida da sociedade deve ser planejado de forma a não interferir nessa capacidade da natureza.

Sendo assim, a aprendizagem por meio de projetos de Educação Ambiental, não devem ser restritas a um único professor, ser uma responsabilidade ética de todos os profissionais da educação que compõem o meio escolar.

Ainda considerando as respostas dos sujeitos da pesquisa, acerca da participação em projetos de EA, destacamos as respostas de Legenda 3 e Legenda 4:

Legenda 3: [...] *sim, temos o JEPP²⁶, que trabalha com confecção de brinquedos ecológicos, e realizamos gincanas de descartes de eletrônicos [...].*

Legenda 4: [...] *aqui acontecem projetos de recicláveis, agora existe a disciplina de sustentabilidade que é onde as crianças trabalham de certeza esse tema [...].*

Diante disso, percebemos que dê fato a implantação de uma disciplina para tratar das temáticas ambientais, condiciona a ela, toda a responsabilidade de disseminar estes conceitos no espaço escola, corroborando com a preocupação, de o tema não mais ser tratado de forma transversal e interdisciplinar em todas as áreas do conhecimento. Para Morin (2003):

“um mundo sustentável será viabilizado a partir da percepção complexa: “há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários” (MORIN, 2003, p. 13).

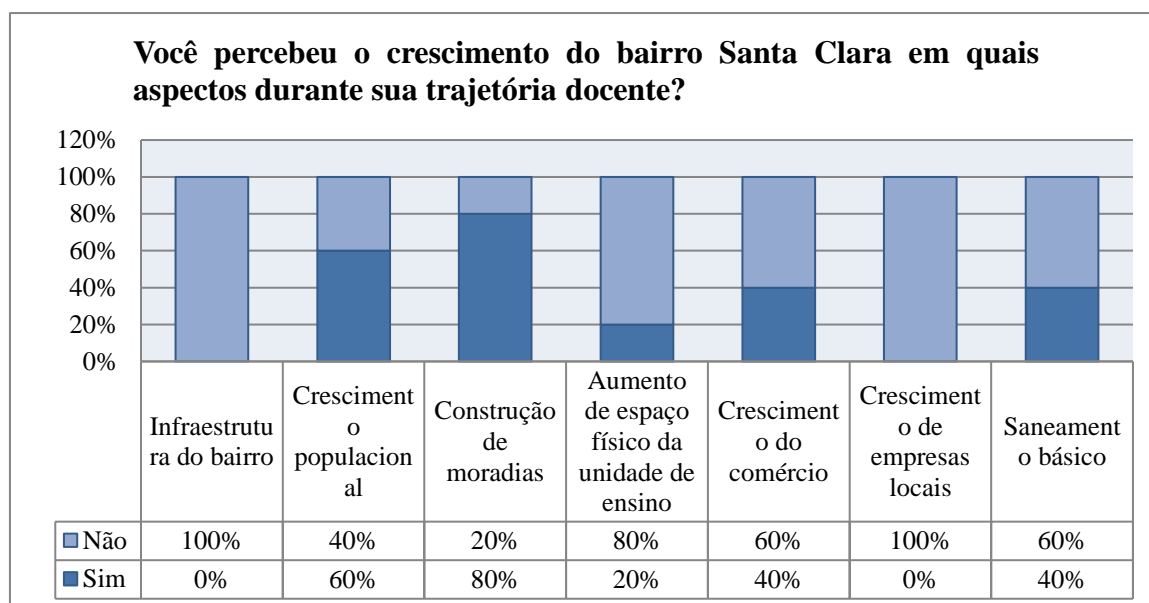
Amparado no que reflete Morin (2003) estes conceitos não podem ser tratados de forma fragmentada, precisam estar nas salas de aula independente da disciplina, do professor, é preciso promover uma cultura sustentável que ganhe espaço cada vez mais interdisciplinar nos bancos escolares.

A fim de verificar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre o crescimento do bairro Santa Clara, em seus aspectos: populacionais, infraestruturais e comerciais, fizemos a seguinte pergunta: “você percebeu o crescimento do bairro Santa Clara em quais aspectos durante sua trajetória docente: (obs. você pode assinalar mais de um item nesta pergunta).”

Diante disso obtivemos as seguintes respostas, conforme se apresenta no gráfico a seguir:

²⁶ Jovens Empreendedores Primeiros Passos – JEPP, destinado a fomentar a educação e a cultura empreendedora. O programa procura apresentar práticas de aprendizagem, considerando a autonomia do aluno para aprender, além de favorecer o desenvolvimento de atributos e atitudes necessários para a gestão da própria vida. Fonte: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/educaca>. Acesso em 15 de nov. 2018.

Gráfico 7- Percepção do Crescimento do Bairro Santa Clara/Lages (SC)



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Verificamos que 60% dos professores, percebem o crescimento populacional, 80% percebem também o crescimento de moradias no entorno escolar, somente 20% percebem o aumento de espaço físico da unidade de ensino, desde que passaram a atuar na unidade escolar. 40% dizem perceber o crescimento do comércio local, nenhum dos sujeitos da pesquisa percebeu o crescimento de empresas, e 40% dizem perceber investimento do poder público na questão de saneamento básico.

A percepção do crescimento do bairro em diferentes aspectos é de extrema relevância, visto que, perceber o espaço em que estamos inseridos, nos remete a conhecer o lugar onde construímos nossa história.

Milton Santos reflete que seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico. Santos ainda, enfatiza que:

[...] a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. [...] somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (SANTOS, 1979, pp. 42-43).

Conforme Santos (1979) a sociedade evolui por meio do tempo, suas memórias são revisitadas diante da evolução temporal, sendo assim, a paisagem é reflexo de mudanças constantes, evolui permanentemente, diante das diferentes formas de organização social e espacial. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela

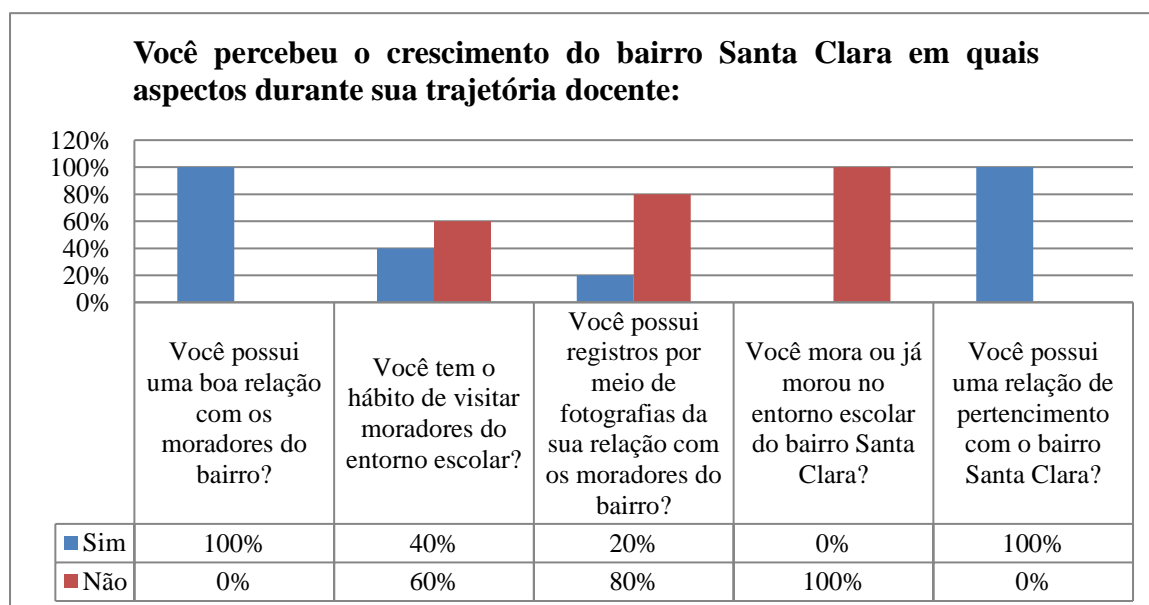
qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (SANTOS, 1979, p.122).

O crescimento do bairro Santa Clara é percebido também, por meio das imagens de satélites (Figura 25) em nossa Pesquisa documental, ainda assim, dialoga com o número de casas que foram sendo construídas com o passar dos anos, o que reflete na dinâmica de urbanização deste recorte espacial.

Em 1996, o bairro contava com cerca de 260 casas, já em 2018, a estimativa é de 357 imóveis construídos. Este dado corrobora com as informações, que destacamos por meio dos documentos, e vem ao encontro da percepção dos sujeitos, que enfatizam a dinâmica de crescimento, entorno do espaço escola.

Quando nos relacionamos com o espaço, criamos vínculo, despertamo-nos para o sentimento de pertencimento. Na docência, esse é um ingrediente importantíssimo, para que se tenha êxito no dia-a-dia da escola. Interagir, respeitar o lugar ao qual fazemos parte é de suma importância para que possamos manter um diálogo permanente com o todo. Com o objetivo de analisar a relação dos sujeitos da pesquisa com o bairro Santa Clara, fizemos várias perguntas sobre a relação do professor com a comunidade escolar, na qual desempenham seu trabalho. Obtivemos como resultado o exposto abaixo:

Gráfico 8- Relação Professor X Comunidade



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Na análise das respostas, 100% dos professores declarou que possui uma boa relação com os moradores do bairro, 40% diz ter o hábito de visitar os moradores do entorno escolar, o

que reforça a aproximação com a comunidade. 20% declarou possuir registros com fotografias da sua relação com a comunidade escolar, este dado foi importante para que pudessemos conseguir registros para pesquisa documental. 100% dos professores declarou não ter morado no entorno da escolar, porém 100% declarou possuir uma relação de pertencimento com o bairro no qual atuam como profissionais da educação.

Jacobi (2005) aponta que, para que, se possa ser estabelecida uma identidade social e que esta se desenvolva, é necessário que haja um verdadeiro sentimento de pertencimento para com o local. Para Freire e Vieira (2006), esse pertencer etimologicamente se refere “pertencer à” é “ser propriedade de” ou “fazer parte de”, podendo se referir à relação do sujeito com o lugar. O sentimento de estranhamento seria o seu oposto.

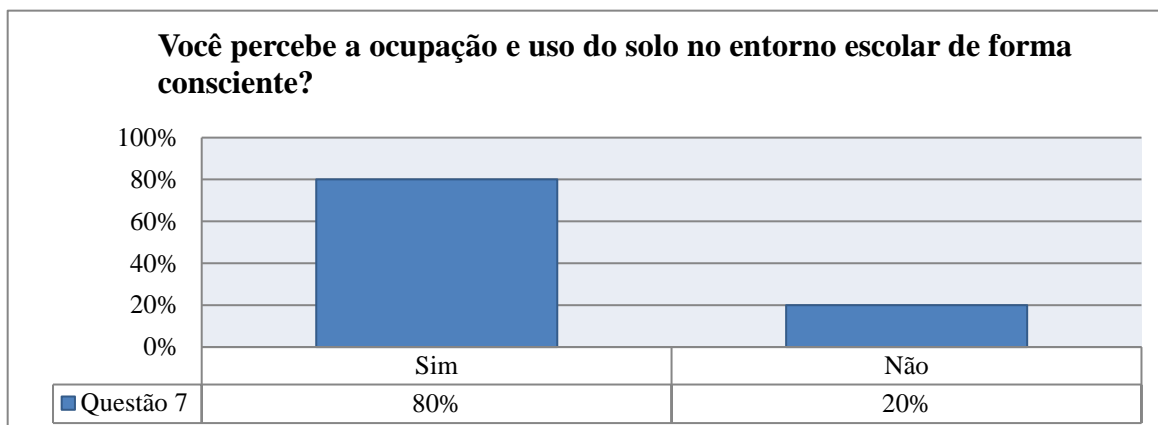
Neste sentido, o sentimento de pertencimento que é evidenciado pelos sujeitos da pesquisa com o bairro Santa Clara (SC) que independe de habitar o lugar, a relação é de aproximação com o meio, o vínculo que se cria, é estabelecido pela aproximação social e cultural.

Desta forma, ressalta-se, a importância de despertar no indivíduo a identidade do local bem como o seu sentimento de pertencimento, o que contribuirá para que os mesmos vejam a área onde convivem, vivem ou viveram, tal como Pádua (2000) coloca: um foco de orgulho por meio do enriquecimento de conhecimentos e da sensibilização quanto a sua importância. Assim como é visto em Quaresma (2005), será fortalecido o sentimento de pertencimento e a partir daí será experimentado pelos participantes a motivação de ligar-se emocional ou afetivamente ao lugar, que em Unidades de Conservação da Natureza, pode-se direcionar para uma maior afetividade sobre a diversidade biológica do local.

Na continuidade da análise dos questionários, perguntamos aos professores: “você percebe a ocupação e uso do solo no entorno escolar de forma consciente?” (ex. as pessoas constroem suas residências em áreas adequadas para moradia?). Esta pergunta tinha por objetivo analisar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a ocupação e uso do solo no entorno escolar. Diante disso, obtivemos os seguintes resultados:

Dos participantes da pesquisa, 80% responderam que percebem a ocupação do solo no entorno escolar de forma consciente, porém nenhum deles justificou sua resposta. Somente 20% responderam que a ocupação e uso do solo no entorno escolar acontece de forma desordenada, dizendo que as pessoas constroem suas residências em áreas inadequadas para moradia.

Gráfico 9- Percepção do uso e ocupação do solo no entorno escolar



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Quando se trata do uso e ocupação do solo, nos reportamos ao Plano Diretor da Cidade de Lages, aprovado em 2018, porém, não é seguido, conforme as orientações que o regem. Não é diferente no bairro Santa Clara, mesmo com um alto índice afirmando que percebem a ocupação do solo de forma consciente, fazemos um contraponto, amparado na resposta de Legenda 5: [...] *na verdade, quase 70% do bairro é tomado por 'pedras' e não é possível fazer uma horta, um jardim decente, dirá construir uma casa, as pessoas ocupam o bairro, de qualquer forma, sem se preocupar com as condições do solo [...]*.

Diante desta resposta, problematizamos da relevância de conscientizar para ocupar, de fiscalizar cada vez mais essas áreas, principalmente os espaços que emergem do micro para o macro, que nesta situação, nos situamos por meio do bairro como recorte espacial inicial.

Para Lefebvre (1975) o bairro não pode ser pensado de forma isolada, pois é parte de um todo urbano (a cidade), sem o qual não poderia existir. Portanto, pode-se afirmar que os bairros surgem a partir da expansão urbana de uma cidade e só podem ser entendidos a partir da história e da evolução de um determinado lugar.

Ainda assim, o lugar (entende-se aqui o bairro Santa Clara), pode ser considerado uma manifestação espacial da apropriação do espaço e da natureza pelo homem, que é inseparável da transformação da sociedade no tempo e no espaço, enfim pode ser entendido como pontos de concentração de condições gerais (LIMONAD, 1996).

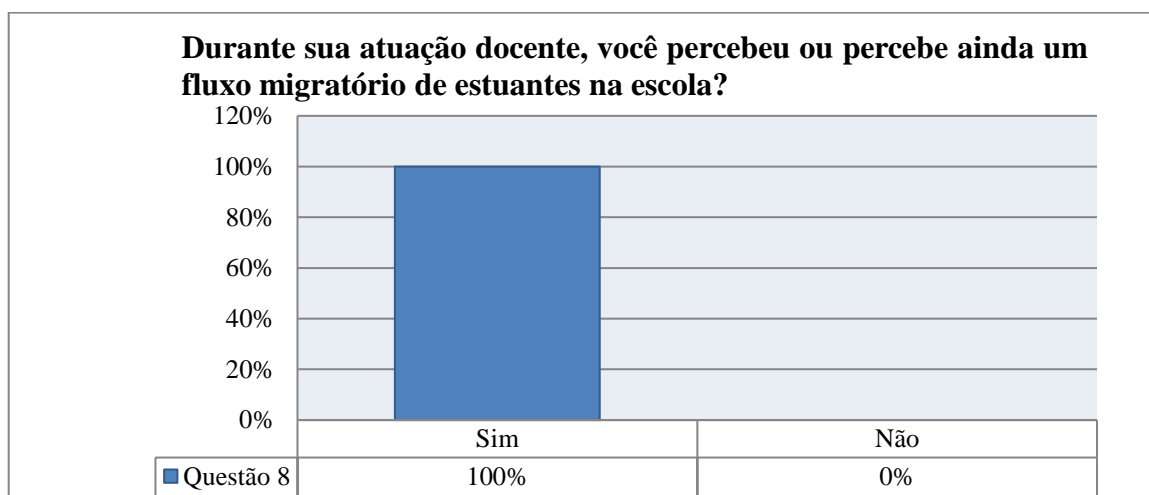
Para Ferrari (1977) o uso do solo urbano deve ser definido de acordo com a atividade predominante de seus equipamentos, de forma que tais usos preencham todo o espaço em diferentes proporções de áreas, sendo que estas funções variam no tempo e no espaço e de conformidade com a função da cidade.

Neste sentido reportar-se ao uso e ocupação do solo no bairro Santa Clara, nos leva a reflexão da aplicação de políticas públicas mais efetivas, que cobrem que estes espaços sejam ocupados de forma consciente, levando em consideração o pensamento socioambiental.

Caminhando para o alinhamento final da análise dos questionários, perguntamos aos professores: “durante sua atuação docente, você percebeu ou percebe ainda um fluxo migratório de estudantes na escola? ”. O objetivo desta pergunta foi identificar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre o fluxo migratório de estudantes na escola que é *locus* da pesquisa.

Quando pensamos nesta questão, objetivamos mapear o fluxo migratório que acontece na região sul da cidade de Lages (SC), visto que o fluxo migratório interfere na ocupação do solo, e como consequência, na dinâmica da urbanização.

Gráfico 10- Fluxo Migratório



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Ao observarmos as respostas, percebemos que 100% dos professores, reconhecem o fluxo migratório de estudantes na escola. Uma hipótese é que isso ocorra em função da rotatividade considerável de moradores das cidades de Capão Alto, Campo Belo do Sul e São José do Cerrito, que pela localização do bairro, acabam se estabelecendo nesta região com maior facilidade. Ainda assim, outro fator é os valores baixos dos terrenos, que na sua maior parte são áreas verdes (terrenos baldios), que acabam sendo ocupadas de forma irregular.

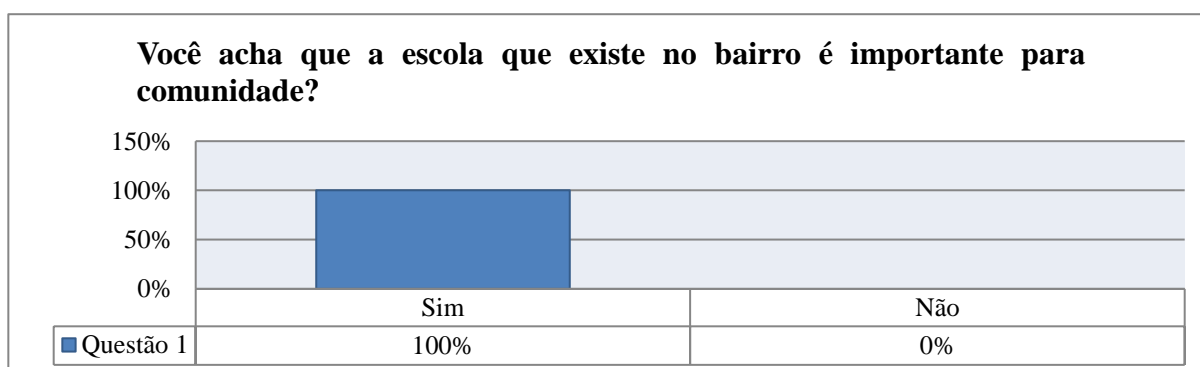
7.2.3 Revirando memórias: um olhar para o passado.

Percepção dos Moradores

Nesta subseção foram analisados os questionários aplicados com cinco moradores. Destaca-se que todos os sujeitos convidados, responderam às perguntas. Serão identificados conforme já destacado anteriormente, por meio do codinome “Orientação”, que está relacionado com os elementos que são imprescindíveis para leitura de um mapa, de acordo com a metáfora da pesquisa. Cinco questões foram realizadas nesse questionário.

Com o objetivo de identificar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a importância da escola para comunidade escolar. Perguntamos aos moradores: “você acha que a escola que existe no bairro é importante para comunidade? ”. Diante das respostas, os resultados apresentados foram os seguintes:

Gráfico 11- Reconhecimento da importância da escola para comunidade



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Analisando as respostas dos sujeitos entrevistados, percebemos que 100% deles, reconhecem a importância da escola para a comunidade escolar. Isso denota para o sentimento de pertencimento que se investiga no estudo, visto que reconhecer a relação entre bairro e escola, nos aproxima do respeito com o espaço em que estamos inseridos/vivemos.

O bairro é um lugar, pois tem o espaço imediato da vida das relações cotidianas, relações de vizinhança, encontro dos conhecidos, laços de identidade entre os habitantes e o lugar (CARLOS, p.34, 2001).

Diante do que defende Carlos (2001) a relação com o ambiente em que estamos inseridos, é permeada por laços de pertencimento, e esses, revisitam emoções ao se recordarem do passado, que consigo traz lembranças, que nos ajudam a compreender o processo de ocupação dos espaços geográficos.

Sendo assim, considerando as respostas dos sujeitos da pesquisa, destacamos as respostas de “Orientação 1” e Orientação “2”:

Orientação 1: [...] *todo bairro tem que ter uma escola. Assim as crianças não precisam se deslocar do bairro, fica mais perto da nossa casa. Por isso, digo, eu estudei, meus filhos estudaram, e sempre foi boa a nossa escolinha.* [...].

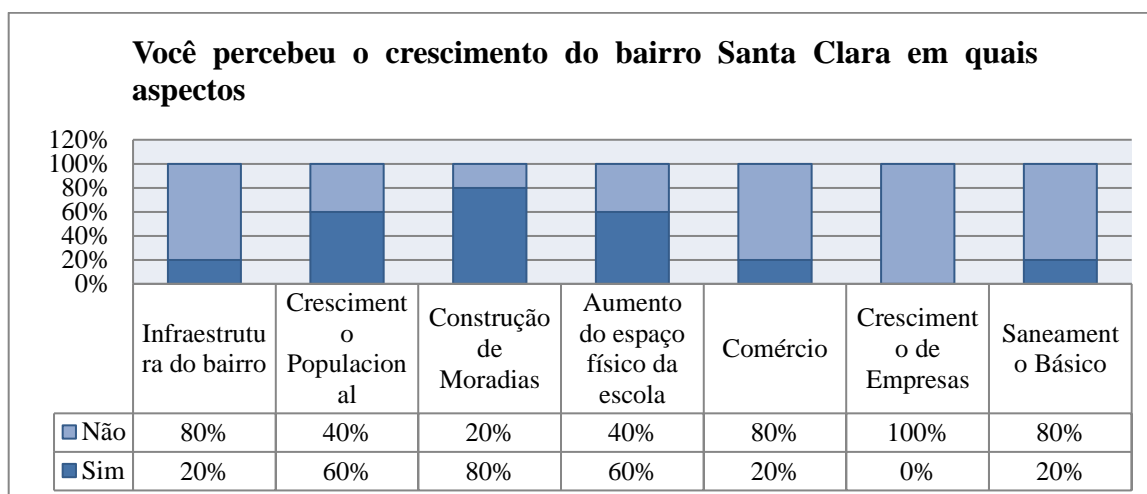
Orientação 2: [...] *se não tiver escola no bairro, isso dificulta muito para os deslocamentos, faz quase cinquenta anos que existe a nossa escola, e temos orgulho dela* [...].

Percebemos por meio das respostas que obtivemos que o sentimento de pertencimento, com o bairro, do reconhecimento da importância da escola, não se resume apenas pelo valor afetivo, mas também, da comodidade de se ter uma unidade de ensino, que atenda as demandas das crianças e adolescentes que ali se estabelecem como moradores.

Sendo assim, podemos dizer que é a partir do bairro, que revelamos as raízes dos espaços sociais, pois o primeiro vínculo de pertencimento parte do micro (bairro). É importante ressaltar, que os moradores reconhecem a importância da escola, enfatizam inclusive a eficiência dos serviços prestados por ela.

Na continuidade do questionário, fizemos a seguinte pergunta: “você percebeu o crescimento do bairro Santa Clara em quais aspectos?” Nesta pergunta, poderiam ser assinalados mais que um item, o objetivo foi verificar a percepção dos sujeitos da pesquisa, sobre o crescimento do bairro Santa Clara, em seus aspectos: populacionais, infraestruturais e comerciais. Os resultados foram os seguintes:

Gráfico 12- Percepção do Crescimento do Bairro Santa Clara/Lages (SC) pelos Moradores



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Na questão da infraestrutura do bairro, 80% responderam que não ocorreu crescimento, somente 20% disseram que sim. Este dado, demonstra a percepção dos moradores, com o descaso do poder público, que por um longo tempo esqueceu as demandas sociais dessa região da cidade de Lages (SC).

Ainda assim, quando questionamos sobre o crescimento populacional, 60% percebem que o bairro aumentou no que concerne a sua população, movimento esse, que reflete com os dados coletados por meio do IBGE (2017) que dê fato aponta que ocorreu o crescimento populacional.

Sobre os aspectos de novas construções de moradias, 80% afirmou que percebe esse crescimento. Quando questionamos sobre o aumento físico do espaço da unidade de ensino, 60% deles, responderam que sim, que a unidade de ensino aumentou seu espaço. Este dado, converge com as informações que coletamos no questionário com os professores.

Tratando-se do crescimento do comércio local e de empresas, 80% afirmaram que não percebem o crescimento de comércio no bairro, e 100% afirma que não ocorreu crescimento algum de empresas, sejam elas de médio, pequeno ou grande porte.

Ainda quando questionamos sobre a questão de saneamento básico, que traduz diferentes reflexos com as questões de políticas públicas da saúde, 20% responderam que ocorreu um maior investimento do poder público na questão de saneamento, porém 80% dos moradores afirmaram não perceber investimento algum, no que tange ao saneamento básico. Esse dado, reflete os problemas locais que o bairro enfrenta, principalmente na questão de proliferação de doenças, como exemplo a dengue.

O Plano Diretor da Cidade de Lages (SC), em seu artigo 45, afirma em seu parágrafo III “que o poder público deve promover condições adequadas para a urbanização e melhoria das condições de saneamento ambiental nos locais de conflito.”

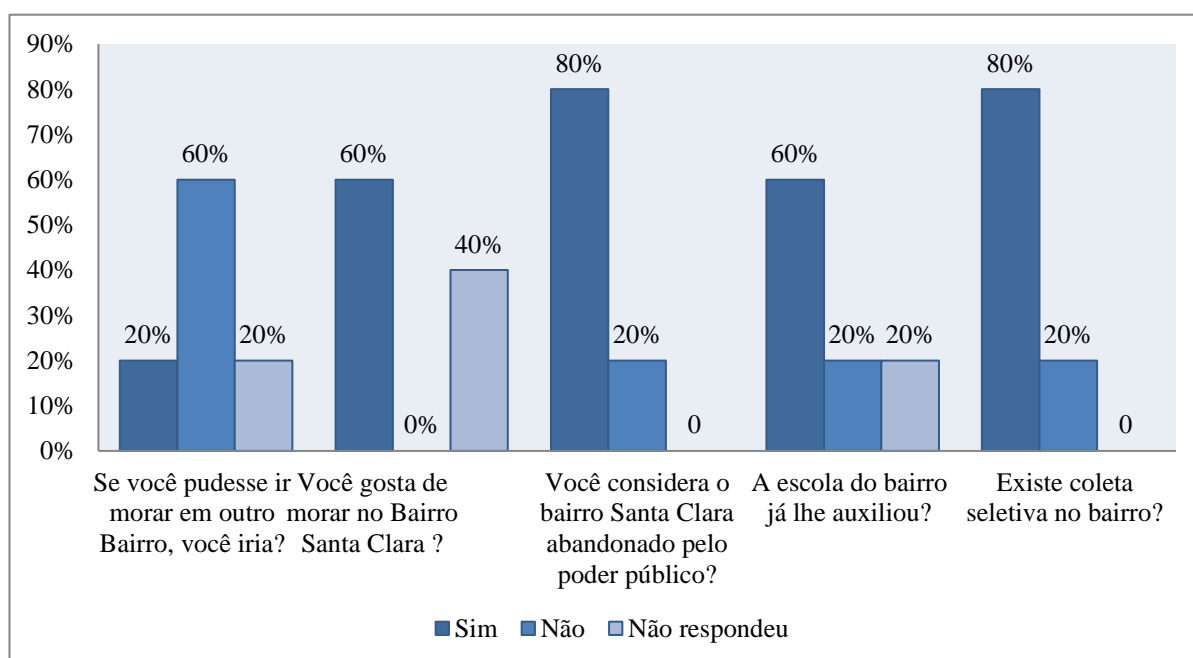
Essa afirmação que encontramos no Plano Diretor da Cidade, traduz a responsabilidade do município, com a questão do saneamento básico. Ainda assim, no artigo 292 temos a seguinte redação:

O Poder Executivo Municipal deverá promover projeto de urbanização com a participação dos moradores de áreas usucapidas, para a melhoria das condições habitacionais e de saneamento ambiental nas áreas habitadas predominantemente por população de baixa renda, usucapidas coletivamente por seus possuidores para fim de moradia, nos termos da Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001 - Estatuto da Cidade. PLANO DIRETOR DA CIDADE DE LAGES (2018, p.123).

Tratar da questão de saneamento básico é sem dúvida, responsabilidade do poder público, que como verificamos por meio das respostas dos moradores, ainda não é uma realidade do bairro Santa Clara, pois se trata de uma prerrogativa de saúde pública.

Com o sentimento de pertencimento, é possível que as pessoas valorizem e cuidem mais do ambiente que estão inseridos e das pessoas, seres e coisas que ali participam, a fim de verificar esse sentimento com o lugar em que vivem, foi realizado algumas perguntas, que tiveram como base o seguinte questionamento: “sobre sua relação com o Bairro Santa Clara, responda? ”. Diante disso, os resultados coletados foram os seguintes:

Gráfico 13- Sentimento de Pertencimento X Comunidade Escolar



Elaborado pelo pesquisador (2018)

O objetivo destas perguntas foi de analisar a percepção e a relação dos sujeitos da pesquisa com o bairro Santa Clara. Por meio das respostas, verifica-se que 60% afirmam que mesmo que tivessem oportunidade não iriam morar em outro bairro, o que reforça o sentimento de pertencimento com o lugar que habitam. Somente 20% afirma que moraria em outro bairro, e 20% não respondeu.

Pensar o lugar e o seu pertencimento, requer ir além de seus traços estruturais. Requer um olhar sensível para os aspectos emocionais do ser vivente. Pois, “[...] desconsiderar [...] subjetividades é negligenciar a dimensão existencial dos sujeitos”. “O lugar é ponto de identificação, intimidade e troca de experiências.” (ARAÚJO, 2016, p. 37).

Conforme Araujo (2016) reflete, o lugar é ponto de troca de experiências, e essa se dá por meio da relação com o meio em que estão inseridos, o sentimento de pertencimento que

reflete ao longo dos resultados desta pesquisa, é intrínseco as diferentes emoções que emergem do convívio com as pessoas, das histórias de vidas, do respeito ao outro, da relação de identificação com as pessoas e as características do espaço.

Na continuação da análise, 60% afirma que gosta de morar no bairro Santa Clara, e 40% não responderam. Este dado reforça o quanto as pessoas, se sentem parte do bairro, gostam de tudo que ali experienciaram, e se reconhecem como sujeitos deste lugar. Dessa maneira, “o sentimento de pertencimento aflora quando existem vínculos, cultivá-los ajudará a criar referências que serão à base da convivência em grupo [...]” (OLIVEIRA, 2016, p. 22).

Outro dado, é que 80% responderam que consideram que o bairro em que moram, é abandonado pelo poder público, e 20% diz não considerar que isso aconteça. Isso reflete a precariedade dos serviços prestados pelos órgãos públicos na comunidade do Santa Clara. Ainda assim, reflete também a falta de um posto de saúde, na pavimentação da maioria das ruas, que é precária, assim como serviços simples de iluminação.

Quando perguntamos se a escola do bairro já auxiliou em alguma demanda social, 60% afirma que sim, isso ampara outras prerrogativas do estudo, que em diferentes momentos apresentou que a escola é única referência no entorno escolar. Não se especificou qual foi o auxílio que a escola lhe ofereceu, porém é importante este reconhecimento, pois corrobora com a percepção da importância do espaço escola, com o bairro.

Alinhavando para última pergunta deste bloco, perguntamos se existe coleta seletiva do bairro, 80% respondeu que sim, e 20% disseram que não. A coleta seletiva se faz necessária nas cidades, justamente para contribuir para diminuição dos impactos ambientais. No bairro Santa Clara, não é diferente, uma vez que concentra uma quantidade expressiva de resíduos nas ruas, e em muitos lugares a preservação dos chamados lixões, onde os moradores descartam sofás, mesas, cadeiras, roupas, e tantos outros utensílios domésticos que não mais utilizam. Cortez (2002, p.55),

Considera que: [...] o maior benefício resultante da coleta seletiva, sob o aspecto humano, é viabilizar a transferência cada vez maior dos catadores das áreas de destinação de lixo, insalubres e de alto grau de risco, para as centrais de triagem, onde o ambiente de trabalho é mais saudável. Nestes locais, as pessoas adquirem melhor qualidade de vida e espírito de equipe, diferente das disputas individuais pela sobrevivência, travadas diariamente nos lixões e aterros.

Conforme reflete Cortez (2002) destaca-se que no bairro Santa Clara, não é diferente, visto que se concentram-se muitos catadores, que hoje, por meio de uma coleta seletiva mais organizada, acabaram se deslocando para cooperativas de reciclagem, o que notadamente contribui para melhorar suas vidas.

Percebe-se ainda que a maioria das pessoas acredita que a reciclagem é uma boa ideia. Entretanto, nem todos têm disposição para reciclar o hábito de jogar coisas fora é difícil de ser quebrado. As pessoas precisam perceber boas razões para a reciclagem e este deve ser conveniente. Elas devem ser motivadas a superarem suas objeções ou inércia até que a reciclagem se torne um hábito (CORTEZ, 2002, p. 45).

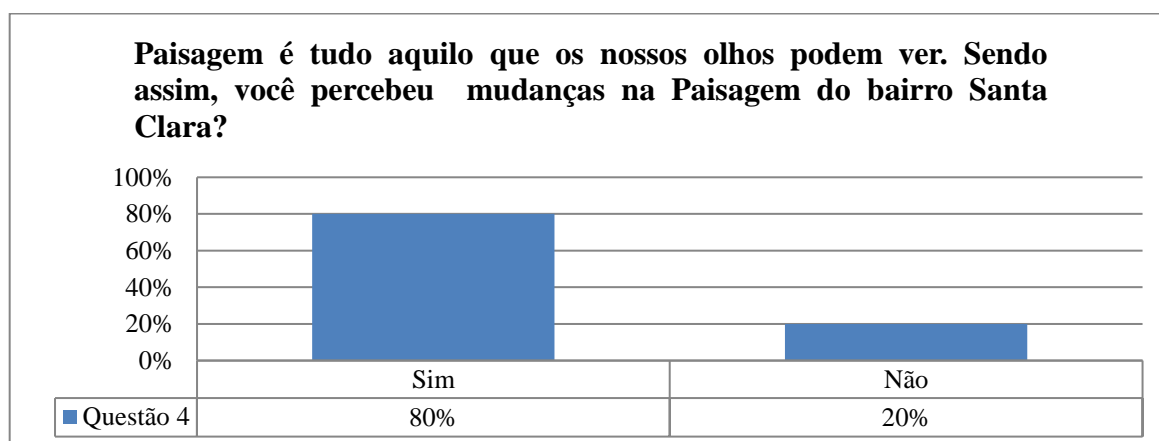
Diante das respostas que analisamos, percebemos o quão importante se torna a percepção dos sujeitos, para se compreender o espaço geográfico, visto que, espaço e tempo são elementos imprescindíveis para se analisar a transformação da paisagem.

Na continuidade da análise das perguntas que realizamos, emerge a seguinte questão: “paisagem é tudo aquilo que os nossos olhos podem ver. Sendo assim, o que você percebeu de mudanças na Paisagem do bairro Santa Clara? ”.

Nesta pergunta, registraram-se percepções por meio de respostas abertas e fechadas, visto que na continuidade, instigamos “se você percebeu, escreva aqui uma lembrança que você tenha de quando chegou ao bairro, e como esse espaço se encontra agora”. O objetivo desta pergunta foi de analisar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a transformação da paisagem no entorno escolar, sendo a percepção uma categoria *a priori* do estudo.

A percepção da paisagem consiste em analisar os diferentes tipos de paisagens e compreender a realidade ambiental que caracteriza cada lugar. A percepção se dá conforme os filtros de cada observador e sua capacidade de interpretação, que ocorre por meio dos cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão), os quais irão detectar estímulos que definirão o processo de estruturação e a possibilidade de reestruturação de conceitos e atitudes. Assim apresentamos os resultados coletados:

Gráfico 14- Percepção da Transformação da Paisagem



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Por meio da observação dos dados apresentados no gráfico acima, 80% dos sujeitos entrevistados, afirmam perceber a transformação da paisagem no bairro Santa Clara (SC). Esta informação reflete a percepção dos moradores sobre o seu entorno, e esses, que modificam essa mesma paisagem da qual, dizem perceber mudanças, levando em consideração a relação com o lugar.

Dois moradores deixaram suas percepções sobre as mudanças na paisagem. Destaca-se aqui os comentários de Orientação 3; e Orientação 4.

Para Orientação 3 [...] *havia mais campos, agora foi construído algumas casas em outros lotes que antes eram de araucárias. E o lixo tem tomado conta dos terrenos que não tem casas [...].*

As observações realizadas por Orientação 3, denotam sobre a vegetação nativa da região da cidade de Lages (SC), em especial ao recorte espacial que se apresenta neste estudo, quando nos referimos ao bairro Santa Clara, visto que, os campos repletos por araucárias, foram sendo substituídos por casas, e outras construções, dando lugar ao espaço urbano, que é influenciado por forças externas, que alteram a paisagem.

No comentário feito por Orientação 4, destaca-se: [...] *quando eu era pequena, tinha um campinho na frente da escola, onde nós brincávamos, hoje é a quadra de esportes, que foi construída tem mais seis anos [...].*

A percepção de Orientação 4, corrobora com a percepção do processo de ocupação e como consequência de mudança da paisagem no entorno escolar do bairro Santa Clara. Pois as necessidades do próprio lugar criam o movimento de ocupação e como consequência de mudança do espaço geográfico, levando em consideração que quando tratamos de paisagem, lembramo-nos que nada é fixo, nada é permanente. Santos (1997) defende que:

“A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.” (1997, p. 37).

Segundo Cosgrove (1984), no campo da geografia humanista, corrente que aproxima a geografia da fenomenologia existencialista, a paisagem é compreendida como um mundo exterior mediatizado pela experiência subjetiva dos homens, constituindo, portanto, também um modo de ver e conceber o mundo.

A transformação paisagem é reflexo do movimento das pessoas no lugar, por meio deste movimento ocupasse diferentes lugares, e altera-se diferentes cenários, sendo estes representados muitas vezes pela falta de consciência no uso e ocupação do solo, ou ainda nas

questões de preservação do meio ambiente em que vivem. A falta da criticidade com vistas ao pensamento socioambiental, reflete também em como as sociedades se organizam em seu entorno, ocupando todo e qualquer lugar, e quando ocupa, transforma, e se transforma é inevitável os impactos, e neste caso, muitas vezes, reflete na degradação do ambiente.

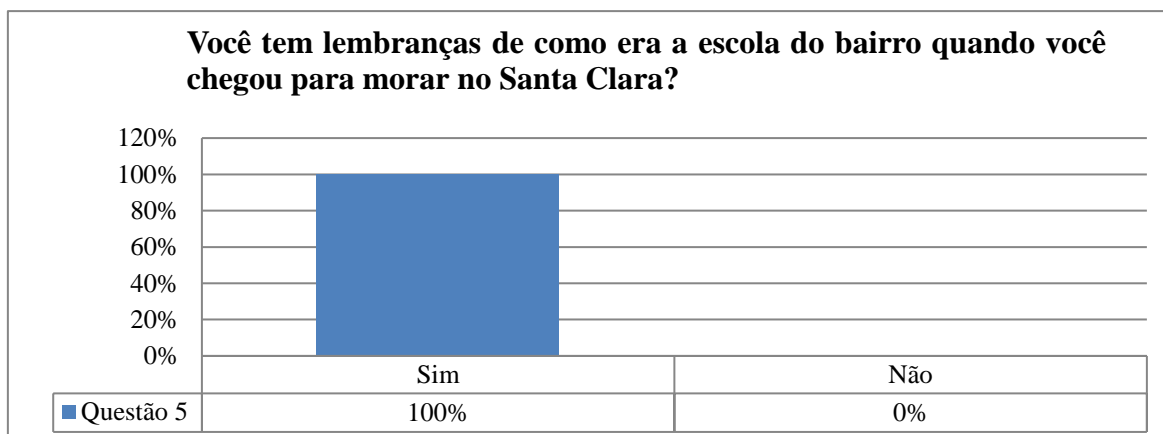
Por isso, a educação ambiental necessita de solidificação e formação para todas as esferas da sociedade, independente do meio social em que está inserido. De acordo com Leff (2001),

A educação ambiental promove a construção de saberes pessoais e coletivos no mundo. A educação ambiental se inscreve, assim, dentro de um processo estratégico que estimula a reconstrução coletiva e a reapropriação subjetiva do saber. Isto implica em que não há saber ambiental pronto e já dado, que se separa e se insere nas mentes dos alunos, mas sim um processo educativo que fomenta a capacidade de construção de conceitos pelos mesmos (p.121).

Por este motivo que a educação ambiental é o meio ao qual pode contribuir para minimizar os danos ao ambiente em que estamos inseridos, e como consequência o cuidado com a paisagem.

A última questão realizada para os moradores teve como objetivo identificar a relação dos sujeitos da pesquisa com a história da escola, bem como a construção da memória desse lugar. E para identificar essas percepções perguntou-se “você tem lembranças de como era a escola do bairro quando você chegou para morar no Santa Clara? ”. A configuração desta pergunta foi em duas partes, possibilitando ao sujeito que deixasse um comentário, instigando-o por meio da seguinte observação “se você respondeu que sim, escreva um pouco contando como era”. Sendo assim os resultados que se apresentaram, foram os seguintes:

Gráfico 15- Conhecimento sobre o espaço escola



Elaborado pelo pesquisador (2018)

Diante dos dados expostos acima, 100% dos moradores, afirmaram ter lembranças de como era a escola do bairro, e três deles, adicionaram comentários contando como este espaço se transformou ao longo do tempo. A paisagem do entorno da escola, o aumento do espaço físico, as questões pedagógicas, as lembranças que revisitam a memória e adoçam o coração, o que torna o sentimento de pertencimento vivo, em cada detalhe que aqui será descrito, por meio das vivências e experiências desses sujeitos alocados no lugar.

Para Orientação 4 [...] *a escola era menor e não tinha a quadra de esportes, existiam algumas salinhas, e na época nós jogávamos futebol no campinho, era muito legal, principalmente quando após o término da aula, jogávamos taco [...]*.

O comentário de Orientação 4, reforça o quanto a escola foi um espaço de alegria na vida dos moradores do bairro Santa Clara, pois a memória permanece viva, quando descrevem os momentos de esporte no campinho, ou quando brincavam após o término da aula.

Ainda assim, percebemos por meio desse comentário, a mudança do espaço físico da escola, tanto no número de salas, como na construção da quadra de esportes, que hoje, ocupa o antigo campinho.

Orientação 2 [...] *era muito pequena a nossa escola, era de madeira, tinha duas salas, eu estudava no período do matutino no 3º e 4º ano, depois passei para estudar a tarde no 1º e 2º ano, ou seja, naquele tempo era série ainda [...]*.

No que percebemos a percepção da ocupação do espaço da escola, e de sua transformação ao longo do tempo, torna-se evidente para Orientação 2, visto que caracteriza as mudanças que ocorreram por meio do espaço temporal. Destaca também que a escola era de madeira, sendo que hoje toda sua estrutura é de alvenaria.

Em Orientação 1, destacamos um comentário muito importante acerca da transformação da paisagem e ocupação do espaço [...] *a nossa escola tinha um número menor de salas, não tinha a creche ao lado, e eu lembro que nosso lanche era na sala, pois não tinha refeitório, também lembro que tinha várias árvores na frente, acho que eram araucárias, foi retirada, para fazer a quadra, tinha duas árvores que a gente usava como traves nos campinhos [...].*

A percepção que aqui foi comentada sobre a transformação da paisagem, chama atenção pela riqueza de detalhes das lembranças de Orientação 1. Santos (2008) explicita em seus estudos o conceito de paisagem, que corrobora com a percepção dos sujeitos, que se expressam por meio dos movimentos que realizaram em suas trajetórias de vida com o lugar que aqui tomamos como ponto de referência para o estudo, ou seja, o bairro/escola.

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. [...] A paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (2008, p.40).

Os lugares não possuem uma única identidade, e por esta razão forças internas e externas contribuem para que sua identidade seja formada. Os sujeitos que vivem nestes espaços contribuem para a caracterização deste espaço múltiplo, vivo e em constante movimento.

Lugares não possuem uma única identidade, eles estão cheios de conflitos internos. A especificidade de um lugar deriva do fato de que cada lugar é o foco de uma mistura distinta de relações sociais externas e locais. Essa mistura num lugar produz efeitos que não ocorreriam de outra forma. Todas essas relações se interagem com a ajuda da história acumulada do lugar, produto de camadas sobre camadas de diferentes conjuntos de elos e vínculos locais e com o mundo exterior (MASSEY, 2000, p. 183-184).

Massey, ao enfatizar o caráter histórico na configuração dos lugares, traz consigo uma dinâmica mais aparente em relação ao lugar. Ao delinear o lugar enquanto “produto de camadas sobre camadas”. Esta relação ficou evidente ao longo das análises realizadas nessa seção, visto que não só os elementos da transformação da paisagem foram destacados, mas as relações com o lugar, o sentimento de pertencimento, a ligação afetiva com o local.

7.3 PONTO SUBCOLATERAL: ENTREVISTAS NARRATIVAS

Nada melhor que ouvir as pessoas, e escutar as suas lembranças, esta seção tem por objetivo dar voz aos sujeitos desta pesquisa, indexando com a pesquisa documental e os questionários. Neste sentido serão apresentados as falas dos professores e moradores, que fazem parte do entorno escolar do bairro Santa Clara. Por meio de suas percepções, as vivências e experiências, aqui serão destacadas, compondo nossa rosa dos ventos.

7.3.1 De onde ecoam as vozes? O perfil dos sujeitos...

Quando se trata da descrição do perfil dos sujeitos, cabe lembrar algumas particularidades, que já foram anunciadas na bússola teórica metodológica do estudo. Dois professores, e dois moradores foram selecionados, conforme as respostas obtidas por meio dos questionários. Os professores que participaram das entrevistas narrativas, trabalham a mais de cinco anos na escola, assim como os moradores selecionados, moram a mais de dez anos no entorno escolar, atendendo desta forma aos critérios de seleção.

Para garantir os princípios éticos desta pesquisa, os moradores e professores selecionados, receberam um codinome, pautado em nomes de projeções cartográficas, lembrando a metáfora que orienta esta pesquisa. Morador 1, será representado pela projeção de “Mercator”; Morador 2, será identificado com o nome da projeção de “Peters”. Professor 1, será identificado como o codinome “Azimutal”; e professor 2, com o codinome “Cônica”.

Destacamos por meio de um quadro, os sujeitos mapeados, para as entrevistas narrativas, conforme apresentamos abaixo.

Quadro 20 - Perfil dos sujeitos/moradores

Sujeitos	Profissão	Idade	Gênero	Tempo que reside no bairro Santa Clara (entorno escolar)
Mercator	Técnica em Enfermagem	Entre 25 e 35 anos	Feminino	Entre 30 e 35 anos
Peters	Auxiliar de Serviços Gerais	Entre 65 e 80 anos	Masculino	Entre 35 e 50 anos

Elaborado pelo pesquisador (2018)

Quadro 21 - Perfil dos sujeitos/professores

Sujeitos	Escolaridade	Idade	Gênero	Tempo de atuação na escola
Azimutal	Especialização	Entre 45 e 60 anos	Feminino	Entre 5 e 10 anos
Cônica	Especialização	Entre 45 e 60 anos	Feminino	Entre 5 e 10 anos

Elaborado pelo pesquisador (2018)

Diante do perfil explicitado acima, ouvimos professores e moradores, no ambiente escolar, pois agendamos previamente com os sujeitos entrevistados, e com diretora da escola Cel. Manoel Thiago de Castro, esse procedimento foi no intuito de aguçarmos a memória, revisitando as lembranças de suas vivências, o que muito contribuí-o com o estudo.

7.3.2 Mapeando as categorias *a posteriori*... Uma viagem acompanhada com Bardin...

O mapeamento das categorias *a posteriori*, foi conduzido a partir da análise de conteúdo baseada no pressuposto de Bardin (2010). Ressalta-se que este estudo, já iniciou com a delimitação de quatro categorias, *a priori*, sendo estas: **Cartografia Ambiental** como centro do fractal, e emergindo desta, **entorno escolar**, **percepção ambiental**, e **transformação da paisagem**.

Para condução do processo de categorização, foi necessário, organizar a análise, e aqui descreve-se como realizamos este processo. Em um primeiro momento foi realizada toda a transcrição das entrevistas narrativas, posteriormente a isso, a leitura atenta das mesmas. Na continuidade da organização da análise, organizamos o referencial teórico, que amparou as transcrições. Feito isso, foi separado em uma tabela, as respostas dos sujeitos, conforme as perguntas realizadas na entrevista, este processo contribuiu para preparar o material para o processo de codificação.

No processo de codificação, foi colorido as palavras que mais se repetiam nas respostas, e posteriormente a isso, recortadas em frases, conforme dados relevantes para a pesquisa, e associando-se as categorias *a priori*.

Neste mesmo procedimento de codificação, uma tabela foi elaborada, separando, conforme o número de vezes que as palavras foram se repetindo, aparecendo nas falas que selecionamos. A última etapa realizada nesta fase, foi a classificação e agregação, para que o processo de categorização fosse então realizado.

No processo de categorização, dois procedimentos foram aplicados, sendo estes *a priori e a posteriori*, o que diferencia ambos, é o tempo em que as categorias emergiram na pesquisa. O processo de inventário isolou os elementos (as palavras que se repetiram nas respostas) e a classificação foi feita, atendendo aos interesses dos objetivos. Destaca-se que no processo de categorização, optou-se em fazer uma análise a partir das categorias *a priori*, *a posteriori* que foram encontradas nesta última fase, o encontro de subcategorias e, por fim agregação das mesmas, conforme quadro abaixo apresenta:

Quadro 19- Processo de Categorização

Categorias <i>a priori</i> do estudo	Categorias <i>a posteriori</i> encontradas	Subcategorias	Agregação final das Categorias
Cartografia Ambiental	Lugar	Espaço	Cartografia Ambiental; Lugar; Espaço.
Entorno Escolar	Escola	Crianças; Professores; Comunidade.	Entorno Escolar; Escola; Crianças; Professores; Comunidade.
Percepção Ambiental	Lembranças	Pertencer; Gente.	Percepção Ambiental; Lembranças; Pertencer; Gente.
Transformação da Paisagem	Bairro	Tempo; mudança,	Transformação da Paisagem; Bairro; Tempo; Mudança.

Elaborado pelo pesquisador (2018)

Neste sentido, após realizarmos o processo de categorização, será apresentado abaixo os resultados, por meio da inferência. Esta etapa é a mais importante do estudo, visto que estes resultados, serão pautados no referencial teórico, nos pressupostos da pesquisa, e nos objetivos que permeiam a dissertação. A forma como será apresentado estes resultados, é a partir de duas seções, sendo estas uma para as vozes dos moradores, e outra para os professores.

7.3.3 Uma prosa acompanhada de um bom chimarrão²⁷: as vozes dos moradores...

Uma boa prosa acompanhada de um bom chimarrão, foi desta forma que as entrevistas foram realizadas com os moradores, o chimarrão, bebida muito tradicional no Sul do Brasil, mas precisamente nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, permeou a conversa, a fim de deixar os sujeitos mais a vontade, e estabelecer uma relação de proximidade, tirando a formalidade que muitas vezes uma entrevista exige. Este rigor, pode deixar de lado,

²⁷ Trata-se de um mate amargo, servido quente dentro de uma cuia chamada porongo, e bebido através de uma bomba. Fonte <https://www.dicio.com.br/chimarrao/>. Acesso em 01/12/2018.

informações preciosas, em decorrência da ansiedade, do nervosismo, aqui, estes sentimentos foram minimizados, por meio de uma prosa descontraída e repleta de sentidos, e revisitamentos a memória. O ambiente em que foi realizado as entrevistas, foi a escola, mas precisamente a biblioteca da mesma, conforme já anunciado anteriormente.

Para iniciar a entrevista, foi utilizado como suporte um roteiro com nove perguntas (APÊNDICE 06). Os sujeitos foram esclarecidos da importância de sua participação na pesquisa, e assinaram o TCLE. Feito isso, iniciamos nossa “prosa”.

A primeira pergunta que realizamos foi a fim de saber o ano em que chegaram para morar no bairro Santa Clara. As respostas que aqui serão apresentadas, corroboram com as categoria *a priori*, transformação da paisagem, bairro que é categoria *a posteriori*, e a subcategoria tempo.

Eu cheguei no bairro Santa Clara, em 1975, na época era um bairro que não tinha quase nada, hoje temos bastante coisa, como por exemplo luz fácil, que na época, era mais a bateria mesmo (MERCATOR, 2018).

Vim morar aqui no ano 1969, com minha velha, aqui fizemos família, construímos nossa casa, e montamos nosso bar, fui um dos primeiros moradores do Santa Clara (PETERS, 2018).

Percebe-se por meio das falas, que ambos possuem vivências e experiências, significativas no bairro, levando em consideração o tempo, que residem como moradores. Na continuidade da entrevista, buscamos aguçar a memória, perguntando sobre quais as percepções que tinham, quanto ao crescimento do bairro Santa Clara? Mercator trouxe as seguintes lembranças:

[...] um pouco só, não acho que o bairro cresceu muito, em vista de outros, nós ficamos sempre na mesma, o que teve é mais gente vindo morar aqui dos municípios vizinhos, por causa da BR, é mais fácil, e os lotes aqui são bem baratos, por isso que eu acho que o bairro tem mais pessoas assim. [...]. Mas quer ver pense comigo, só tem três ruas aqui que tem asfalto, a maioria das ruas não tem luz nos postes, e a escola está bem feia, faz tempo que não passa por uma reforma. Eu acho que os políticos só passam aqui no bairro para pegar voto, depois se somem, quer ver passe ali na rua da escola, e veja, a escola tem mais de quarenta anos e até hoje, não tem asfalto na frente. O que as pessoas fazem, é tirar as árvores, invadem os lotes, e fazem de tudo um pouco, é por isso que dizem que cresceu, mais não cresceu nada [...] (MERCATOR, 2018).

A fala de Mercator, enfatiza vários elementos que aqui merecem destaque, em um primeiro momento percebemos a importância da percepção do espaço em que estamos inseridos, quando descreve sua opinião crítica, sobre o descaso do poder público com o bairro, ainda assim, descreve características da ocupação do espaço, por meio de lotes que são comercializados por valores bem abaixo do mercado, o que vem ao encontro das fontes

documentais, que traziam nos jornais impressos da cidade de Lages, que lotes eram comercializados por cerca de R\$ 1.000,00. Retrata também por meio de sua percepção, que o bairro não cresceu muito, devido a sua infraestrutura precária, que permanece a mesma a muitos anos. Neste sentido, Arruda (2008, p. 35), nos leva a pensar sobre as emoções e percepções, como sendo “uma maneira de refletir sobre a nossa forma de participação no mundo”.

Na intenção de fazermos um contraponto, visto que a percepção se dá de diferentes formas, conforme defende Maturana (2001, p. 19-20), que enfatiza [...] estudo da percepção me permitiram mudar meu modo de ver. No fundo, o que eu quero fazer é convidá-los a mudar o seu modo de ver seu olhar”. Trazemos a fala de Peters, que discorda em partes do ponto de vista apresentado por Mercator.

Sim, no comezinho de tudo, não tinha nada quase, tinha só três casas e a nossa, aí foi crescendo, chegou muita gente do batalhão e veio morar aqui, e as mulheres da vida, ajudaram a fazer o bairro crescer, e se movimentar, tem gente que não gostava delas, eu sou suspeito em falar, pois sempre me trataram bem, eram pessoas divertidas, mulheres iguais às outras, só que vendiam o corpo (PETERS, 2018).

Aqui, percebemos que a percepção de Peters, é de que o bairro mudou, cresceu, enfatiza também um lado que cada vez mais se encontra em extinção, pois sua fala é sem qualquer julgamento, coloca a questão de que as prostitutas que vieram morar no bairro, não eram bem tratadas, porém, foram elas que contribuíram para o crescimento do mesmo. Esta fala converge com os documentos que analisamos que apresentaram, por exemplo, o fato das mesmas, solicitarem a construção de uma escola no bairro. Ainda destacando a fala de Peters:

Me lembro uma vez que faltou bateria, e eu emprestei a minha para elas colocarem na casa (risos), minha vó quase me derrubou o pau. (risos). Nosso bairro cresceu, tem uma mina aqui no bairro, que uma vez morreu alguns homens dentro dela, teve uma época, que diziam que tinha ouro, ela não fica bem aqui no Santa Clara, ela está mais ali perto do Conte. Eu mesmo já entrei lá, para tentar ver se tinha ouro, nós sempre ficávamos pensando se tinha ou não. Outra coisa que eu lembro, é de como era a escola, de madeira, só tinha duas salas, depois foi mudando, e construíram de tijolo. Acho que é isso que me lembro (PETERS, 2018).

Por meio disso, outras questões tornam-se evidentes, como a exemplo o fato da escola ser de madeira, e ter passado por constantes transformações, o fato de que por um tempo o bairro não tinha luz, e a única forma da energia ser estabelecida, era por meio de baterias. Essas informações denotam para precariedade da situação do bairro Santa Clara, desde o início da sua formação. Peters conserva em sua memória, percepções de muitas experiências, até pelo fato, de ter sido, um dos primeiros moradores deste bairro. Fernandes (2001, p. 95) entende que as “percepções do mundo real ou do contexto social são registradas e conservadas na memória na

forma de imagens que são formadas a partir das experiências mantidas com o meio social e natural”.

Por meio destas respostas, emergiram algumas categorias, sendo estas, percepção ambiental, categoria *a priori*, duas categorias *a posteriori*, lembranças e bairro, e como consequência, três subcategorias, sendo estas: tempo, mudança e espaço.

Na continuidade da entrevista, perguntamos se os moradores acham que a escola que existe no bairro é importante para comunidade? Sem dúvida, esta pergunta relaciona-se diretamente com o sentimento de pertencimento ao bairro. Esse que é produto da relação de pertencer com o de experienciar.

Sim, sem a escola nosso bairro não seria do jeito que é hoje, tudo foi crescendo perto da escola, nós não temos mais nada aqui de importante que não seja a nossa escola, aqui tudo é dependente da escola. As festas que tem é a escola que faz, as brincadeiras são perto da escola, tudo é na escola. Tem brechó, tem sopão, tem muita coisa que acontece ali, que a gente fica pensando, e se não tivesse o Manoel né? E as professoras cuidam das crianças também, que nem nós que precisamos da creche, se não tem escola, como vou trabalhar? Então, sempre digo que aqui no Santa Clara, nós somos felizes, por ter uma escola perto, já pensou se não tivesse? Eu mesmo estava perdida. Outra coisa, uma vez deu um vento aqui no bairro, e foi a escola que ajudou a gente a se recuperar, as professoras fizeram uma campanha de calçados, roupas, comida e deram para nós... até material de construção nós recebemos (MERCATOR, 2018).

Esta fala enriquece o contexto social da importância da escola, para o bairro, por meio deste depoimento, percebe-se o quanto a escola contribuiu para a organização do espaço vivido. Desde oferecer a educação infantil para que mães possam trabalhar, aos “sopões” que são realizados a fim de ajudar a comunidade. O respeito pelo espaço escola é nítido, o reconhecimento pelos professores também é evidenciado, e o sentimento de pertencer a este espaço, é refletido na frase [...] nós somos felizes, por ter uma escola perto [...] (MERCATOR, 2018).

Para Petersen (1994), existe máxima aproximação entre espaço e tempo na inserção dos hábitos de vida na cena da rua, do bairro. No próprio conceito de bairro, Pierre Mayol observa estar contida essa noção de identidade, uma vez que “é um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (1996, p.40). Peters, também reconhece a importância da escola para o bairro, por meio de seu depoimento, verificamos sua percepção:

Claro que sim, eu vim morar aqui, e depois já construíram a escola, na época não tinha, a mulherada da vida que fizeram um abaixo assinado, e pediram para um grã-fino da época fazer a escolinha, eu logo entrei para prefeitura e comecei a trabalhar na escola, fui zelador, depois estudei, tinha que aprender a ler pelo menos. Nós fazíamos muita coisa boa, sopão, feira, muita coisa que incentivava as pessoas do bairro. Aí

um dia, eu quis sair da escola, mas não deixaram, acabei ficando, me aposentei na escola. Fui muito feliz todos os anos que vivi lá, morava praticamente na escola. Cuidava de tudo, ajudava na merenda, na limpeza, nas pinturas, eu fazia de tudo, era um pau para toda obra (PETERS, 2018).

O depoimento acima, nos remete o quanto à escola foi importante na vida deste sujeito, pois desde que passou a morar no bairro, tem o espaço escola como referência em sua vida pessoal e profissional, tanto é que sua memória expressa este sentimento de identidade com o todo. Pollak (1992, p. 204), diz que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, “na medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência do grupo em sua reconstrução em si”.

Nesta mesma pergunta que realizamos, surgiu como resposta a percepção da importância da escola para os sujeitos e seus familiares.

[...] a escola é bem importante, porque estudamos ali, muitos de nós, tem professor que até hoje, a gente mantém contanto, eu acho que a escola é muito boa para todos nós [...] (MERCATOR, 2018).

[...] tudo na minha vida. Trabalhei, estudei, criei meus filhos tudo ali, a escola é para mim, minha grande vida, passei uma vida inteira ali dentro [...] (PETERS, 2018).

Percebe-se por meio dessas falas o quanto o espaço escola é visto como referência para comunidade escolar. Emergiram destes depoimentos as categorias *a posteriori* escola e bairro. Como subcategoria, professores e gente.

A fim de investigarmos sobre a percepção da transformação da paisagem, perguntamos quais eram as recordações da paisagem no bairro Santa Clara.

[...] mudou um pouco, poderia ter mudado mais, então o pouco que mudou foi às casas que fizeram, as ruas continuam tudo a mesma coisa, poeira que chega dá nojo, então não mudou grande coisa [...] (MERCATOR, 2018).

A percepção sobre a transformação da paisagem no bairro é vista de forma pouco evidente para Mercator, que diz em sua fala, que o pouco que mudou, é reflexo da construção das casas.

Ao analisar a paisagem, é possível entender o presente, por meio da interpretação das heranças passadas, e propor medidas com vistas para melhorar o futuro, assim, Santos (2006, p.66) afirma que a paisagem exprime as heranças que representam as sucessivas relações entre homem e natureza. Peters traz sua percepção sobre a transformação da paisagem da seguinte forma:

[...] o bairro não tinha nada, foi mudando, hoje tem para lá de 400 casas, quando cheguei aqui só tinha três. Eu acho que o bairro mudou muito, veja bem, o tamanho que está à escola, tem até quadra, falta posto de saúde agora, porque temos que ir ao

bairro Santa Catarina, e falta arrumar essas ruas que tem muito pó. Hoje nós temos uma associação de moradores grande, eles ajudam o povo, tem um mercado grande, e umas quantas mercearias, lá para cima, está grande também, muita coisa mudou [...] (PETERS, 2018).

Para Peters, o bairro mudou muito, a construção de casas é considerável, esta afirmação, relaciona-se com os dados do IBGE e da associação de moradores do bairro, pois apresentamos esse panorama de processo de urbanização na pesquisa documental.

Outra informação é quanto à pavimentação das ruas, e a falta de um posto de saúde, que entra em consonância com os dados apresentados nos questionários, onde a maioria dos entrevistados apontou insatisfação quanto à infraestrutura e do bairro.

Ao analisar a paisagem, é possível entender o presente, através da interpretação das heranças passadas, e propor medidas com vistas para melhorar o futuro, assim, Santos (2006, p.66) afirma que a paisagem exprime as heranças que representam as sucessivas relações entre homem e natureza. As categorias que ficam evidentes, por meio destas falas, são: *a priori* Transformação da Paisagem. *A posteriori* bairro, e como subcategoria, tempo e mudança.

Questionamos durante a entrevista narrativa, sobre a localização da construção das moradias, se foram realizadas em área de vegetação nativa. Obtivemos como respostas, as seguintes falas: Mercator [...] não sei direito como era, acho que era de vegetação nativa, mas não tenho certeza [...]. A imprecisão de como foi construída sua moradia, denota para a uma consciência socioambiental, que ainda precisa ser desenvolvida, visto que muitos espaços no bairro foram sendo ocupados de forma irregular, ao longo do tempo histórico.

Era tudo mato, tinha força de araucária, nós tiramos muitas para fazer as casas, eu fui um dos primeiros moradores daqui, por isso me lembro. Era um bairro deserto, não tinha quase ninguém. E aos poucos foi sendo ocupado (PETERS, 2018).

Por meio da fala acima, confirmamos o que se apresentou na pesquisa documental, sobre o uso e ocupação do solo, de forma desordenada, a retirada de araucárias, a construção de casas de forma irregular foi um agravante para o reflexo da falta de planejamento da ocupação do bairro, bem como a ignorância da aplicação das diretrizes do Plano Diretor da Cidade de Lages, o que contribuiu significativamente para transformação da paisagem no entorno escolar. Segundo Santos (2006, p.66) “a paisagem existe através das formas criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo com o atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade.” A categoria que ficou evidente por meio destas falas, foi *a priori*, transformação da paisagem e *a posteriori*, lembranças.

Quando questionamos se recordam de ter participado de Projetos sobre Educação Ambiental, as respostas foram superficiais, conforme apresentamos:

Eu me lembro de uma gincana de lixo que nós fizemos na escola, depois disso teve um negócio que a gente tinha que plantar mudas de árvore perto da escola, fora disso, não tenho lembrança (MERCATOR, 2018).

Eu não lembro isso, mas acho que se eu tiver certo do que é, nos limpamos os lixos da volta da escola, só isso que eu lembro (PETERS, 2018).

Percebe-se por meio destas respostas, que os projetos de educação ambiental, não eram e não são uma prática da escola, poucas ações foram realizadas segundo os moradores no ambiente escolar, ainda assim, podemos afirmar que esta falta de consciência ambiental, contribuiu para diferentes questões no uso e ocupação do solo de forma irregular. A relação crítica que se deve fazer na escola, é de extrema relevância, visto que a mudança de comportamento perpassa também pela disseminação de conceitos.

[...] se não houver um trabalho em conjunto com a comunidade do entorno e uma reflexão sobre essas pressões sociais que promovem a degradação, provocando uma reflexão crítica, um sentimento de pertencimento que propicie uma prática social criativa pelo exercício de uma cidadania que assuma a dimensão política do processo educativo, duvido até que essa educação ambiental seja eficaz para preservar a área ou a espécie [...] (GUIMARÃES, 2012, p. 12).

Os caminhos percorridos pelos moradores do bairro, e seus marcos de orientação no espaço, estão permeados de significados. O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos faz um sentido de identidade.

E caminhando por esta linha de pensamento, questionamos os moradores, sobre suas lembranças de como era o bairro, quando chegaram para morar no Santa Clara, as respostas apresentadas foram:

Eu já disse um pouco do que lembro, mais lembro que era de madeira, depois foi mudando, era bem pequena, foi aumentando a população, tiveram que fazer outras salas para ter espaço para as crianças. (MERCATOR, 2018).

Trabalhei minha vida inteira na escola, sempre foi minha vida, eu morava mais no Manoel do que em casa, tomava café, almoçava, jantava, fazia tudo. No começo era de madeira da araucária que nós ajudamos a tirar e aproveitar para fazer os palanques que iriam na forração. Depois disso, conseguimos fazer de tijolo. Acho que hoje tem mais de vinte salas (PETERS, 2018).

As falas que aqui foram destacadas refletem a identidade dos sujeitos com o bairro, bem como suas percepções quanto as transformações da escola, ao longo do tempo em seus aspectos físicos. Quando destacamos por meio da pesquisa documental, os registros fotográficos das fachadas da escola dos últimos cinquenta anos, indexou-se com as falas dos

moradores, percebendo-se assim, que o tempo foi transformador, que sua força alterou o espaço, e com ele a transformação da paisagem ficou evidenciada.

Outra evidencia que fica, é quanto ao espaço da escola, ter sido ampliado conforme as necessidades da comunidade, visto que a mesma foi ganhando um fluxo maior de moradores, e com isso, precisou atender a um número maior de moradores, aumentando o número de salas, construindo-se uma quadra de esportes, e assim, sucessivamente. Conforme apresenta Bertrand (2007, p.251):

Todos sabem que a paisagem não é apenas a natureza. Ela é uma criação humana, a marca de uma sociedade sobre um território. Tivemos frequentemente a tendência de esquecer que a paisagem, antes de ser um objeto de cenário e de contemplação para populações essencialmente cidadinhas por sua residência e sua cultura, é historicamente uma ferramenta, campo, cidade ou fábrica, destinada a produzir bens de consumo: colheitas animais e vegetais, habitat, meio de transporte etc. Ela não é um jardim submetido ao capricho de um jardineiro imanente. Nem natural, nem artificial, mas hídrica, a paisagem não é estática.

A paisagem que aqui foi uma categoria trabalhada, não caminha só. Diante das últimas respostas, destacamos outras categorias, sendo estas: *a priori* transformação da paisagem, *a posteriori* lembranças, e como subcategoria, espaço. Estas que se relacionam, e dinamizam um movimento em virtude de um espaço habitado, permeado por histórias e memórias.

O espaço urbano é um lugar nosso, e um lugar nosso deve ter fechamento e proximidade de elementos, deve ser mais denso que seu entorno, e permitir a dialógica da partida e do retorno. O espaço, que aqui tratamos como bairro, foi sendo notado por meio de uma “prosa” acompanhada de diferentes revisitamentos. A emoção tomou conta, o sentimento de pertencimento foi revivido, e não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial, não há como não encantar por onde habitamos, não há como não contar aquilo que não vivemos, por isso, talvez, tanta emoção, tenha permeado estas entrevistas narrativas, e com ela a memória deste lugar, tenha sido preservada, nas linhas cartográficas, que permeiam o estudo. Lugar é vida! E viver é habitar!

7.3.4 Um café e dois dedos de prosa... As vozes dos professores...

Para conduzir as entrevistas narrativas realizada com os professores, tomamos como procedimento inicial, a apresentação do TCLE, as mesmas foram feitas na sala dos professores, pois no dia de sua realização a biblioteca da unidade de ensino, encontrava-se em uso pelos estudantes. Um roteiro foi utilizado para condução dos trabalhos, conforme (APÊNDICE 07).

Destaca-se que a fim de preservar o anonimado dos professores, professor 1, será descrito como “Azimutal, e professor 2, com o codinome “Cônica”.

Para estabelecer uma relação de proximidade e tranquilidade, diante das entrevistas, um café foi oferecido pelo pesquisador, acompanhado de pães de queijo. Sendo assim, iniciamos nossa “prosa” perguntando o tempo de atuação na escola, e quais as funções ocupadas pelos sujeitos. Azimutal diz que: “cheguei ao bairro no ano de 1998, e sempre fui professora. Nunca ocupei outro cargo.” Cônica diz: “sempre atuei como professora. Os alunos me acolheram muito bem.” As respostas quanto a esta pergunta, foram diretas, sem maiores informações.

Na continuidade da entrevista, indagamos sobre como era à escola em seus aspectos físicos e pedagógicos, quando iniciaram sua atuação profissional na escola, as repostas foram as seguintes:

Mudou um pouco, não muito, a grande mudança neste tempo foi à construção da quadra de esportes, aguardada por muito tempo por todos nós, fora isso nada demais. O pedagógico, sempre foi forte, porém temos muitos alunos com problemas de aprendizagem, e agora para ajudar tiraram o letramento digital, e a assistência pedagógica, que antes, nos ajudava a fazer as correções de déficit de aprendizado. (AZIMUTAL, 2018).

[...] Cheguei à escola no ano de 2013, pouca coisa mudou [...] (CÔNICA 2018).

As respostas demonstram a percepção quanto à questão dos aspectos pedagógicos e físicos da escola. Azimutal, enfatiza que pouco mudou, que a grande mudança que experienciou na escola, foi quanto à construção da quadra de esportes, que já enfatizamos na Pesquisa documental. Enfatiza também, sua insatisfação quanto à retirada de alguns recursos pedagógicos, como a assistência pedagógica. Cônica, foi superficial em sua resposta, e parte da resposta dela, optamos por não descrever, a fim de preservar a identidade de algumas pessoas, que foram citadas. A categoria que ficou evidente foi *a posteriori*, sendo esta lembrança, e como subcategoria mudanças.

Na continuidade das entrevistas narrativas, questionamos sobre qual a percepção quanto à participação da escola na formação do bairro Santa Clara. Diante deste questionamento as repostas foram as seguintes:

Penso que sim, acho que a comunidade deveria participar mais das atividades da escola, isso facilitaria muito, pois comunidade e escola juntas é outra coisa, enfim ajuda sim, mas a comunidade poderia ajudar mais. (AZIMUTAL, 2018).

[...] relativamente, acho essa comunidade muito injusta, precisava reconhecer mais, o que se faz por ela, enfim, mas penso que o bairro só tem a nossa escola como referência, pois o que tem mais aqui? Nada! Só tem bar [...] (CÔNICA, 2018).

As respostas que foram expressas aqui chamam atenção por diferentes motivos, entre elas a fala de Azimutal, que diz que comunidade e escola, devem estar juntas, dê fato, quando esta união existe, os resultados no processo de ensino-aprendizagem, são outros. Ainda assim, chama atenção a fala de Cônica, que diz que na comunidade do bairro Santa Clara, a única referência é a escola, visto que no entorno, só existem bares, o que preocupa quando nos reportamos às questões de vulnerabilidade social, bem como o uso de bebidas. As categorias expressas por meio destas falas emergem no movimento de subcategoria, sendo esta comunidade.

Perguntamos durante a entrevista, se a escola implantou projetos sociais na comunidade, as respostas se concentraram expressando de forma positiva.

Eu não me lembro disso, mas indiretamente vivemos ajudando com a doação de roupas, calçados, até mesmo comida (AZIMUTAL, 2018).

Lógico que sim, o tanto de promoções que é realizado para ajudar esse povo, tem de tudo, tem criança aqui, que chega em casa só para dormir, muita coisa que nós fizemos aqui é para ajudar todos (CÔNICA, 2018).

Por meio destas respostas percebemos a influência da escola no lugar, este aqui representado pela categoria espacial bairro. As percepções sobre a participação social da escola na comunidade convergem por meio das falas, na qual ambas expressam a participação da escola em oferecer subsídios para os moradores do entorno escolar. Para se compreender melhor o conceito de lugar, revivemos o mesmo aqui, por meio das palavras de Callai (2004, p. 22) que conceitua lugar como:

[...] espaço construído como resultado da vida das pessoas dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num determinado tempo singularizado. (...) é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro.

Compreendendo esta relação, Santos (1988, p. 35) enfatiza que “lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades. É parte do mundo e se desempenha um

papel na história”. As categorias que ficam expressas por meio destas respostas, perpassam por lembranças como categoria *a posteriori*, e como subcategoria crianças.

Na continuidade da nossa “prosa”, perguntamos qual o sentimento que os professores têm com esse lugar? Quais as impressões que o bairro Santa Clara deixou na sua trajetória profissional e pessoal? Diante disso, as seguintes falas, ficaram registradas:

Vivi aqui momentos bons e ruins, mas a maioria deles, foram importantes, cresci muito nesta escola, o sentimento que tenho por este espaço é de gratidão, muita gratidão, pois sou feliz em pertencer a um grupo tão responsável, ético e feliz. As crianças que aqui estudam, são as que mais precisam, não trocaria esta escola por nada, pois minha missão é estar onde precisam verdadeiramente do meu profissional, escola que não tem problema, para que eu vou estar lá? O que eu vou contribuir? Então, eu prefiro ficar aqui, onde me sinto útil (AZIMUTAL, 2018).

Eu sou bem sincera, tenho um sentimento de felicidade em ajudar as crianças, em fazer meu trabalho com afinco, porém, eu não suporto a equipe pedagógica, gente despreparada, que está na função, só para não ter que voltar para sala de aula, pode isso? Eu desejo sinceramente que as coisas mudem no que concerne ao administrativo, porque as crianças merecem coisas melhores, merece novos projetos, merecem espaços mais adequados, e para isso acontecer, os museus tem que sair daqui. Gente que venceu o prazo de validade. Mas o meu sentimento é de dever cumprido, que eu tenho me esforçado muito, esta comunidade é muito acolhedora, tem gente aqui de todos os tipos, mas a maioria é gente muito boa (CÔNICA, 2018).

A fala sobre a percepção dos professores quanto à questão do sentimento que é preservado com relação ao espaço escolar, impressiona, principalmente quando fizemos uma análise mais aguçada das entrelinhas que expressam estes sentimentos. Azimutal, expressa palavras carregadas de afeto e esperança em uma educação emancipadora, nos faz refletir sobre a nossa prática docente, sobre o verdadeiro papel de ser professor. Cônica, dentro de suas amarguras, não é menos importante, pois se preocupa com o fazer pedagógico, preocupa-se com melhorias para a escola em que atua como profissional. O sentimento de pertencimento com o lugar onde atuamos profissionalmente é visto como a materialização de emoções, em que o objeto e o sujeito fazem parte do mesmo processo. Sendo constantemente alterado em sua forma e conteúdo.

As categorias que aqui mapeamos, ficaram evidenciadas por meio de suas subcategorias, sendo espaço e crianças, que estão associadas a lugar, e escola categorias *a posteriori*.

A fim de investigarmos qual percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a diferença entre educação ambiental formal e educação ambiental não formal, as respostas que ficaram em evidência foram:

Sim, educação ambiental formal é que acontece na escola, a não formal, é aquela que acontece em qualquer lugar (AZIMUTAL 2018).

Sei sim, a formal, é que a nós ensinamos na escola, ou aprendemos nos bancos escolares, a informal, se aprende ali na rua, por exemplo, enfim qualquer lugar pode ser ensinado e aprendido (CÔNICA, 2018).

A Educação Ambiental Formal ocorre dentro do espaço escolar. Para Lima (2007) o educador deve construir o conhecimento a ser iniciado, buscando preparar para a vida os educadores cidadãos, que devem para transmitir tal conhecimento, bem como se apropriando dele e, aprender o suficiente para fazer o repasse.

“O educador deve ser o portador, da consciência mais avançada do seu meio [...] necessita possuir antes de tudo, a noção crítica de seu papel, isto é, refletir sobre o significado de sua missão profissional, sobre as circunstâncias que a determinam e a influenciam [...]” (PINTO, 1987, p. 24 – 25).

Percebemos por meio das falas de Azimutal e Cônica, que ambas compreendem os conceitos de Educação Ambiental formal e não formal, compreendendo a sua diferença, o processo de ensino, torna-se diferente.

A educação ambiental deve permanecer em todas as instâncias do processo educativo. Mas reconhecendo as dificuldades de se estender num primeiro momento, por espaço tão amplo, limita-se a considerar apenas o que é possível fazer na educação formal, levando em conta as suas especificidades. O desafio que nos apresenta, então, é oferecer uma proposta que sensibilize todos os educadores e abra caminho para uma capacitação que lhe permita a vivência da educação ambiental no cotidiano do seu fazer pedagógico (PROPOSTA CURRICULAR – Temas Multidisciplinares, 1998, p. 47 – 48).

Seguindo os pressupostos, que são apresentados na Proposta Curricular de Santa Catarina, enfatizamos a importância de se compreender a temática ambiental como um tema transversal nos bancos escolares, diante disso, investigamos por meio da entrevista, se a escola contempla o tema transversal meio ambiente de forma satisfatória. As respostas que obtivemos durante a entrevista, foram as seguintes: [...] em partes, não muito como já disse para você, só tem o JEPP [...] (AZIMUTAL, 2018).

Azimutal destaca que na escola, existe somente o projeto JEPP, jovens empreendedores primeiros passos, este que trabalha, principalmente no terceiro ano do ensino fundamental, a questão da sustentabilidade. Na continuidade das falas, destaca-se a divergência de ideias, por meio da seguinte fala [...] nada, nem sabem o que é isso, e não tem nada no PPP da escola, enfim não existe [...] (CÔNICA, 2018). A afirmativa de que não existe nada que trate sobre meio ambiente, inclusive no documento que deve reger todo os projetos de cunho pedagógica, nos leva a refletir, sobre o papel da escola com estas questões, visto que o pensamento socioambiental deve ser uma das premissas da escola.

A interação do ser humano com o meio em que vive o fará responsável pelas transformações que beneficiam as atuais e futuras gerações. A escola tem esse importante papel com a sociedade, pois é nela que podemos despertar as futuras gerações para o seu real compromisso social com o meio ambiente.

É importante ter a clareza da responsabilidade para com o mundo em que se vive. Todos, com o mesmo afincamento, devem gerar discussão sobre o tema “Meio ambiente”, abordar as questões de melhoria do ser humano com relação ao meio onde vive, e agir na busca de um ambiente equilibrado, fazendo a história dos tempos atuais, na produção constante do conhecimento (LIMA, 2007, p.45).

Diante de tantas reflexões que já tecemos nosso último questionamento na entrevista, foi a respeito da percepção dos professores, se na escola ou em sua sala de aula, há o desenvolvimento de atividades/projetos que possam ser considerados como de Educação Ambiental? E se sim, quais são eles? As falas que tomamos como destaque foram as seguintes:

Tem o JEPP, que tem muita coisa de sustentabilidade, fora isso, é projetos que trabalham educação ambiental, mas se usa maquete, isopor, folha de e.v.a, as pessoas nem sabem o que é educação ambiental mesmo, tem gente achando que está arrasando, mas vivem produzindo coisas, que de nada tem a ver com preservação do meio ambiente (AZIMUTAL, 2018).

[...] Acha mesmo que eles vão se preocupar com isso aqui? Nem pensar né, não tem nada, nunca teve nada de educação ambiental, isso que é uma escola que precisa destas informações, para não fazerem o que fizeram com a quadra de esportes, que construíram em área que não pode, tem aquífero guarani ali, e não pode ser feito, as pessoas não tem consciência disso. O que sabem fazer aqui é acumular lixo, fazendo trabalhos com isopor e utilizando e.v.a, principalmente essas meninas da pedagogia [...] (CÔNICA, 2018).

Por meio destas falas, iniciamos nossas considerações a respeito da fala de Azimutal, que faz uma crítica sobre o uso de isopor, e e.v.a em projetos de Educação Ambiental, mensurando os danos ao meio ambiente, com o uso destes materiais. Ainda assim Cônica, enfatiza a mesma preocupação, quando destaca o uso destes materiais, e complementa suas considerações, destacando a construção da quadra de esportes, em área de afloramento.

Conhecer o lugar onde se vive, perceber as mudanças ocorridas em nosso entorno, e identificar os acontecimentos do cotidiano em relação ao meio, contribuí para que a sociedade saiba se organizar de uma melhor forma no espaço geográfico, podendo assim, fazer diferença na comunidade local, adotando uma postura consciente, diante das questões ambientais.

Ao perceber a transformação da paisagem se tem, primeiramente, que compreender o conceito de lugar, pois existe uma relação entre ambos, que é resultado do processo de construção do espaço geográfico, onde se pode considerar que somos agentes transformadores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Se não conheço os mapas, escolho o imprevisto.
Qualquer sinal é um bom presságio.”
Lya Luft*

Perceber o ambiente que a escola está inserida é estar conectado com as mudanças que ocorrem o tempo todo em sua formação, é neste espaço instituído lugar, que se manifestam as relações locais e que por consequência estão imbricadas com o sentimento de pertencimento, e também é neste espaço que percebemos que paisagem e lugar, são categorias geográficas que caminham juntas, constituindo o espaço geográfico.

Este estudo teve como objetivo geral em sua cartografia, analisar a percepção ambiental de professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre a transformação da paisagem no entorno escolar. Diante disso, revisitamos memórias, por meio da oralidade, de registros fotográficos, da história contada, da história que foi vivida. Na intenção de mapearmos respostas, que inquietavam o pesquisador, desde o início da trajetória do estudo.

Ao iniciar a viagem, delimitado foi o ponto de partida, sendo este, que professores e moradores, percebiam a transformação da paisagem no bairro Santa Clara, eis então a direção em nossa bússola.

A fim de analisar estas transformações, por meio das percepções de sujeitos que compõem o lugar, traçamos algumas linhas, para que a feitura do mapa fosse constituída. A educação ambiental formal, vista como um meio de fortalecer o pensamento socioambiental nos espaços escolares, e como consequência nas atitudes para usar e ocupar o solo, no entorno escolar, foi discutida, bem como sua aplicabilidade no cotidiano escolar de forma efetiva, por meio de ações que visem à reflexão para a construção dos saberes ambientais.

Verificou-se, portanto, que não constam práticas efetivas de educação ambiental formal na unidade de ensino, haja vista que a percepção de professores e moradores, trouxeram alguns elementos importantes quanto a esta afirmação. As atividades de EA, que existem na escola, são projetos secundários, que pouco são trabalhados. Existe uma consciência sobre os conceitos da educação ambiental formal, por parte dos professores, que diferenciam e entendem da sua importância. Porém, em suas contribuições, destacam a pouca efetividade do trabalho na escola, inclusive destacando a falta da regulamentação destas práticas no Projeto Político Pedagógico da Escola.

Ressalta-se ainda, que se entende em partes o comportamento dos moradores na ocupação e uso do espaço geográfico no entorno escolar, ocupação essa, que é realizada de

forma desordenada, as construções são inadequadas, e as áreas de preservação ambiental desrespeitadas, o que contribui significativamente para transformação da paisagem.

Reforça-se diante deste contexto a necessidade de uma maior conscientização sobre a ocupação e uso do solo no entorno escolar, inibindo muitas vezes, práticas inadequadas de ocupação, que fomentam para um processo acelerado da transformação da paisagem, sendo assim, a conscientização por meio de projetos de Educação Ambiental, torna-se ainda mais relevante, na tentativa de minimizar os danos ambientais, que muitas vezes acontece, por falta de informações, bem como contribuem para valorização do bairro no sentido de contemplar a coletividade e o bem comum ambiental.

Nos documentos e Diretrizes que regem a educação em âmbito nacional podemos contemplar as abordagens ambientais com a incumbência de criar e promover condições de avanços e melhor desempenho das escolas mediante a ação de todos os sujeitos. Essas ações quando colocadas em prática promovem o desenvolvimento em todos os espaços escolares, dessa forma, a Educação Ambiental formal pode ser vista como um processo educativo interligado às políticas de valores e respeito com o outro e com o meio social, ainda, participa deste processo proporcionando a construção de conhecimento a partir da racionalidade ambiental como parte da práxis docente.

Embora a prática docente ainda precise ganhar mais ênfase na ação reflexiva, a unidade de ensino, caminha na perspectiva de emancipação dos sujeitos históricos que ali estão inseridos. Porém o processo de compreensão acerca das teorias que embasam suas ações ainda é superficial, mas em nada diminui o trabalho que vem fomentando para formação emancipatória de seus estudantes.

Sendo assim, estando os saberes enraizados à história todos que fazem parte deste lugar, são considerados sujeitos ativos de sua própria prática, bem como da organização a partir de suas vivências, afetividades e valores. Somos sujeitos do processo de construção de conhecimentos e de maneira dialógica, poderemos ser instrumentos de transformação global e se perceber como seres humanos construtores de saberes.

Na conjuntura do pensar reflexivo, o levantamento documental contribuiu para que a análise da transformação da paisagem fosse observada, lida e entendida. O espaço que é organizado pelo homem, e pelas demais estruturas sociais, é submetido à totalidade, conforme defende Santos (2006).

Para Milton Santos, o espaço precisa ser considerado como totalidade: conjunto de relações realizadas por meio de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado como do presente. E é neste movimento dialógico que emergem questões que

denotam para a transformação da paisagem, pois podemos compreender que ela é fator determinante para contar a história da identidade do lugar, constituído por meio da categoria temporal, espacial e a influência social. A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados, conforme defende Santos (2002).

O mesmo acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade, desta forma, ficou evidente as transformações ocorridas no espaço geográfico do bairro Santa Clara, por meio das percepções dos professores e moradores, que percorreram em diferentes momentos do estudo, sobre particularidades das transformações que foram ocorrendo nos últimos cinquenta anos no entorno do bairro.

Esta dinâmica de organização espacial, pode ser percebida na forma como o bairro foi crescendo, tendo a escola como sua principal referência, seja no fomento dos aspectos sociais, ou na condição de alicerce para as famílias que ali foram se estabelecendo.

O espaço e o homem são sínteses dialógicas, compreendidas aqui, por meio das narrativas das vivências e experiências de todos que participaram da história deste lugar. O espaço consta como matéria trabalhada, faz parte do cotidiano, que se constituem por casas, lugar de trabalho, pontos de encontro, caminhos que unem pontos de partida e de chegada. Este espaço que é carregado de emoções, refletidas aqui, pelo revisitar da memória dos sujeitos alocados no lugar, que aqui, compreendemos como bairro.

Santos (2002) defende que o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. Os resultados apresentados na pesquisa refletem a forma como o espaço do bairro, foi se organizando, em detrimento da ocupação, que se fez necessária na formação da sociedade.

Diante do exposto nos resultados da pesquisa, analisou-se por meio da percepção dos professores e moradores, que ocorreu a transformação da paisagem, e que esta é reflexo de um espaço temporal de cinco décadas, onde as ocupações foram ocorrendo de forma desordenada, sem levar em consideração qualquer diretriz que oriente para o uso do solo. Estes impasses contribuíram para uma transformação significativa da paisagem, este produto da relação do homem com a natureza.

Baseado nesse contexto, compreendeu-se que o fator da transformação da paisagem é determinante para a construção histórica, ambiental e social do bairro, que hoje é considerado um dos mais vulneráveis da Cidade de Lages- SC, devido à infraestrutura inadequada.

Ao observar as mudanças do espaço onde a escola está localizada, fica evidente a alteração da paisagem, pois a escola que tinha apenas duas salas de aula há 49 anos, hoje conta com mais de vinte salas de aula, e uma grande quadra de esporte, que antes era uma área ocupada por araucárias, evidenciando as transformações da paisagem natural através do processo de urbanização. É de suma importância trabalhar esses conceitos dentro da escola para que os estudantes reconheçam por meio desta categoria geográfica, as implicações do processo histórico, ambiental e social que se tem com os fluxos de urbanização.

No que tange ao espaço escola, ser uma referência para comunidade do bairro, percebeu-se por meio das narrativas da história vivida, que a escola é percebida como um espaço de respeito, solidário, e um ponto social, que auxilia os sujeitos do seu entorno em diferentes contextos de suas vidas.

Em virtude das explanações realizadas ao recordar os passos que conduziram e produziram resultados na pesquisa, reforça-se a importância deste trabalho na trajetória pessoal e profissional do pesquisador, visto que em momento algum, precisou-se deixar de lado a ciência geográfica, os traços que constituíram esta dissertação, permearam os fundamentos de uma ciência, que a luz do pensamento de Milton Santos, desenharam a feitura do mapa, e corroboraram para que a bússola, não perdesse sua direção. O pensamento dialógico, que se fixou com a Ecologia Ambiental, refletiu por meio da complexidade, amparada em Morin, um movimento de entender o espaço que é múltiplo em sua totalidade, permeado por emoções, sentimentos, e histórias, pois contar a história de um lugar, e refletir sobre, é tarefa social de um geógrafo que se entrega ao estudo do espaço em suas múltiplas faces.

REFERÊNCIAS

ADDISON, E. E. **A percepção ambiental da população do Município de Florianópolis em relação à cidade.** Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Engenharia de Produção, Florianópolis, SC, 2003.

ALMEIDA, R. B. G.; SILVA, Daniel José. Análise de áreas mais propícias à recarga do Sistema Aquífero Guarani na região hidrográfica do planalto de Lages (SC): Subsídios para a gestão das águas subterrâneas. *In: XIX Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos.* Maceió: ABRH, 2011. p.1-20

ANDRADE, D. F. **Implementação da Educação Ambiental em escolas: uma reflexão.** In:Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 4, 2000.

ANDRADE, M. C. de. Geografia: **ciência da sociedade.** Recife: Ed. da UFPE, 2008.

ARAUJO, D. B. Por uma educação no lugar: **uma leitura da percepção juvenil sobre seus espaços de vida, de Amoreira a Londrina.** 2016. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ARCHELA, R. S. et al. **Abordagem Metodológica para Cartografia Ambiental.** Geografia, Londrina, v. 11, n. 1, p. 54-62, 2002.

_____, R. S.; ROSELÉM, N. P. **Legenda geral do mapa ambiental de Londrina: ensaio metodológico de cartografia.** Confins, n. 6, p. 1 – 10, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

_____, L. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____, L. **Análise de conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BARTOLY, F. S. **Debates e perspectivas do lugar na geografia.** GEOgraphia (UFF), v. 26, p. 66-91, 2011. Disponível em:
<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/454/325> Acesso em: 27 de jun. 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEDANI, M. Valores, práticas e criatividade organizacional: **estudo do perfil cultural de uma instituição bancária.** 2008. 318 f. Tese (Doutorado) – Universidade Nacional de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2008. Acesso em: 23 fev. 2015.

BERTRAND, P. G. **Uma geografia transversal.** Paraná: Massoni, 2007;

BEZZI, M. L.; MARAFON, G. J. **Historiografia da ciência geográfica**. Santa Maria: UFSM, 2007. 97 p.

BIAGINI, L. As ouvidorias públicas nas instituições de ensino superior: **a experiência da Universidade Federal de Pernambuco**, 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

BOLÓS, M. I. C. Problemática actual de los estudios de paisaje integrado. **Revista de Geografía**. Barcelona, v. 15, n. 1-2. 1981. pp. 45-68.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. Set.2004. Disponível: lusoafrobrasileiro@ces.ec.pt Acesso em 02 de jun. 2013.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei Nº 9.795 de 27 de Abril de 1999**. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795. Acesso em 13 de fev. 2018.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Parecer CNE/CP 009/2001. Brasília, DF, maio de 2001.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 21/2001** Brasil, 2001.

_____. **LEI n.º 9.795/ 99**. Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). 27 abr. 1999.

_____. **LEI n.º 9.795/ 99**. Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). 27 abr. 1999.

_____. **LEI n.º 6.938/81**. Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA). 31 ago. 1981.

_____. **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 15 DE JUNHO DE 2012**, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. DOU nº 116, Seção 1, págs. 70-71 de 18/06/2012.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Caracterização da Área de Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. PCNs – **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 158 p.

BREA L. M. **Factores determinantes del sentido de pertenencia de los estudiantes de arquitectura de la pontificia universidad católica madre y maestra campus Santo Tomas de Aquino**. 2014. 196 f. Tese (Doutorado) Universidad de Murcia. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10201/42306> Acesso em 13 de mar 2013.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. 10ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2006a.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996, 150 p.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CARVALHO, I. C. M. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre Educação Ambiental e Extensão Rural. In: **Revista da EMATER/RS**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, abr./jun., 2001. p. 43-51.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2004.

CHRISTOFOLETTI, A. A aplicação da abordagem em sistema na Geografia Física. **Revista Brasileira de Geografia**. IBGE, v, 52, n 2, p. 21-35, 1990.

CORTEZ, A. T. “**A coleta seletiva e reciclagem de resíduos sólidos urbanos**”. In: CAMPOS, Jayme de Oliveira, BRAGA, Roberto e CARVALHO, Pompeu Figueiredo de. Manejo de resíduos: pressuposto para a gestão ambiental. Rio Claro: laboratório de planejamento municipal – Deplan – IGCE UNESP, 2002.

DELORY, M. C. A pesquisa biográfica: **projeto epistemológico e perspectivas metodológicas**. In: ABRAHÃO, M. H. M. B; PASSEGGI, M. (Org.). Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica: Tomo I. Natal: EDUFRN: Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador, EDUNEB, 2012. p. 71-93.

DEMO, P. ABC. **Iniciação à competência reconstrutiva do professor básico**. São Paulo: Papirus, 1995.

_____, P. ABC. **Iniciação à competência reconstrutiva do professor básico**. São Paulo: Papirus, 2005.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: Princípios e práticas** – 6ª ed. rev. e ampl. pelo autor – São Paulo: Gaia, 2000.

DORNELLES, C. T. A. **Percepção Ambiental: uma análise da bacia hidrográfica do rio Monjolinho**. São Carlos, SP. 2006, 177 p. Dissertação (Mestrado) escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo, São Carlos, SP, 2006.

EFFTING, T. R. **Educação Ambiental nas escolas públicas: Realidade e desafios**. Monografia. Paraná, 2007.

FERNANDES, R. S. **Entre nós, o sol: relação entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não formal**. – Campinas, SP: Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 2001.

FERRARI, C. **Curso de planejamento municipal integrado: urbanismo**. São Paulo: Pioneira, 1977.

FERREIRA, M. C. **Mapeamento das unidades de paisagem com Sistema de Informação Geográfica: alguns pressupostos fundamentais**. Geografia, Rio Claro, v. 22, n. 1, p. 23-36, 1997

FREIRE, J. C, VIEIRA, Emanuel Meireles. Uma escuta ética de psicologia ambiental. **Psicologia & Sociedade**; 18 (2): 32-37, 2006.

FLORIANÓPOLIS. **Panorama dos Recursos Hídricos de Santa Catarina**. Temas multidisciplinares. Florianópolis, SDS, 2007.

FURTADO, D. J. **Os caminhos da educação ambiental nos espaços formais de ensinoaprendizagem: qual o papel da política nacional de Educação Ambiental?** Rev. eletrônica Mestr.Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 22, janeiro a julho de 2009.

GALZERANI, M. C. B. Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração. In: **Encontro Nacional De Pesquisadores Do Ensino De História**, 3., Campinas, 1999. Anais... Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação da UNICAMP, 1999. p. 99-108.

GARCIA, G. A. Paisaje e identidad cultural. Tabula Rasa, Bogotá – Colômbia, nº 1, p.153-164, 2003. Disponível em: http://www.revistatabularasa.org/numero_uno/Gaponte.pdf. Acesso em 02 de março de 2011.

GEOGRAFIA. Disponível em <https://www.colegioweb.com.br/geografia>. Acesso em 01. De jun. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GILBERT, W. De Magnete. **IX Encontro Educação em Engenharia**, UFF, Brasil, 2003.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro, Bertrand, 2000.

GOMES, R. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) et al. Pesquisa Social: **Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 67-80.

GOMES, R. et al. **Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 185-221.

GUIMARÃES, M. **A Dimensão Ambiental na Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995 (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico) 1995. 107p.

GÜNTHER, H. 2006. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: **Esta é a questão?** Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, 22(2):201-210.

_____, M. **A dimensão ambiental na educação**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

_____, M. FONSECA, Lana Claudia.; OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de.; SOARES, Ana Maria Dantas. A pesquisa na formação do Educador Ambiental. In: REMPEC - **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 3, n. 3, p. 15-26, dez. 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11. ed., 1. reimp. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 1996. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/19878-1996-contagem2.html?edicao=10191&t=sobre> Acesso em: 20 de out 2018.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/> Acesso em 29 de out de 2018.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 20 de out de 2018.

JACOBI, P. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Pesquisa em Educação**. vol.31, n.2, 2002.

JANKOWSKI, N.W.; WESTER, F. 1993. La tradición cualitativa en la investigación sobre las ciencias sociales: **contribuciones a la comunicación de masa**. In: K.B. JENSEN; N.M. JANKOWSKI (eds.), Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas. Barcelona, Bosch, p. 57-91

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, MARTIN W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAGES, Jornal Correio Lageano. **Os bairros de Lages**. Lages, SC, 28 jun. 1998. p.1-4. Lages, SC, 04 mar. 2004. p. 1-8.

_____, **LEI COMPLEMENTAR Nº 523, DE 22 DE AGOSTO DE 2018**. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Territorial de Lages - PDDT-LAGES. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-lages-sc>. Acesso em 22. Out. 2017.

LE SANN, J. G. O papel da Cartografia temática nas pesquisas ambientais. **Revista Brasileira de Cartografia**, Nº 64/3, p. 389-403, 2012 Rovani, F.F.M. & Cassol, R. Departamento de Geografia, São Paulo, v. 16, p. 61-69, 2005.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo. Documentos LTDA. 1969.

LEFF, E. **Educação ambiental e desenvolvimento sustentável**. In: REIGOTA, Marcos. (Org.). Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão. 2ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____, E. Saber ambiental: **sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LIMA, F. R.; MARTINELLI, M. **As unidades ecodinâmicas na Cartografia Ambiental de Síntese**. In: SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO ESTADO DE SÃO

LIMA, L. C. de. **Processo de Planejamento e Implantação do Parque Natural Municipal de Lages – SC com ênfase na Conservação de Bacias Hidrográficas e na Percepção da Comunidade do Entorno.** Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro Tecnológico Programa de Pós-Graduação - Tese em Engenharia Ambiental. Florianópolis, SC, 2007.

LIMONAD, E. **Os lugares da Urbanização: O caso no interior fluminense.** 1996. 247f. Tese de Doutorado (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996

LOUREIRO, C. F. LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza (orgs.). **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico.** São Paulo: Cortez, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. - **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, E.P.U., 1986. 99p.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** – 4. ed. – São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINELLI, M. Cartografia ambiental: uma cartografia diferente? **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n. 7, p. 61-80, 1994.

MARTINELLI, M. **Mapas da geografia e Cartografia temática.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINELLI, M.; PEDROTTI, F. A Cartografia das unidades de paisagem: questões metodológicas. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 14, p. 36-46, 2001.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MEDINA, N. M. **A formação dos professores em Educação Ambiental.** In: Panorama da educação ambiental no ensino fundamental / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília:MEC ; SEF, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas.** Campinas, SP: Papirus, 1990.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-5

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica.** São Paulo: Annablume, 2003.

_____, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** – Petrópolis: Vozes, RJ, 1994.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução de Eliane Lisboa. 3ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

_____, E. **O método 4: As ideias**. 4. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2005b

_____, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, Denize. **Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios**. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, jul./ago. 2011.

NETO, M. **Pesquisa para o Planejamento — Métodos e Técnicas: roteiro para elaboração de projetos**. Rio de Janeiro: FGV. 2005.

OLIVEIRA, T. R. F. de. **Biblioteca escolar: espaço que medeia informação e cria laços de pertencimento**. 2016. 87f. Monografia (Especialização em Gestão de Biblioteca Escolar) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2016.

PÁDUA, S. M. **Importância da Educação Ambiental na Proteção da Biodiversidade do Brasil**. Em Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp> Acesso 12 de ago de 2018.

PEDRINI, A. de G. **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PENA, R. F. Alves. **"O que é Urbanização?"**; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-urbanizacao.htm>>. Acesso em 22 de outubro de 2017.

PINTO-COELHO, R. M. **Fundamentos em ecologia**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PONTALTI, E. S. **Projeto de Educação Ambiental: Parque Cinturão Verde de Cianorte**. Disponível me: <http://www.apromac.org.br>. Acesso em: 20 de mai. 2008.

LAGES, **Projeto Político Pedagógico - PPP**. [S.1.: s.n.] p. 30- 33, fevereiro de 2017.

PONTOS CARDEAIS. Disponível em <https://www.significados.com.br/pontos-cardeais/>. Acesso em 01 de jun. 2018.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da universidade Estadual Paulista, 1996.

QUARESMA, S. J. Durkheim e Weber: **inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo**. In Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. vol. 2, 1: 81 – 89, 2005.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

REINFELD, N.V. **Sistemas de reciclagem comunitária**. Trad. José Carlos B. dos Santos. São Paulo: MakronBooks, 1994, apud: CORTEZ, Ana Tereza. “A coleta seletiva e reciclagem de

resíduos sólidos urbanos”. In: CAMPOS, Jayme de Oliveira, BRAGA, Roberto e CARVALHO, Pompeu Figueiredo de. Manejo de resíduos: pressuposto para a gestão ambiental. Rio Claro: laboratório de planejamento municipal – Deplan – IGCE UNESP, 2002, p.45.

RELPH, Z. C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, n. 4, v. 7, p. 1-25, 1979.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Adriana Ponci Palumbo. **Fazendo ponto: trajetória de Adolescentes em Situação de Exploração Sexual em Lages - SC**. 2004. 203 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ROUX, Anne Le. (Coord.). **Enseigner le paysage?** Ecole élémentaire, collège, lycée, IUFM, 2001. 106 p. Rover Net - Geografia, Brasil, 2001.

ROSA DOS VENTOS. Disponível em <https://www.significados.com.br/rosa-dos-ventos/>. de acesso 01.06.18.

SANTA CATARINA, **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 1998. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/graduacao/proesde/curso-de-extensao/midiateca/proposta-curricular-de-santa-catarina> Acesso em 18 de jul de 2018.

_____. Governo. **Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente**. Disponível em: <http://www.sc.gov.br/conhecasc/historia> Acesso em: set. 2017.

_____. Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento. Subsecretaria de Estudos Geográficos e Estatísticos. **Atlas escolar de Santa Catarina**- Rio de Janeiro, Aerofot Cruzeiro, 1991.

SANTOS, A. S. R dos, **Educação ambiental e o poder público**. 2000. Disponível em <http://www.ultimaarcadenoe.com.br/educacao-ambiental> Acesso em 13/02/2018.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008. [HUCITEC,1988]

_____, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002. 384p.

_____, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

_____, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2000.

_____, M. **Espaço e Método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

_____, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____, M. **Sociedade e espaço**: a formação social como teoria e como método, Boletim Paulista de geografia, nº 54, 1977.

_____, M. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional.

_____, M. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____, M. **Paisagem e Espaço**. In: SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. 4. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SANTOS, R. F. dos. **Planejamento Ambiental**: teoria e prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2004. São Paulo: Hucitec, 1994.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D., GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: **pistas teóricas e metodológicas**. Rev. Bras.de História & Ciências Sociais. n. I, p. 1-15, jul., 2009.

SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. Traduzido por Gabrielle Corrêa Braga. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (Org.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. p. 12-74

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, A. A. D. da. A idéia de conectividade em Vidal de La Blache. In: SILVA, Aldo Aloísio Dantas da; GALENO, Alex (Orgs.). **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SOUZA, A. K. **A relação escola-comunidade e a conservação ambiental**. Monografia. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2000.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. In: SUERTEGARAY, Dirce M. A.; BASSO, Luis A.; VERDUM, Roberto. *Ambiente Lugar no Urbano – A Grande Porto Alegre*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 13-34.

_____, D. M. A. **Ambiência e pensamento complexo: resignific(ação) da geografia**. In: SILVA, Aldo Aloísio Dantas da; GALENO, Alex (Orgs.). *Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

TAVARES, E. **Olímpia Gayo visita ao diabo" é lançado em Lages**. Elaine Tavares: Palavras Insurgentes. [S. I.], 30 mar. 2014.

THOMÉ, N. A devastação da floresta da araucária e a indústria da madeira na região do contestado no século XX: o caso de Caçador. In: **Anais do II Encontro de Cientistas Sociais – Problemática regional e aportes para o futuro – UNOESC (SC), UNIJUÍ (RS), UNAM (Argentina) – Chapecó (SC)**, 1994. p. 207 – 235

TROLL, C. A paisagem geográfica e sua investigação. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n. 2, p. 7, jun.1997.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**. São Paulo, Difel, 1983 (orig. 1977).

_____, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VASCONCELLOS, H. S. R. A pesquisa-ação em projetos de Educação Ambiental. In: PEDRINI, A. G. (org). **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. Petrópolis, Vozes, 1997.

VILA, R. Pena i. **Paisaje y educación ambiental**. In: Manual de Ciencia del Paisaje. Teoría, métodos y aplicaciones. Aleu, S.A., Barcelona, 1992. p. 221-232.

ZACHARIAS, A. A. **A apresentação gráfica das unidades de paisagem no zoneamento ambiental: um estudo de caso do município de Ourinhos-SP**. 2006. 200 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, 2006.

ZACHARIAS, A. A. **A representação gráfica das unidades de paisagem no zoneamento ambiental**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2010.

ZACHARIAS, A. A. As categorias de análise da Cartografia no mapeamento e Síntese da paisagem. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 2, n. 1, p. 33-56, 2008.

ZACHARIAS, A. et al., A cartografia de síntese no planejamento e gestão ambiental. In: XIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA (Comunicação Coordenada). 2009, Viçosa. **Anais...** Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2009. 1 CD-ROM.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

O Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar em uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se o Senhor (a) não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não lhe causará nenhum prejuízo. Se o Senhor (a) concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável pela pesquisa. Obrigado (a) pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, _____, residente e domiciliado _____, portador da Carteira de Identidade, RG _____, nascido(a) em ____/____/_____, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) da pesquisa **“CARTOGRAFIA AMBIENTAL: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES E MORADORES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO ESCOLAR”**. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1. O estudo se refere a compreender a percepção ambiental de professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre a transformação da paisagem no entorno escolar e as implicações da educação ambiental formal nesse processo.
2. Pretende-se com essa pesquisa: Discutir a educação ambiental formal como estratégia de fortalecimento da comunidade escolar quanto às transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar; realizar levantamento documental junto aos moradores do bairro, a escola e a Prefeitura de Lages e outras fontes que registrem as transformações ambientais e da paisagem do entorno escolar; identificar a percepção ambiental dos professores e moradores do bairro Santa Clara – Lages (SC) sobre o entorno escolar; descrever a escola EMEB. Cel. Manoel Thiago de Castro como espaço de referência do bairro Santa Clara – Lages (SC).
3. Participarão da pesquisa Professores e Moradores que fazem parte do entorno escolar no Bairro Santa Clara. Serão aplicados dez questionários, sendo cinco para moradores e cinco com professores (a). Após aplicação dos questionários, serão selecionados dois moradores e dois professores (a), para as entrevistas narrativas, conforme o perfil necessário a partir do objetivo da pesquisa.

4. Os participantes dessa pesquisa deverão ser: a) Professores efetivos, com no mínimo cinco anos de atuação docente na escola, podendo esses estarem inativos; b) moradores do entorno da escola, que residam na comunidade no mínimo há dez anos.
5. Para conseguir os resultados desejados, a pesquisa será realizada mediante aplicação de questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, possibilitando conhecer o perfil do sujeito da pesquisa em consonância com os objetivos do referido estudo. Os questionários contêm: Dez perguntas para professores e dez para os moradores.
6. Para conseguir os resultados desejados os questionários serão aplicados nas dependências de uma escola no entorno escolar do bairro Santa Clara, com prévia autorização da gestora da referida unidade de ensino. O dia, local e horário combinado/agendado com os sujeitos da pesquisa, mediante a disponibilidade dos mesmos.
7. Os riscos ao participar dessa pesquisa são mínimos, porém se durante sua participação surgirem lembranças que provoquem sentimentos como: constrangimento, melancolia, tristeza ou até mesmo desconforto com relação à abordagem de algum assunto, você será encaminhado pelo pesquisador para o setor de Psicologia da Uniplac de forma GRATUITA, para que assim, receba todos os atendimentos necessários, além do apoio e atenção do pesquisador durante todo o processo.
8. Se, no transcorrer da pesquisa, tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar pode procurar o pesquisador, Cristian Roberto Antunes de Oliveira, no seguinte contato: (49) 99941-7463.
9. O Senhor (a) tem a liberdade de não participar ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo a sua saúde ou bem-estar físico.
10. As informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e; em caso de divulgação em publicações científicas, os seus dados pessoais não serão mencionados. Os questionários respondidos serão arquivados pelo pesquisador por um período de quatro (04) anos, sendo que, posteriormente, ao término deste prazo, o material será destinado para incineração.
11. Caso desejar, poderá pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa, na UNIPLAC: Av. Castelo Branco, 170 – PPGE (CCJ), setor de apoio a Pós-graduação, ou pelo contato do pesquisador: (49) 99941-7463.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar (ou que meu dependente legal participe) desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Lages, _____ de _____ de _____

(nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

Responsável pelo projeto: Cristian Roberto Antunes de Oliveira
E-mail: cristian.antunes8@hotmail.com (49) 99941-7463
Endereço para contato: UNIPLAC: Av. Castelo Branco, bloco do CCJ.
Bairro Universitário
Cep: 88.509-900, Lages- SC
(49) 99941-7463

CEP UNIPLAC

Endereço: Endereço para contato: UNIPLAC: Av. Castelo Branco, bloco I- Sala 1226.
Bairro Universitário
Cep: 88.509-900, Lages- SC
(49) 3251-1086
Email: cep@uniplaclages.edu.br e cepuniplac@gmail.com

APÊNDICE 2- TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM – GESTORA**TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM**

Eu, _____, portador (a) da Carteira de Identidade, RG _____, Gestor (a) responsável pela Escola Municipal de Educação Básica Cel. Manoel Thiago de Castro– Lages (SC), autorizo o pesquisador Cristian Roberto Antunes de Oliveira, Mestrando em Educação pela UNIPLAC- Turma 2017, a utilizar as imagens contidas nos arquivos da biblioteca (portfólios e álbuns de fotografias) bem como as imagens que constam como anexo no Projeto Político Pedagógico dessa unidade de ensino, para auxiliar na elaboração da dissertação intitulada, **“CARTOGRAFIA AMBIENTAL: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES E MORADORES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO ESCOLAR”**. Ainda assim, autorizo a divulgação dessas imagens na referente pesquisa.

Lages, ____ de _____ de _____.

Assinatura Gestor (a) ou responsável pela instituição

**APÊNDICE 3- TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM- ALBÚNS DE FOTOGRAFIAS/
ARQUIVO PESSOAL DOS MORADORES**

TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM

Eu, _____, portador (a) da Carteira de Identidade, RG _____, Morador (a) do Bairro Santa Clara, localizado na cidade de Lages (SC), autorizo o pesquisador Cristian Roberto Antunes de Oliveira, Mestrando em Educação pela UNIPLAC- Turma 2017, a utilizar as imagens contidas em meus arquivos pessoais (álbuns de fotografias, recortes de jornais impressos e fotos avulsas sobre o bairro Santa Clara), para auxiliar na elaboração da dissertação intitulada, **“CARTOGRAFIA AMBIENTAL: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES E MORADORES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO ESCOLAR”**. Ainda assim, autorizo a divulgação dessas imagens na referente pesquisa.

Lages, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Morador (a)

APÊNDICE 4- QUESTIONÁRIO PARA OS MORADORES



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO- MORADORES

Esta pesquisa é parte da Dissertação: “**CARTOGRAFIA AMBIENTAL: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES E MORADORES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO ESCOLAR**”. O autor compromete-se em manter o sigilo de todas as informações que aqui forem coletadas.

a) **IDENTIFICAÇÃO:**

b) **Nome:**

c) **Profissão:**

d) **Idade:** () entre 18 e 25 anos () entre 25 e 35 anos () entre 35 e 45 anos () entre 45 e 60 anos () entre 60 e 65 anos. () entre 60 e 70 anos. () entre 70 e 90 anos.

e) **Gênero:** () Masculino () Feminino

f) **Tempo em que reside no bairro Santa Clara (entorno da escola) :** () entre 10 e 15 anos () entre 15 e 20 anos () entre 20 e 25 anos () entre 25 e 30 anos () entre 30 e 35 anos () entre 35 e 50 anos.

g) **Estudou na escola que fica localizada no Bairro** () Sim () Não Quanto tempo: _____.

h) **Você é natural de Lages- SC?** () Sim () Não

1. Você acha que a escola que existe no bairro é importante para comunidade?

() Sim

() Não

Se você respondeu **sim**, explique por que acha importante?

Objetivo: identificar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a importância da escola para comunidade escolar.

2. Você percebeu o crescimento do bairro Santa Clara em quais dois itens abaixo:
(Obs. você pode assinalar mais de um item nessa pergunta).

- () Infraestrutura do bairro (ex: pavimentação de ruas, construção de bens públicos).
- () Populacional.(Número de moradores cresceu).
- () Construção de moradias no entorno da escola.
- () Aumento do espaço físico da escola.
- () Comércio (ex: mercearias, lojas).
- () Empresas de pequeno e médio porte.
- () Saneamento básico (investimento do poder público nessas questões).

Objetivo: verificar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre o crescimento do bairro Santa Clara, em seus aspectos: populacionais, infraestruturais e comerciais.

3. Sobre sua relação com o Bairro Santa Clara, responda:

- a) Se você pudesse ir morar em outro Bairro você iria () Sim () Não
- b) Você gosta de morar no Bairro Santa Clara () Sim () Não
- c) Você considera o bairro Santa Clara abandonado pelo poder público:
() Sim () Não
- d) A escola do bairro já ajudou você ou alguém de sua família em alguma situação de sua vida pessoal? () Sim () Não
- e) Existe coleta seletiva no bairro? () Sim () Não

Objetivo: analisar a percepção e relação dos sujeitos da pesquisa com o bairro Santa Clara.

4. Paisagem é tudo aquilo que os nossos *olhos podem ver*. Sendo assim, o que você percebeu de mudanças na Paisagem do bairro Santa Clara?

() Sim () Não

Se você percebeu, escreva aqui uma lembrança que você tenha de quando chegou ao bairro de algum lugar e como esse espaço se encontra agora.

Objetivo: analisar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a transformação da paisagem no entorno escolar.

5. Você tem lembranças de como era a escola do bairro quando você chegou para morar no Santa Clara?

() Sim () Não

Se você respondeu que sim, escreva um pouco contando como era:

Objetivo: identificar a relação dos sujeitos da pesquisa com a história da escola, bem como a construção da memória desse lugar.

**Agradecemos sua valiosa participação, pois você faz parte dessa história!
Gratidão!**

APÊNDICE 5- QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO- PROFESSORES

Esta pesquisa é parte da Dissertação: “**CARTOGRAFIA AMBIENTAL: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES E MORADORES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO ESCOLAR**”. O autor compromete-se em manter o sigilo de todas as informações que aqui forem coletadas.

1. IDENTIFICAÇÃO:

- a) **Nome:** _____
_____.
- b) **Escolaridade:** () Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado
- c) **Idade:** () entre 18 e 25 anos () entre 25 e 35 anos () entre 35 e 45 anos () entre 45 e 60 anos () entre 60 e 65 anos. () entre 60 e 70 anos.
- d) **Gênero:** () Masculino () Feminino
- e) **Tempo de atuação na escola:** () entre 5 e 10 anos () entre 10 e 15 anos () entre 15 e 20 anos () entre 20 e 25 anos () entre 25 e 30 anos () entre 30 e 35 anos.
- f) **Ocupou função administrativa na escola:** () Sim () Não Qual
_____.
- g) **Atua ainda na unidade de ensino que é locus da pesquisa:** () Sim () Não

2. Você percebeu que a Paisagem do bairro Santa Clara no entorno escolar se transformou de forma:

- () Pouco Evidente
() Muito Evidente
() Relativamente

Espaço para comentário sobre a referida pergunta:

Objetivo: analisar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a transformação da paisagem no entorno escolar.

3. Você acredita que a escola é referência para formação do bairro Santa Clara:

- () Sim
() Não
() Talvez

Objetivo: identificar a percepção dos professores sobre a importância da escola para formação do bairro Santa Clara.

4. Você conhece o histórico da escola e suas contribuições desde o início da formação do Bairro Santa Clara:

- () Sim
() Não

Se conhecer, quais são suas percepções sobre essas contribuições:

Objetivo: verificar o conhecimento dos sujeitos da pesquisa sobre a história da escola, bem como se compreendem as contribuições da unidade de ensino para formação do bairro Santa Clara.

5. Durante sua atuação docente ou administrativa, você coordenou ou participou de projetos de Educação Ambiental na referida unidade de ensino?

- () Sim
() Não

Se a resposta for **sim**, comente como ele foi realizado:

Objetivo: identificar a participação dos sujeitos da pesquisa na coordenação ou atuação em sala de aula com projetos voltados as temáticas ambientais.

6. Você percebeu o **crescimento** do bairro Santa Clara em quais aspectos durante sua trajetória docente: (**Obs. Você pode assinalar mais de um item nessa pergunta**).

- () Infraestrutura do bairro (ex: pavimentação de ruas, construção de bens públicos).
 () Populacional.
 () Construção de moradias no entorno da escola.
 () Aumento do espaço físico da unidade de ensino que é *locus* da pesquisa.
 () Comércio (ex: mercearias, lojas).
 () Empresas de médio e pequeno porte.
 () Saneamento básico (investimento do poder público nessas questões).

Objetivo: *verificar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre o crescimento do bairro Santa Clara, em seus aspectos: populacionais, infraestruturais e comerciais.*

7. Sobre sua relação com a comunidade escolar, responda as perguntas a seguir:

- a) Você possui uma boa relação com os moradores do bairro? () Sim () Não
 b) Você tem ou tinha o hábito de visitar moradores do entorno escolar? () Sim () Não
 c) Você possui registros por meio de fotografias da sua relação com os moradores do bairro?
 () Sim () Não
 d) Você mora ou já morou no entorno escolar do bairro Santa Clara? () Sim () Não
 e) Você possui uma relação de pertencimento com o bairro Santa Clara? () Sim () Não

Objetivo: *analisar a relação dos sujeitos da pesquisa com o bairro Santa Clara.*

8. Sobre as questões de ocupação e uso do solo no bairro, responda conforme suas **percepções**:

- a) Você percebe a ocupação e uso do solo no entorno escolar de forma consciente? (**Ex.** as pessoas constroem suas residências em áreas adequadas para moradia)?

() Sim () Não

Se não, quais os motivos que você percebe para essas ocupações?

Objetivo: *analisar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a ocupação e uso do solo no entorno escolar.*

9. Durante sua atuação docente, você percebeu ou percebe ainda um fluxo migratório de estudantes na escola?

() Sim () Não

Se a resposta for sim, de quais cidades esses estudantes costumam vir com frequência?

Objetivo: identificar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre o fluxo migratório de estudantes na escola que é locus da pesquisa.

**Agradecemos sua valiosa participação!
Gratidão!**



APÊNDICE 6- ROTEIRO PARA ENTREVISTA NARRATIVA COM OS MORADORES

- 1- Em que ano você chegou ao bairro Santa Clara?
- 2- Você estudou na escola que fica localizada no Bairro?
- 3- Se você estudou na escola, recorda-se de ter participado de Projetos sobre Educação Ambiental/Meio ambiente? Conte um pouco sobre isso.
- 4- Você acha que a escola que existe no bairro é importante para comunidade?
- 5- Você percebeu o crescimento do bairro Santa Clara?
- 6- Você tem lembranças de como era a escola do bairro quando você chegou para morar na Santa Clara?
- 7- Onde está localizada sua residência, você recorda se era uma área que de vegetação nativa?
- 8- Qual a importância da escola do bairro para você e sua família?
- 9- Você tem recordações de como era a paisagem do bairro Santa Clara? Mudou muito?



APÊNDICE 7- ROTEIRO PARA ENTREVISTA NARRATIVA COM OS PROFESSORES

- 1- Em que ano você começou a trabalhar na escola do bairro Santa Clara? E quais funções você ocupou ou ocupa nessa escola?
- 2- Como era a escola nos seus aspectos físicos e pedagógicos, quando você iniciou sua atuação profissional nela?
- 3- Você acha que a escola tem participação na formação do bairro?
- 4- Durante sua trajetória na unidade de ensino do bairro, a escola implantou projetos sociais que envolveram a comunidade?
- 5- Qual o sentimento que você tem com esse lugar? Quais as impressões que o bairro Santa Clara deixou na sua trajetória profissional e pessoal até este momento?
- 6- Você sabe a diferença entre educação ambiental formal e educação ambiental não formal?
- 7- Na escola e em sua sala de aula, há o desenvolvimento de atividades/projetos que possam ser considerados como de Educação Ambiental? Quais?
- 8- A escola contempla o tema transversal meio ambiente de forma satisfatória?
- 9- Você tem recordação de como era a paisagem do Bairro Santa Clara? Você percebeu mudanças durante o tempo da sua atuação docente na instituição de ensino?

ANEXO 1- PARECER DO CEP

UNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES E MORADORES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NO ENTORNO ESCOLAR DO BAIRRO SANTA CLARA- LAGES-SC

Pesquisador: CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 86632918.6.0000.5368

Instituição Proponente: Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.656.033

Apresentação do Projeto:

Projeto de interesse acadêmico, devidamente fundamentado, apresentando argumentos suficientes acerca de sua relevância.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão claramente enunciados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresenta os riscos e os benefícios da pesquisa de acordo com a Resolução 466/2012.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa possui interesse científico e encontra-se fundamentada na bibliografia especializada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os Termos de apresentação obrigatória.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após analisar os quesitos éticos da pesquisa, somos favoráveis à sua realização.

Considerações Finais a critério do CEP:

O desenvolvimento da pesquisa, deve seguir os fundamentos, metodologia e preposições, do modo em que foram apresentados e avaliados por este CEP, qualquer alteração, deve ser imediatamente informada ao CEP-UNIPLAC, acompanhada de justificativa.

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Bloco I - Sala 1226

Bairro: Universitário

CEP: 88.509-900

UF: SC

Município: LAGES

Telefone: (49)3251-1086

E-mail: cep@uniplacages.edu.br

Continuação do Parecer: 2.656.033

O pesquisador deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme descrito na Resolução nº 466/2012.

- a) Desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) Elaborar e anexar na Plataforma Brasil os relatórios parcial e final;
- c) Apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- d) Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- e) Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- f) Justificar fundamentalmente, perante o CEP ou a CONEP. Interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1091498.pdf	23/04/2018 21:42:52		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOCRISTIANREVISADO1.pdf	23/04/2018 21:41:23	CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEREVISADO.pdf	23/04/2018 21:40:49	CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECESSAODEIMAGEMPROFESSORESEMORADORESCRISTIAN.pdf	30/03/2018 21:03:28	CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTOCRISTIAN.pdf	30/03/2018 21:00:02	CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMACRISTIAN.pdf	30/03/2018 20:57:27	CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAODECOMPROMISSODOPEQUISADORCRISTIAN.jpg	30/03/2018 20:52:00	CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE	Aceito
Declaração de Instituição e	DECLARACAODECIENCIAECONCORDANCIACRISTIAN.jpg	30/03/2018 20:51:27	CRISTIAN ROBERTO	Aceito

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Bloco I - Sala 1226

Bairro: Universitário

CEP: 88.509-900

UF: SC

Município: LAGES

Telefone: (49)3251-1086

E-mail: cep@uniplaclages.edu.br

UNIVERSIDADE DO PLANALTO
CATARINENSE - UNIPLAC



Continuação do Parecer: 2.656.033

Infraestrutura	DECLARACAODECIENCIAECONCORD ANCIACRISTIAN.jpg	30/03/2018 20:51:27	OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOCRISTIAN.pdf	30/03/2018 20:49:05	CRISTIAN ROBERTO ANTUNES DE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LAGES, 15 de Maio de 2018

Assinado por:
Odila Maria Waldrich
(Coordenador)

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 - Bloco I - Sala 1226

Bairro: Universitário

CEP: 88.509-900


UF: SC

Município: LAGES

Telefone: (49)3251-1086

E-mail: cep@unipladages.edu.br

ANEXO 2- DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

Lages, SC, 19/02/2018

Com objetivo de atender às exigências para obtenção do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – UNIPLAC, os representantes legais das instituições envolvidos no projeto intitulado “Educação Ambiental: Percepção dos Professores e Moradores sobre a Transformação da Paisagem no Entorno Escolar do Bairro Santa Clara: Lages-SC”. declaram estarem cientes e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que na execução do referido projeto de pesquisa serão cumpridos os termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Cristian R. Antunes de Oliveira

Cristian Roberto Antunes de Oliveira
Mestrando em Educação - UNIPLAC

Luiz Carlos Pflieger

Luiz Carlos Pflieger
Reitor - Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC

Ivana Elena Michaltchuk

Ivana Elena Michaltchuk
Secretária Municipal de Educação
Telefone: 17.098

Ivana Elena Michaltchuk
Secretária Municipal de Educação

Av. Castelo Branco, 170 – Universitário – Lages, SC [(49) 3251.1022 - www.uniplac.net]